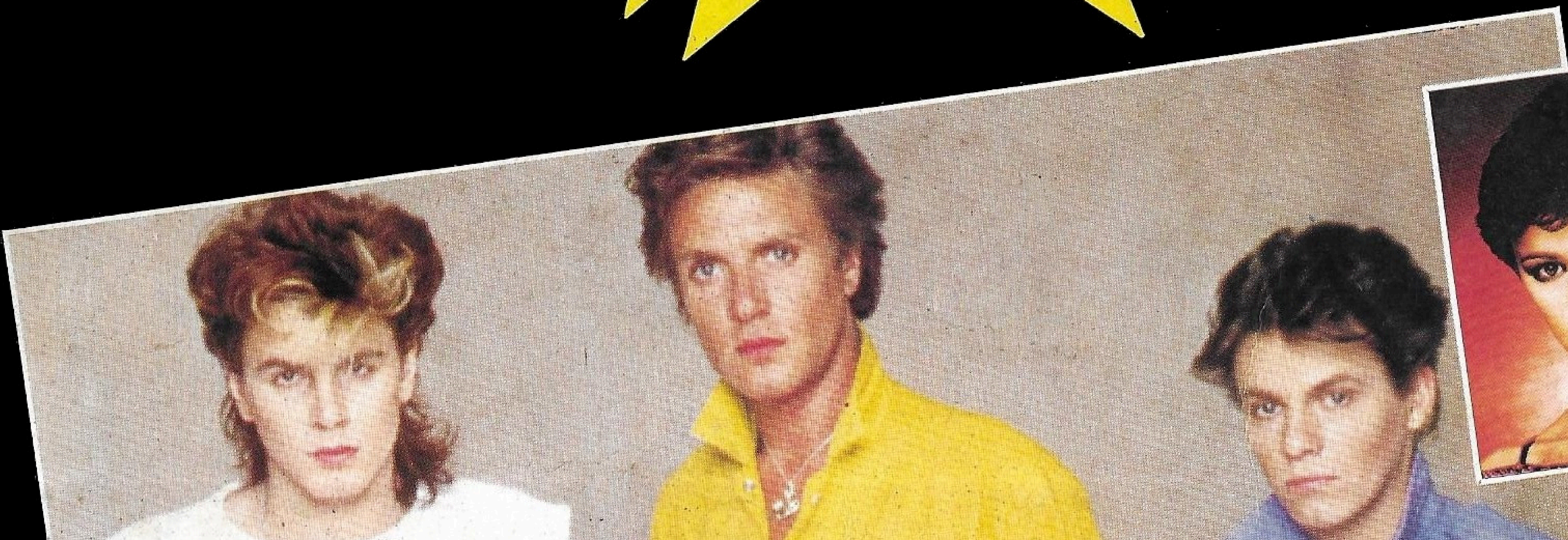
MUSIC STARS





ÍDOLOS DA MÚSICA

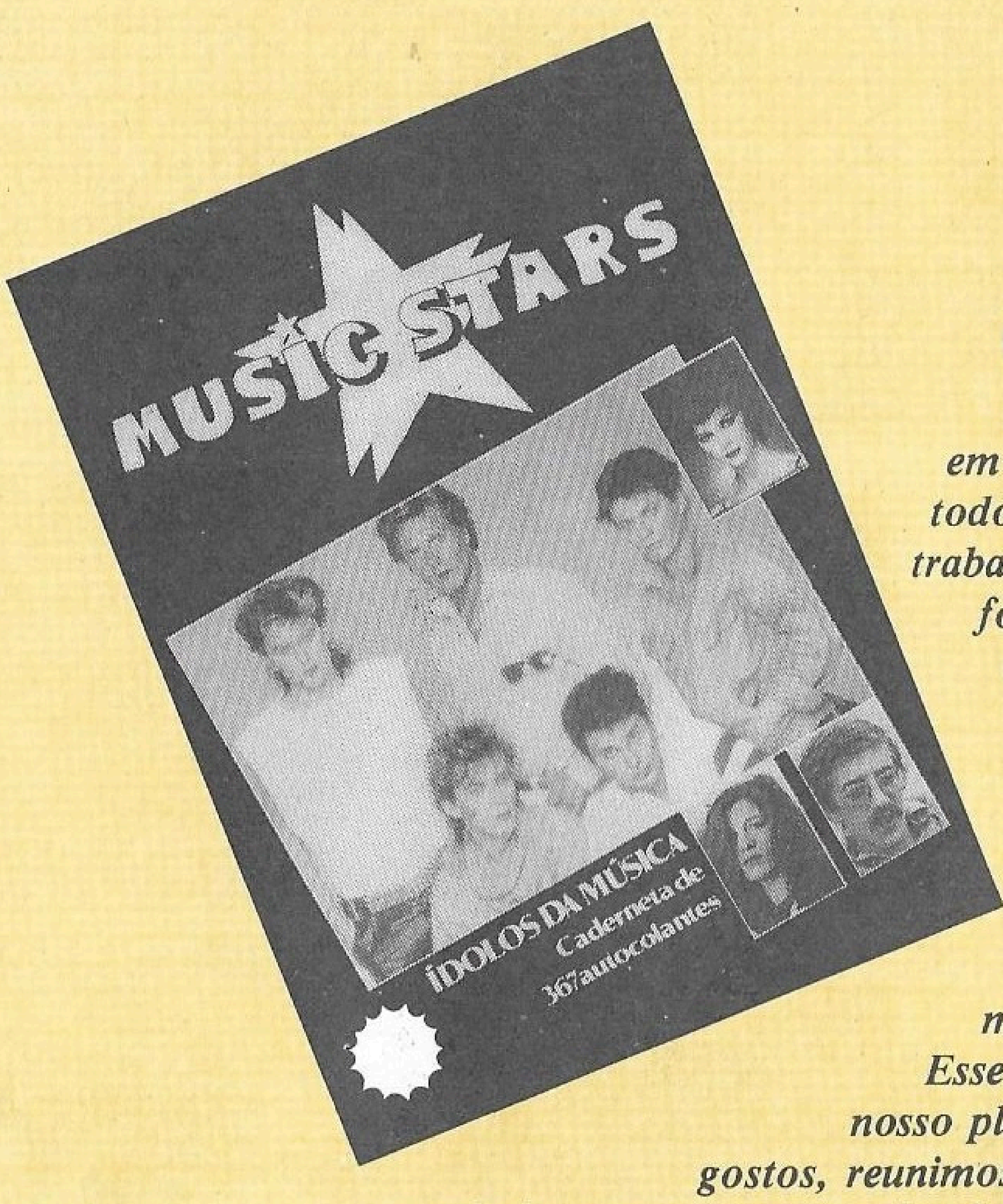
Caderneta de 367autocolantes





100 mil Posters
2 mil Discos

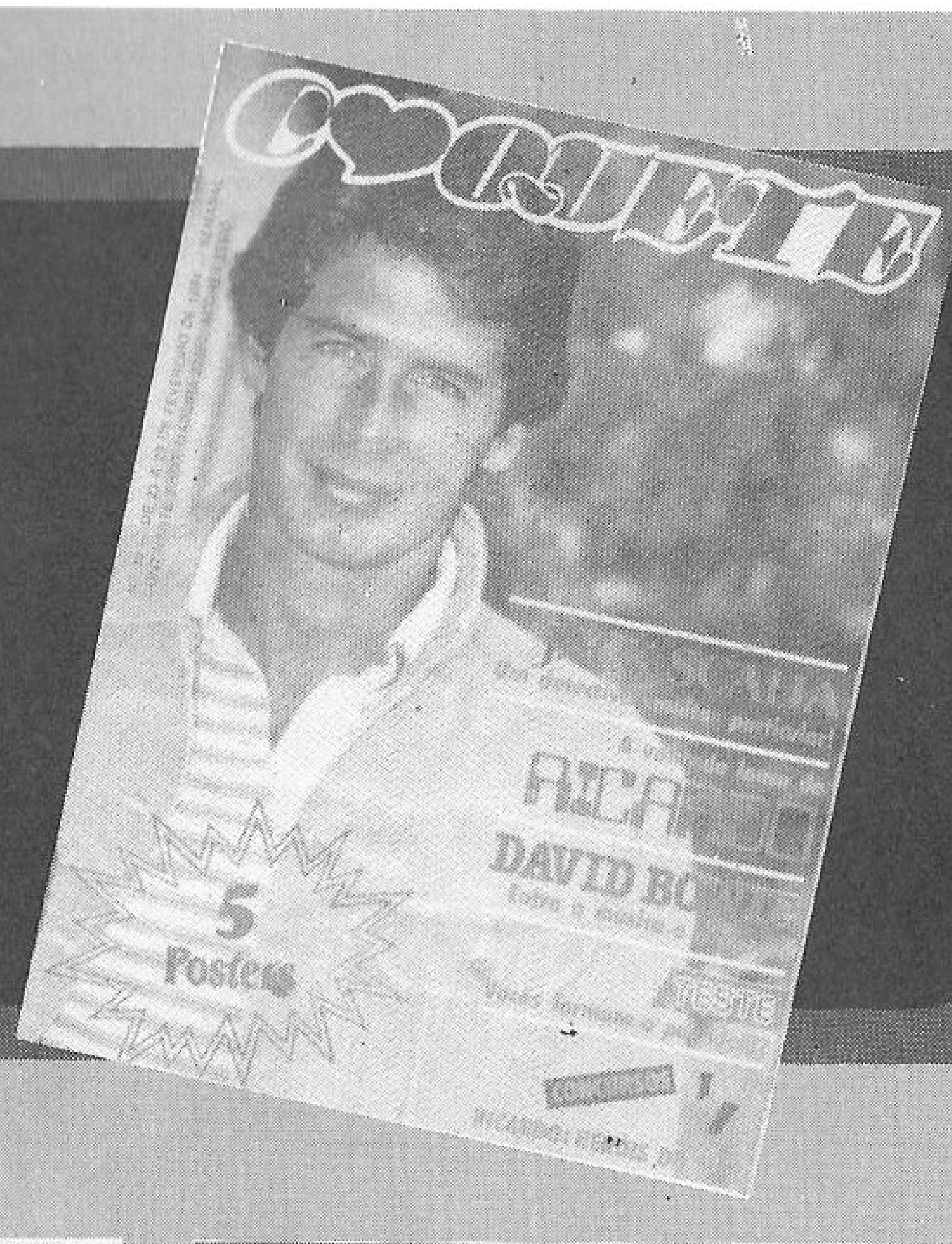
MUSIC STARS

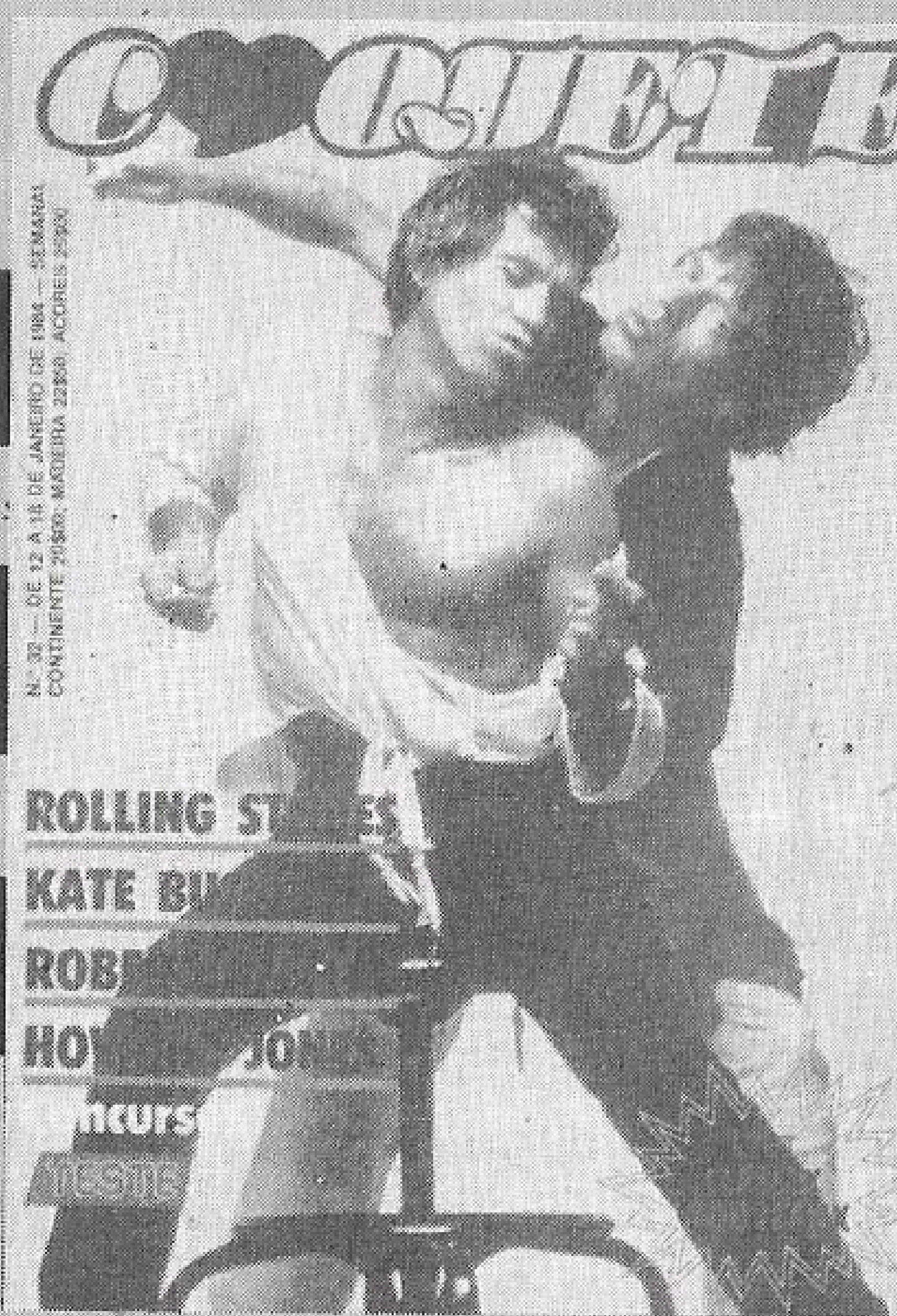


Como deves saber, "Music Stars" é a primeira colecção de autocolantes de figuras de primeiro plano da música à venda em Portugal. Pretendeu-se reunir num só álbum de autocolantes todos os teus ídolos da música. "Music Stars" é o produto desse trabalho que, esperamos, deverá ser do teu agrado. Para, de certa forma, completar e valorizar esta colecção, inserimos ao longo das páginas deste álbum três textos. Um respeitante à música que se faz em Portugal; outro à que se faz além fronteiras; o último pretendendo ser um olhar sobre o futuro da música nacional e estrangeira. O álbum torna-se assim, para além do local natural onde deves colar os autocolantes, um excelente meio de consulta para algumas das dúvidas que, em relação à música, te assaltam. A selecção das figuras musicais a inserir na colecção foi, como deves calcular, difícil. Essencialmente, pelo grande número de músicos que habitam este nosso planeta. No entanto, levando sempre em linha de conta os teus gostos, reunimos 167 que, pensamos serem os mais importantes. É, portanto, possível encontrar nesta colecção grupos tão díspares como os Duran Duran e os Whitesnake, Culture Club e Van Hallen; ou músicos tão diferentes quanto Júlio Iglésias e Ian Gillan, Rui Veloso e Marco Paulo, etc. Como vês, variedade é coisa que não falta... No caso dos autocolantes referentes a grupos, especialmente nestes, recomendamos que tenhas o máximo cuidado ao colá-los. O seu grau de aderência é elevado, não permitindo, portanto, ser colado e descolado. No entanto, pensamos que o trabalho de reunir as quatro partes desses autocolantes, para além de não ser muito difícil, será amplamente recompensado quando o teu álbum ficar completo.

A NOVA REVISTA MUSICAL

COQUETE

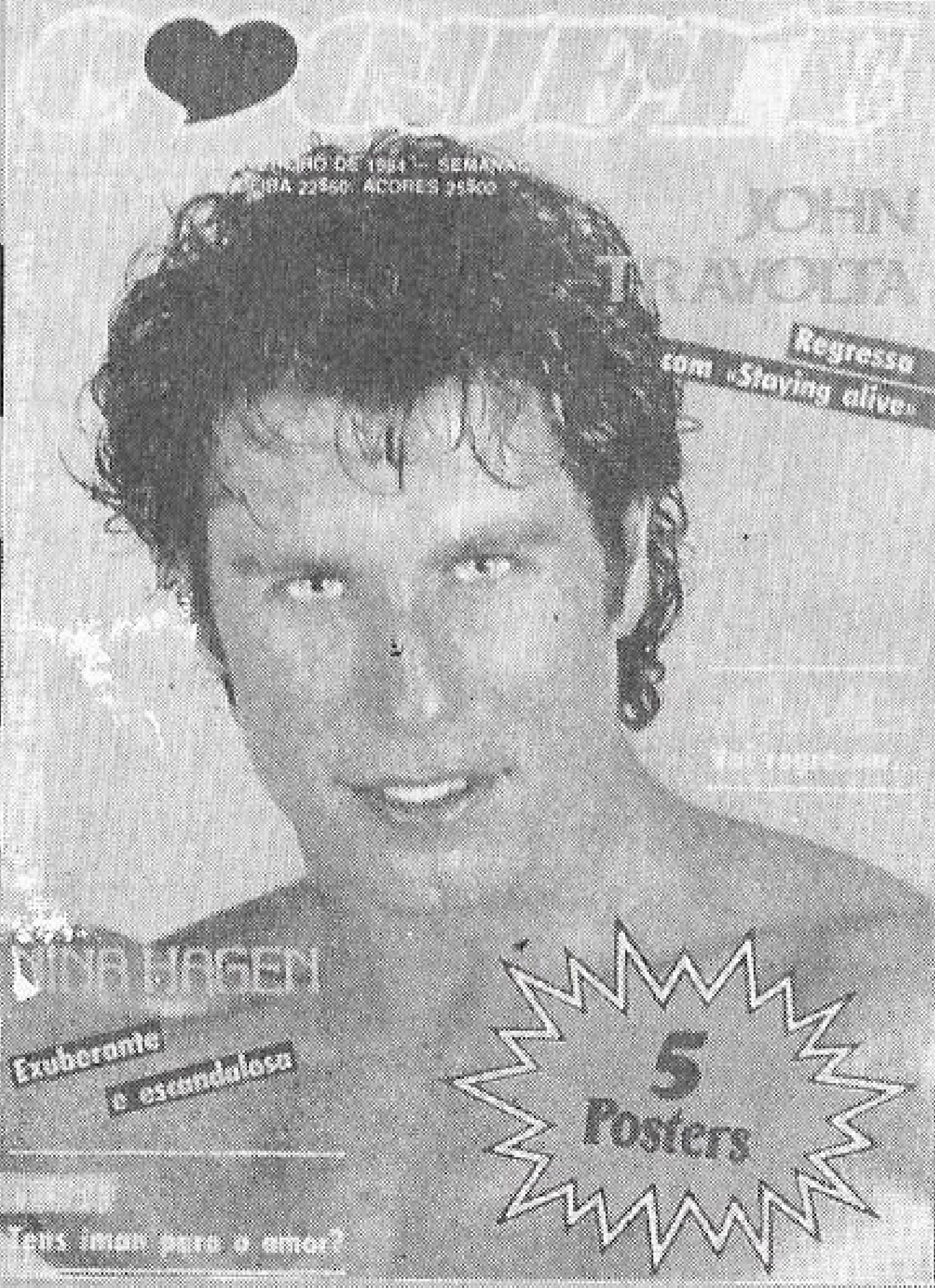


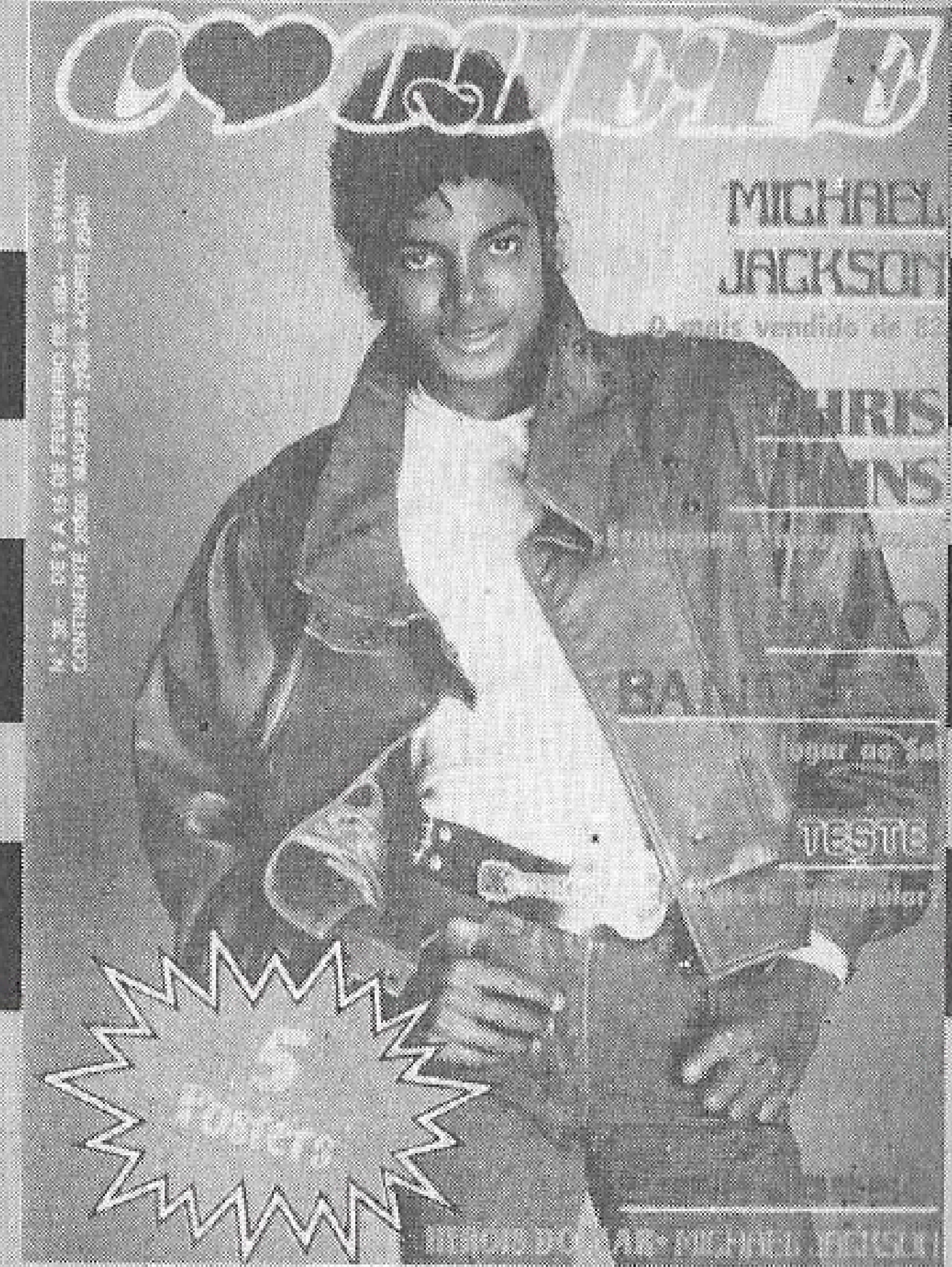






Uma revista com música por dentro!

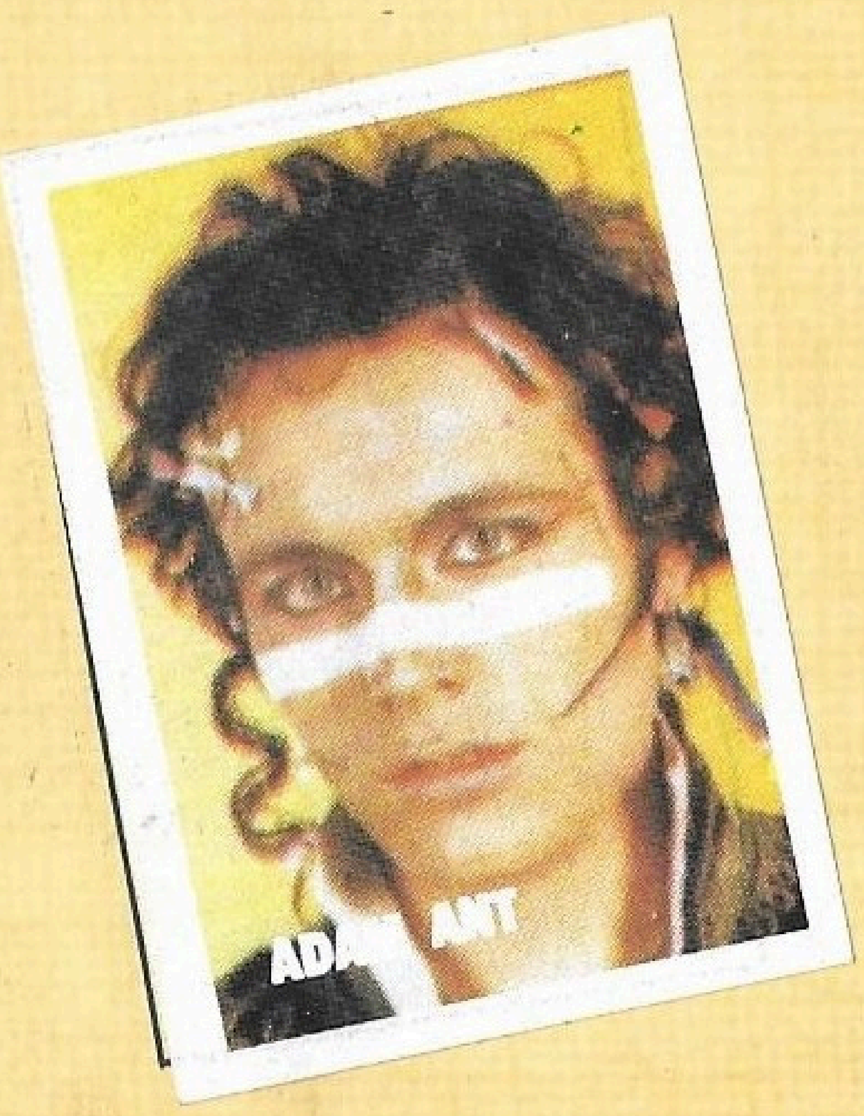


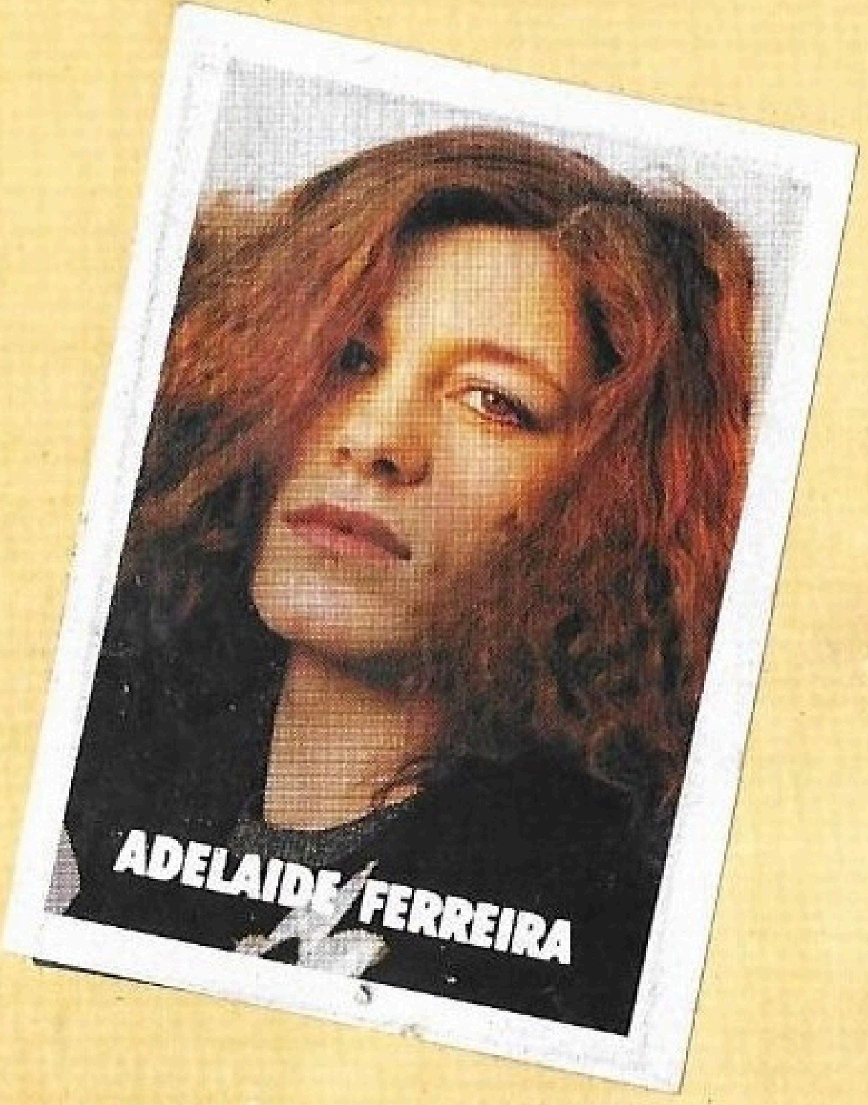




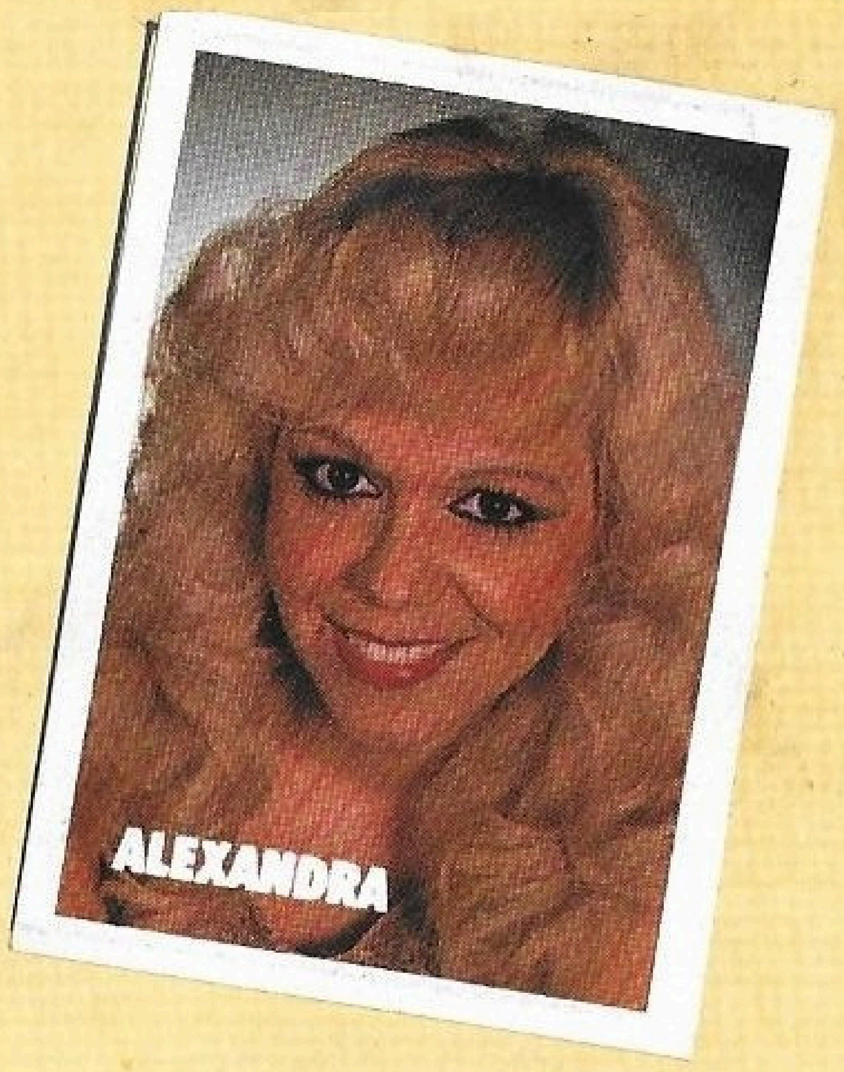
Uma espectacular revista musical com todo o ritmo do Mundo.
Todas as semanas encontrarás nas páginas da Coquete tudo sobre as grandes figuras da música.
Entrevistas • top's • os últimos lançamentos em disco • letras de canções
• concursos • posters e muito mais

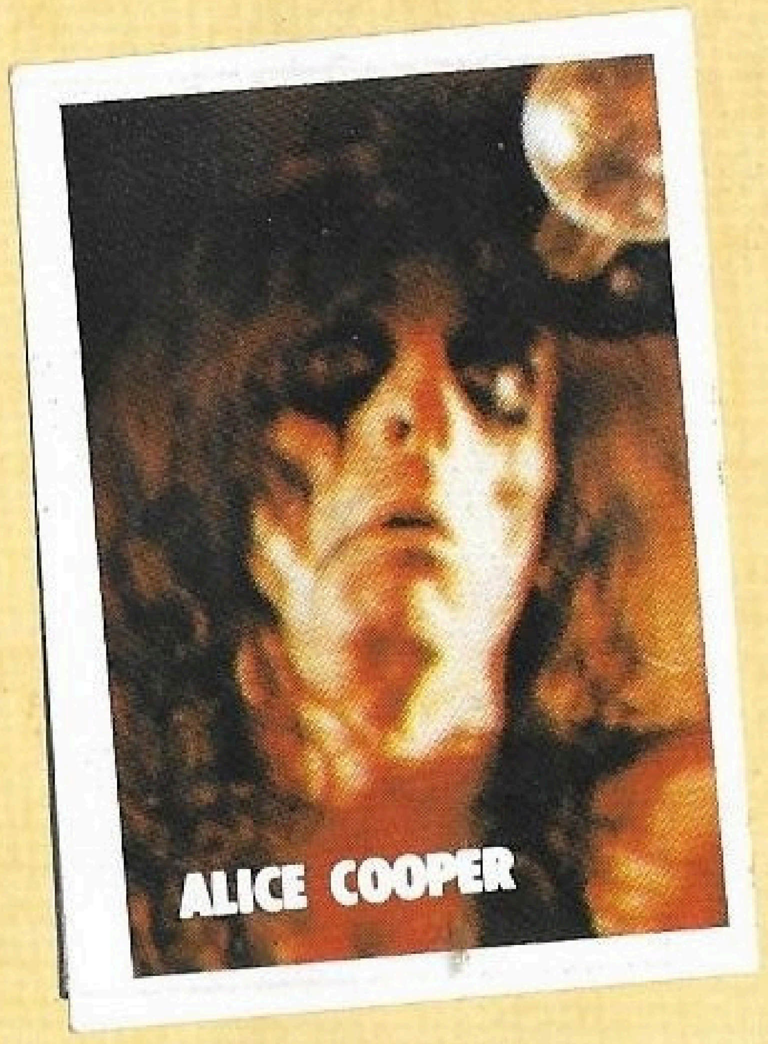
MUSIC STARS

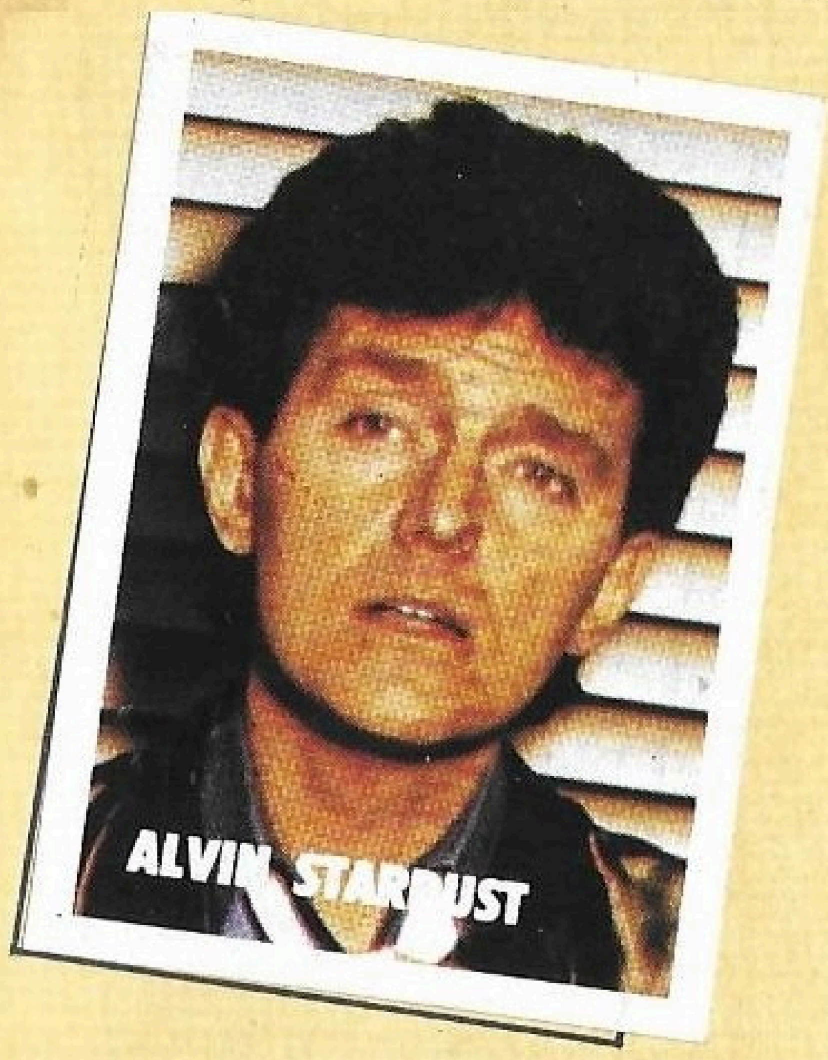

ADAM ANT


ADELAIDE FERREIRA

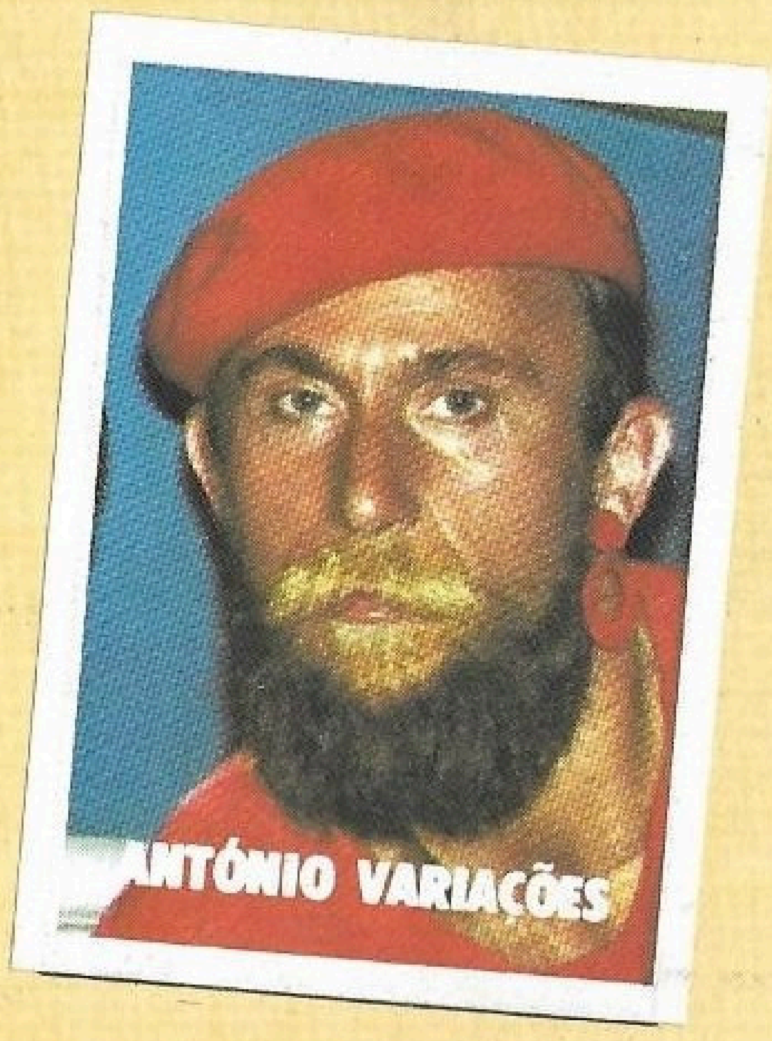

AGNETHA

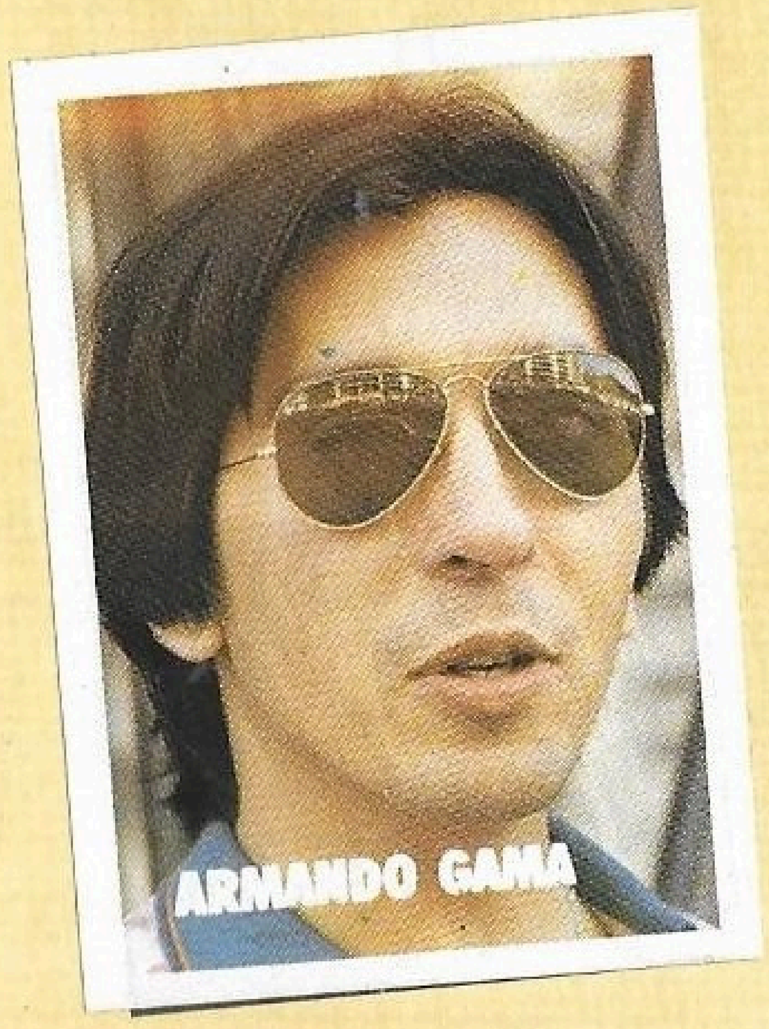

ALEXANDRA


ALICE COOPER


ALVIN STARDUST

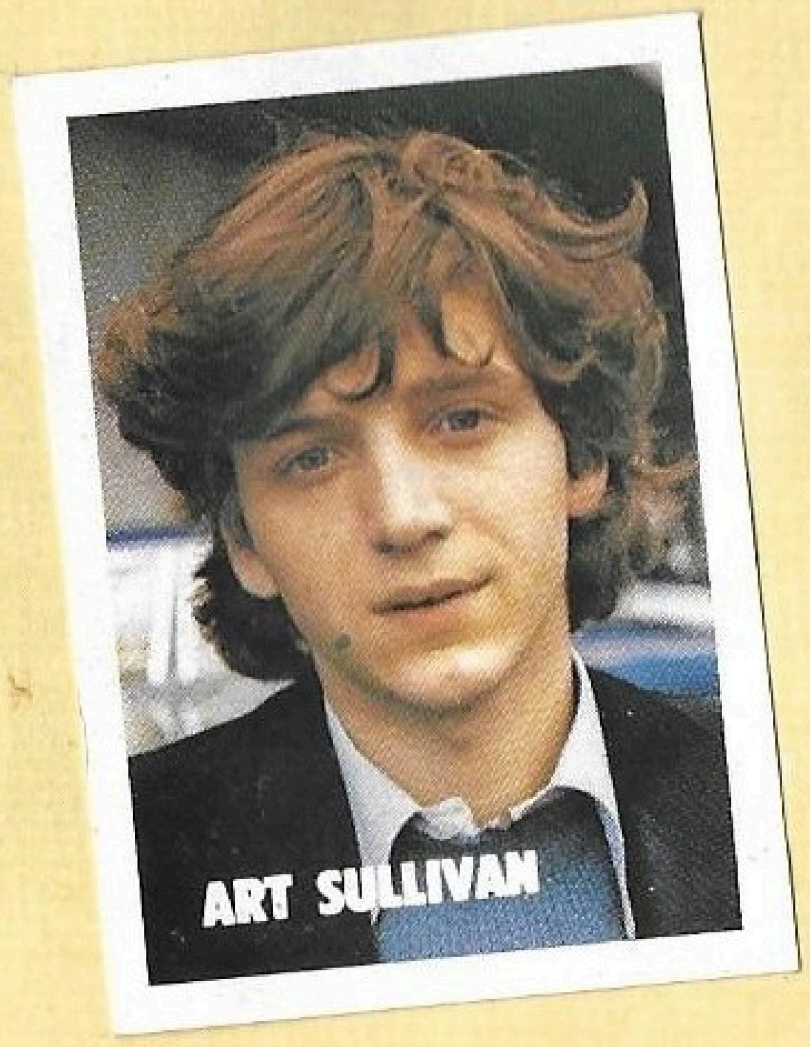

ANA

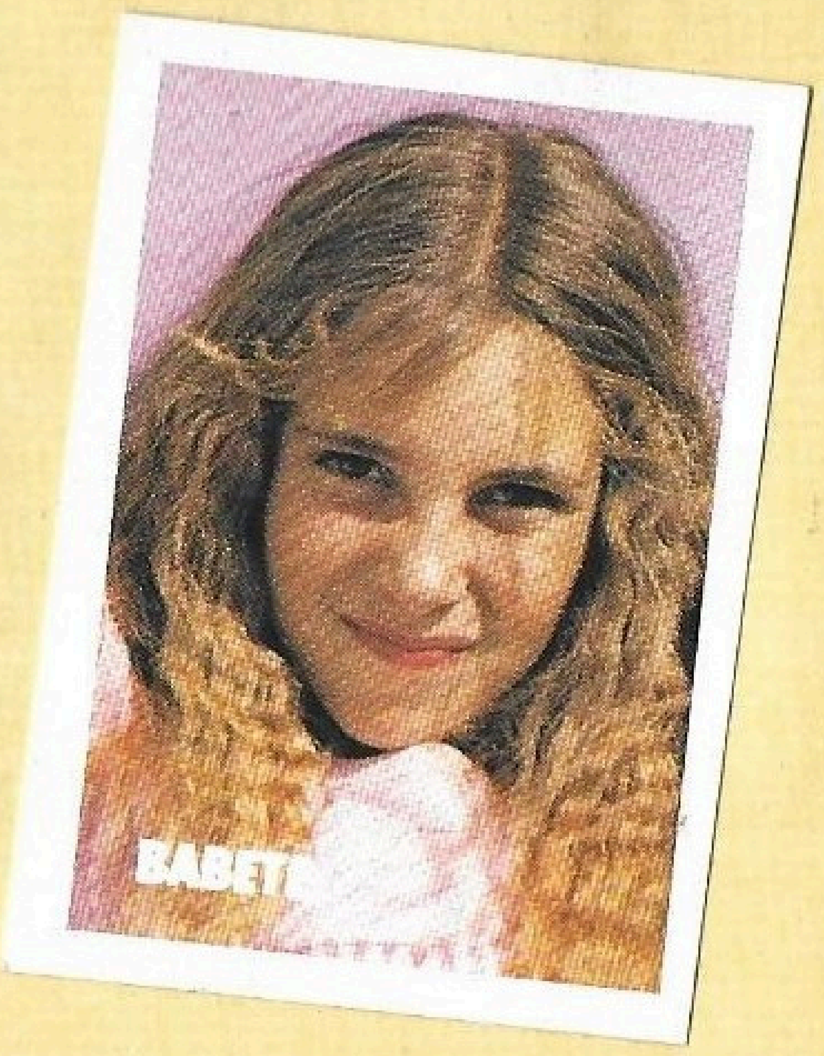

ANTÓNIO VARIAÇÕES

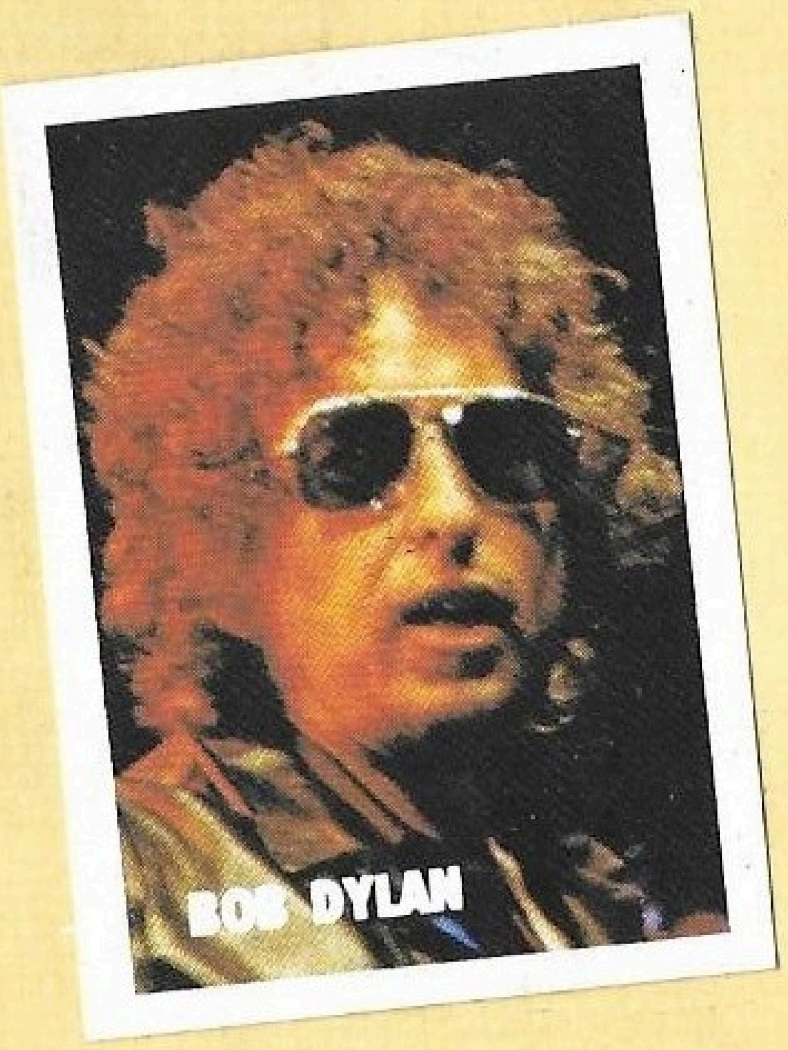

ARMANDO GAMA

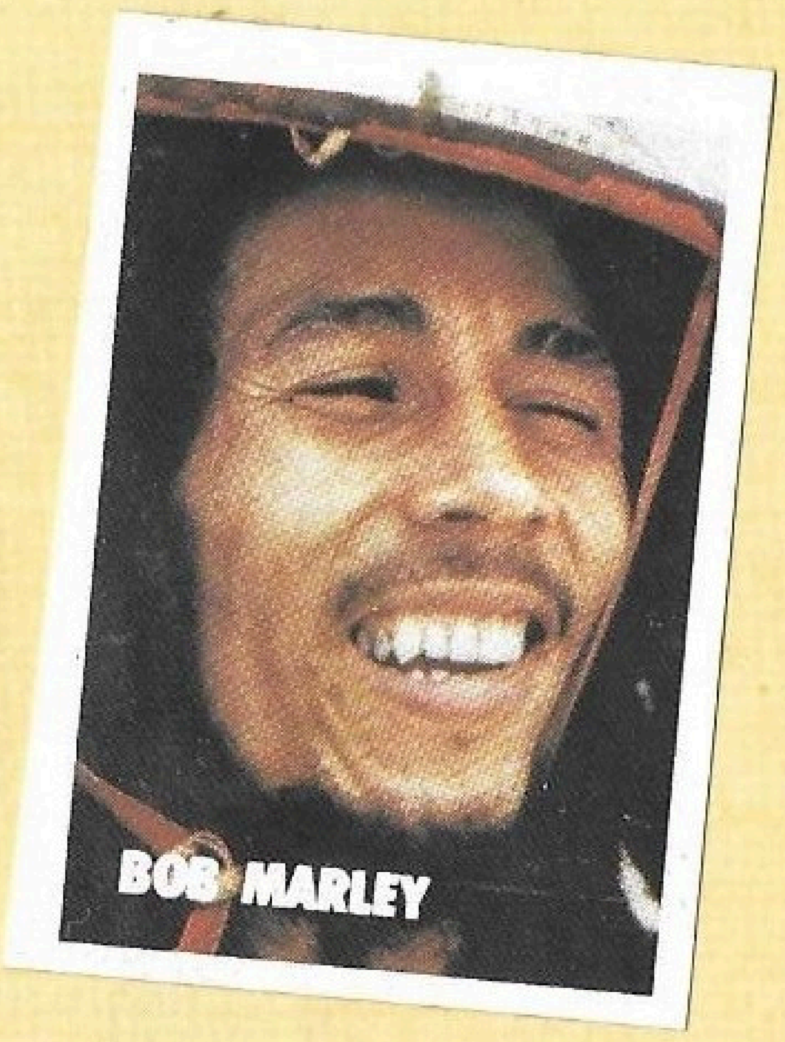
A renovação da música portuguesa

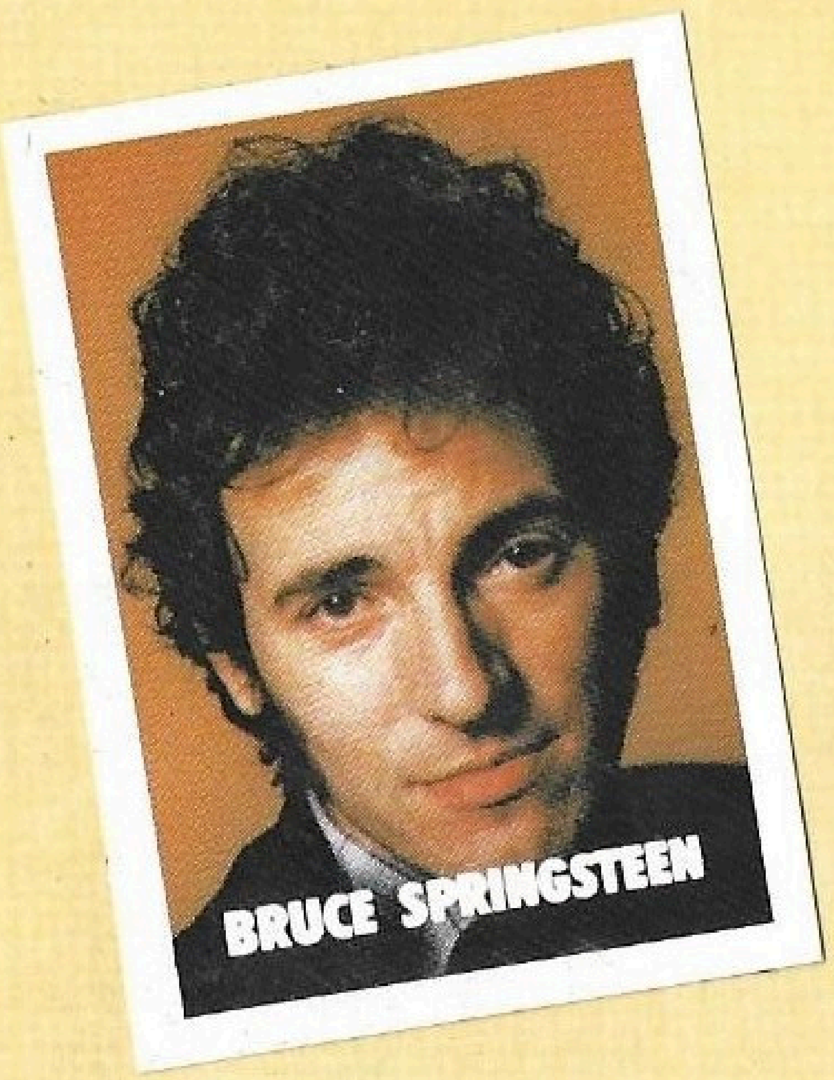
O ano de 1967 ficou conhecido na história musical portuguesa como o ano da grande renovação. Foi em finais desse ano, com "A lenda de el-rei Dom Sebastião" que, surgiu o Quarteto 1111, grupo em que pontificava José Cid e que ousou apresentar uma proposta muito válida para a nova música portuguesa. Proposta assente num pioneirismo que assimilava elementos da cultura musical portuguesa e das mais positivas expressões da música de raíz anglo--americana. Extinto em 1972, dele ficaram êxitos como "Ode to the Beatles", "Uma nova maneira de encarar o Mundo", "Balada para Dona Inês", "Meu irmão" e "João Nada", além de "A lenda...", entre outros que, marcaram decisivamente a década de setenta. Muitos dos nomes implantados no panorama musical português foram influenciados por este grupo, cujo caminho não mais foi retomado pelos descobridores, antes profundamente esburacado por alguns.
Só em 1979 voltou a ocorrer nova mexida na música portuguesa. Porque, até aí, a avaliar pelo que foi publicado entre nós em termos de música pop portuguesa, ao longo dos sete anos pós--Quarteto 1111, teremos de concluir por um saldo bem





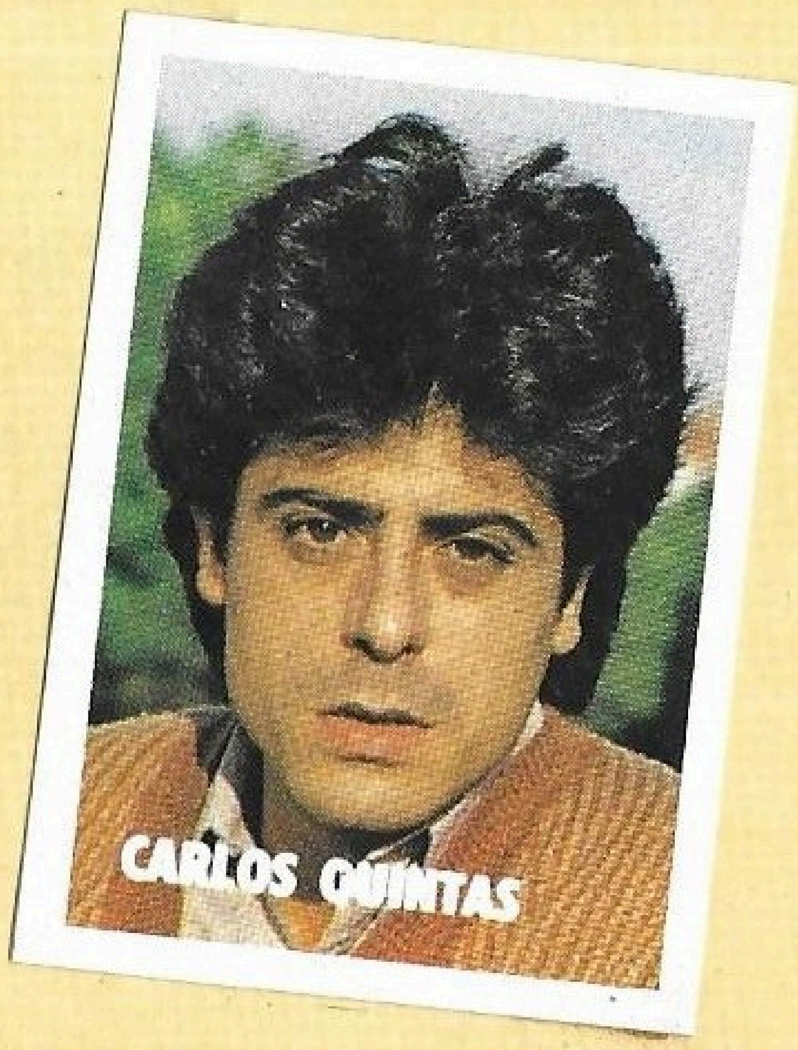






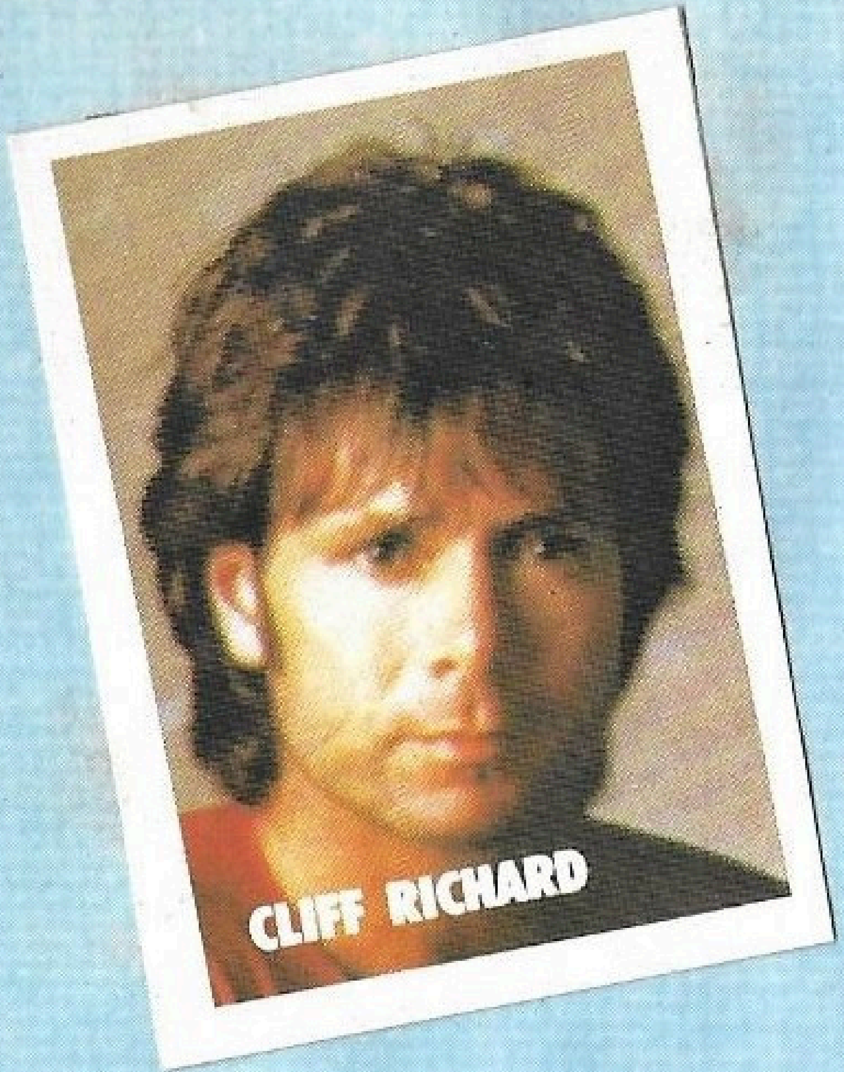


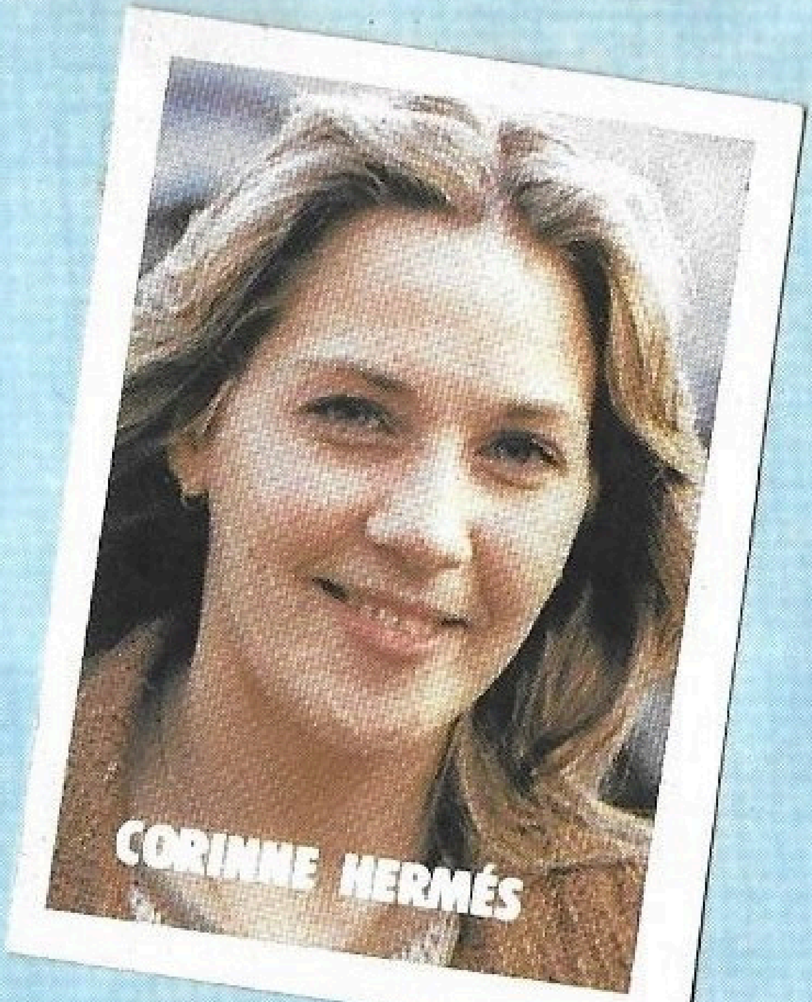




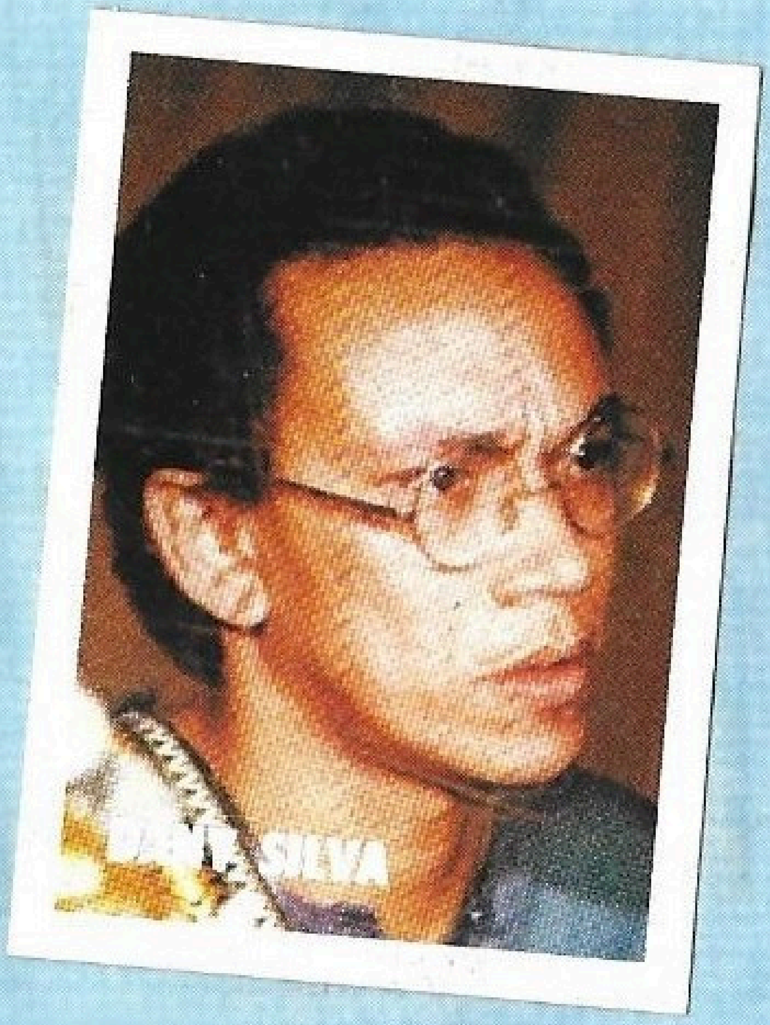


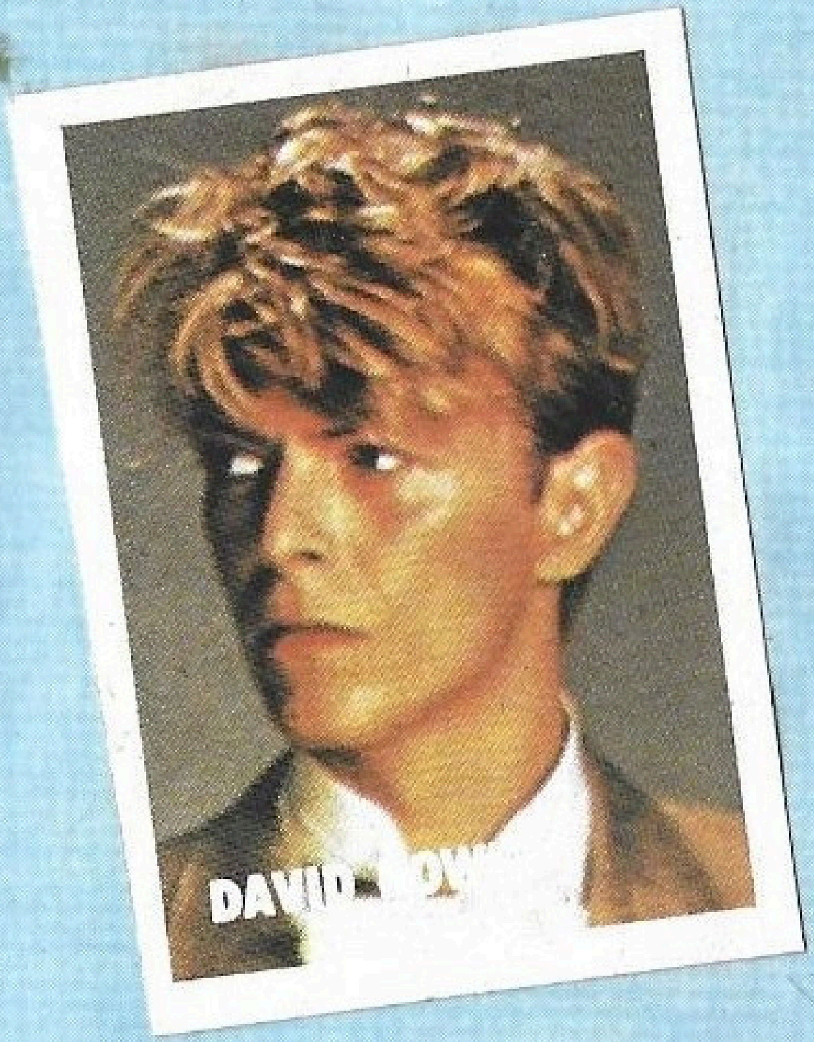
MUSIC STARS

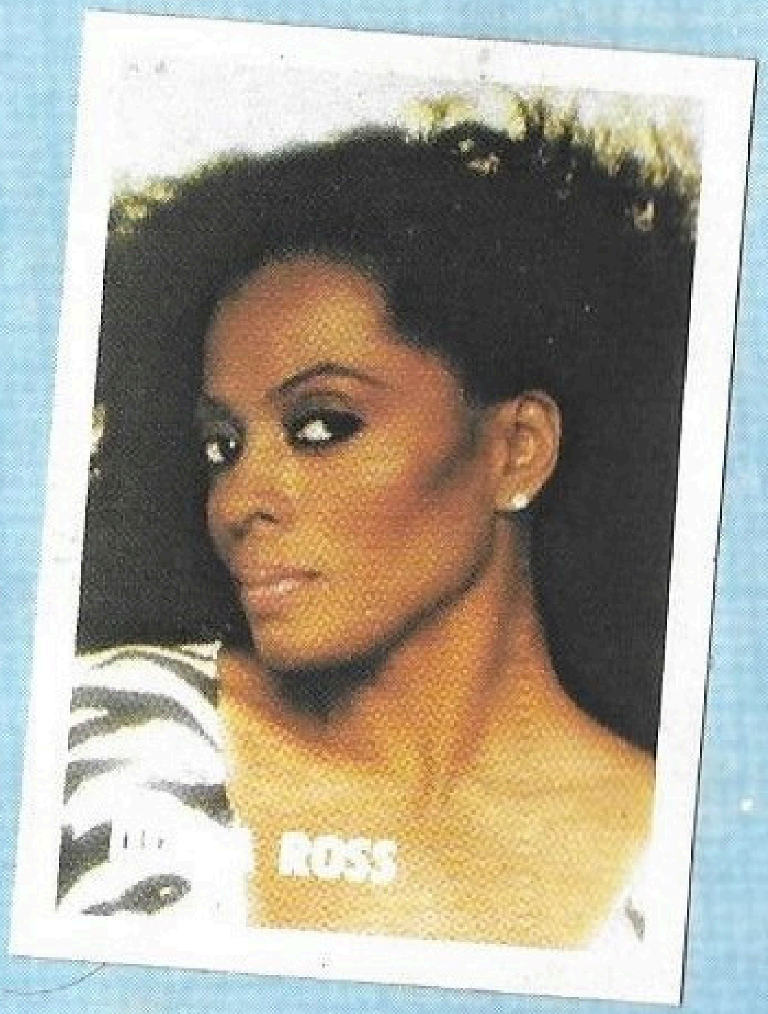


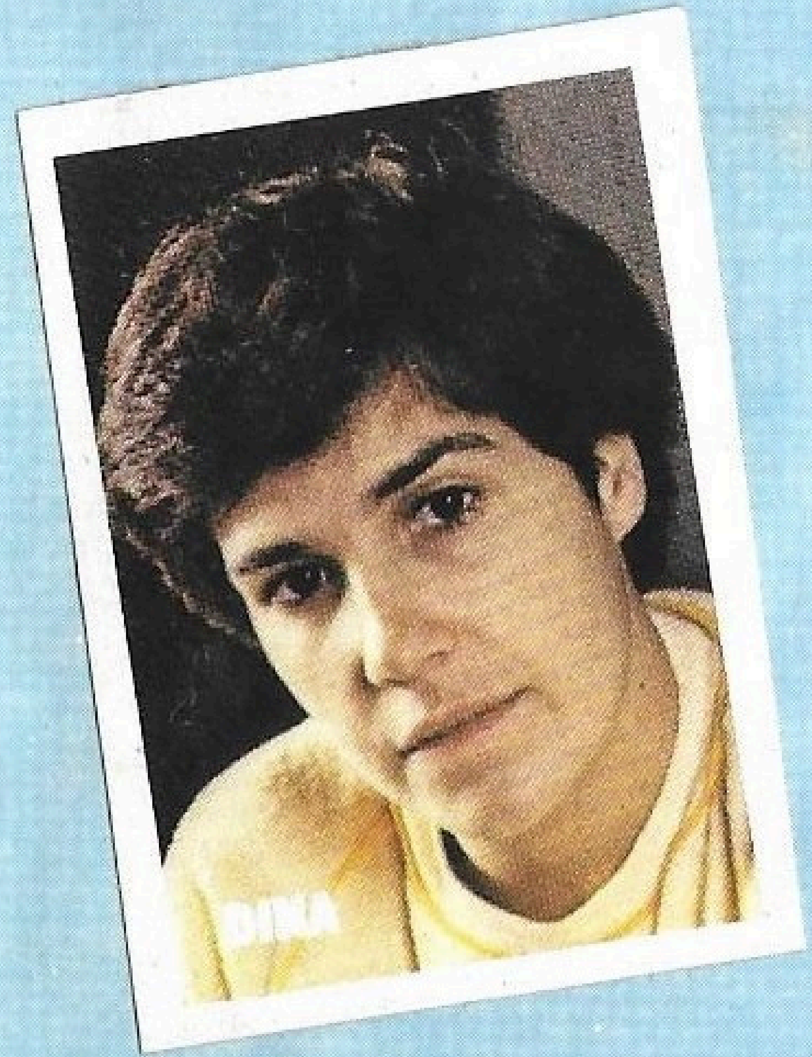




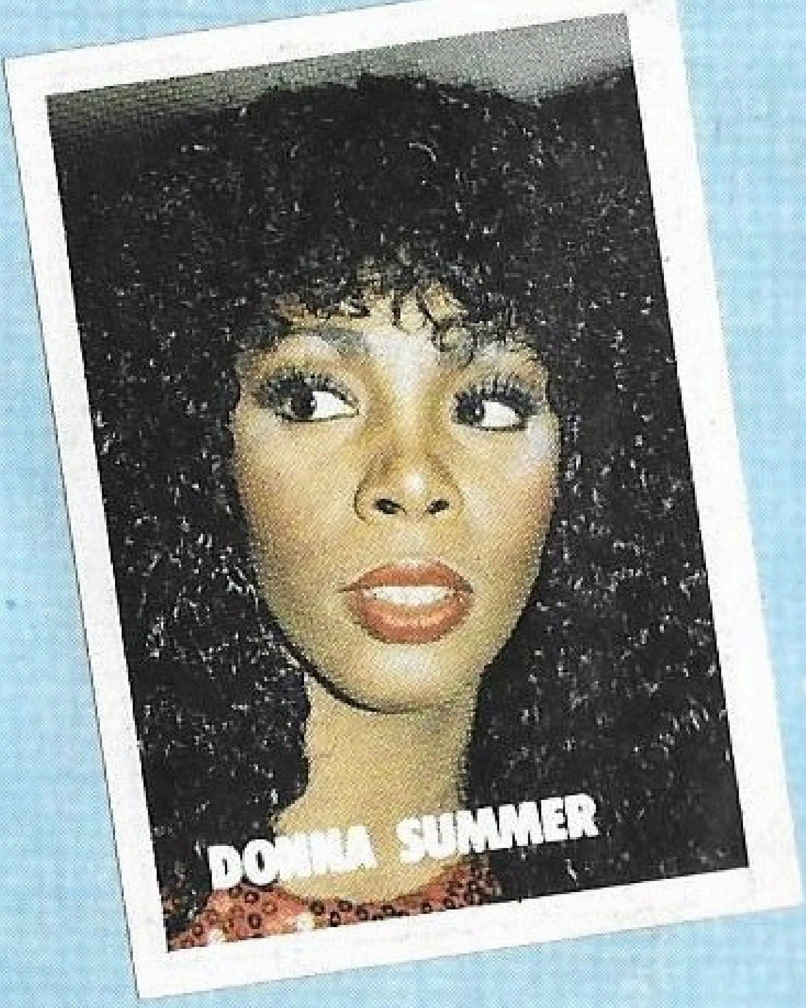


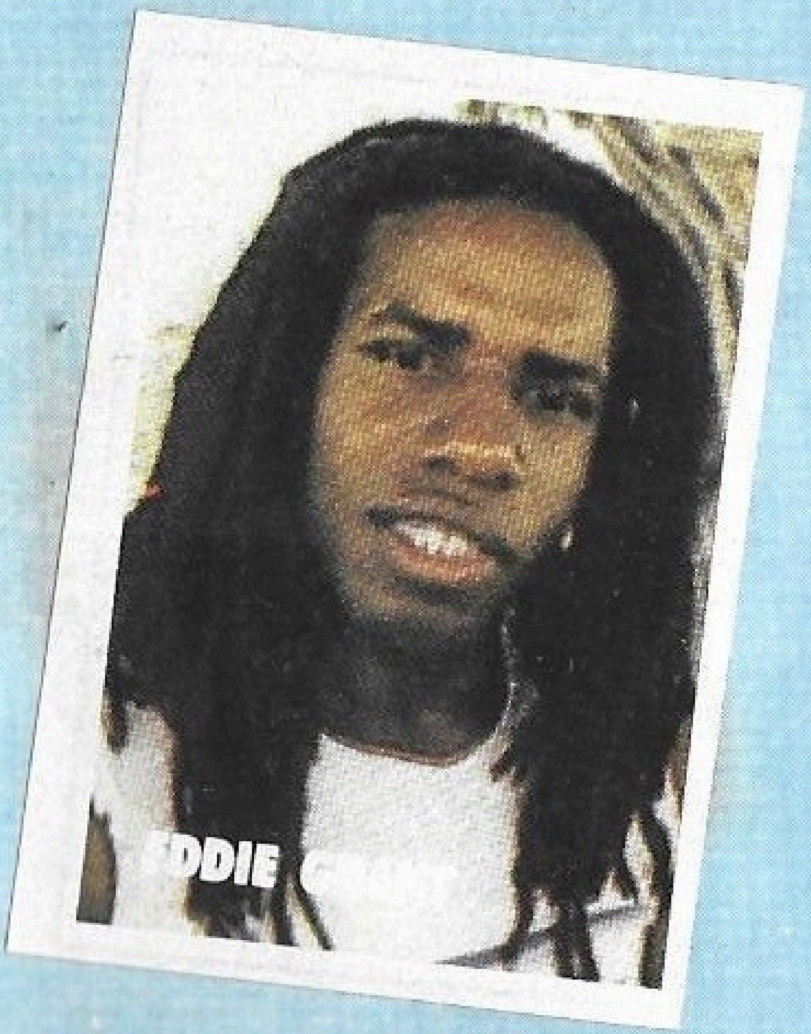
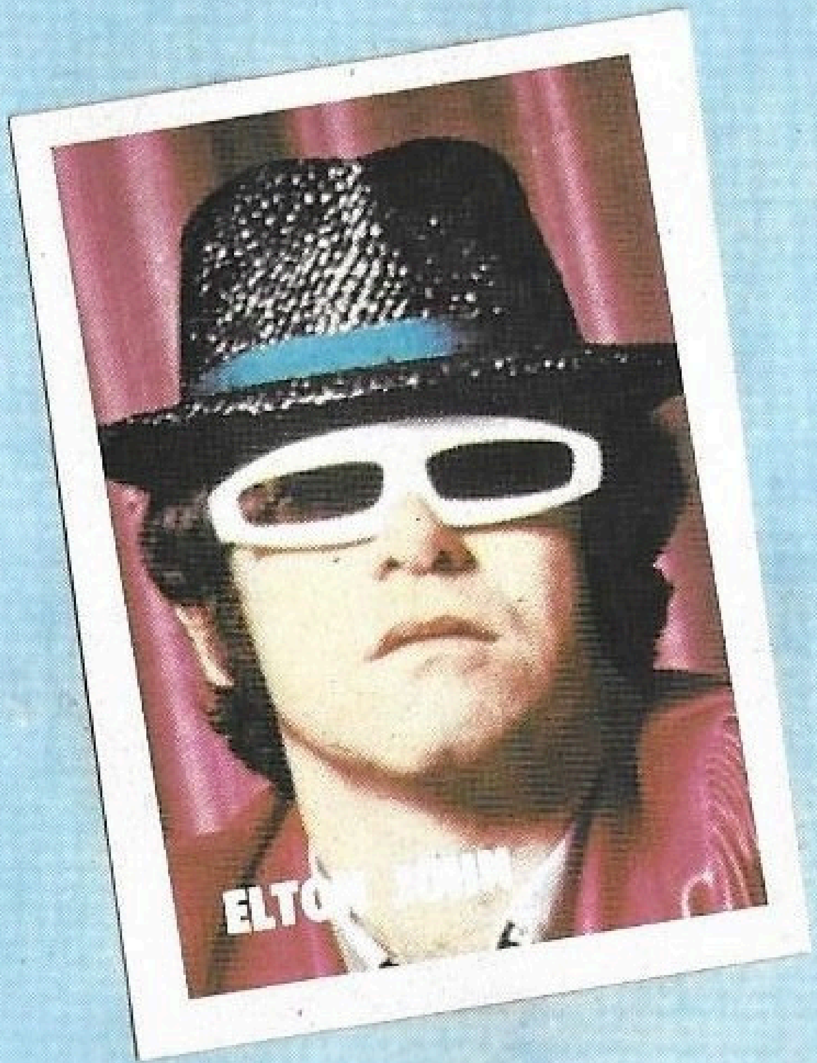
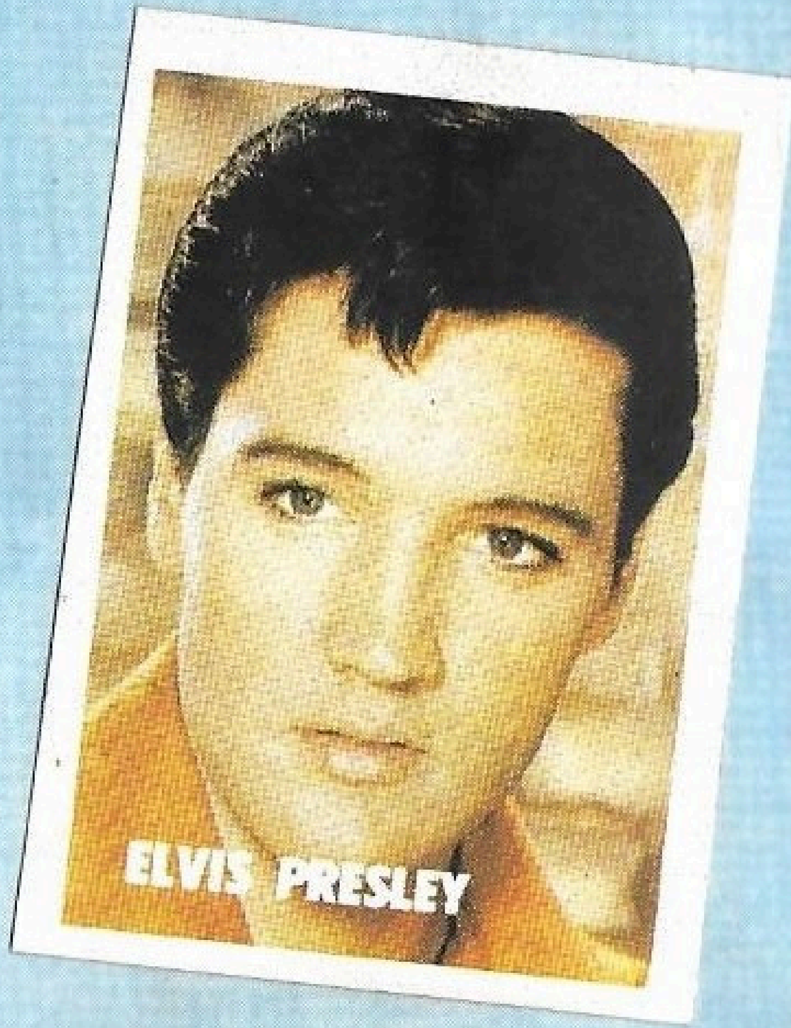










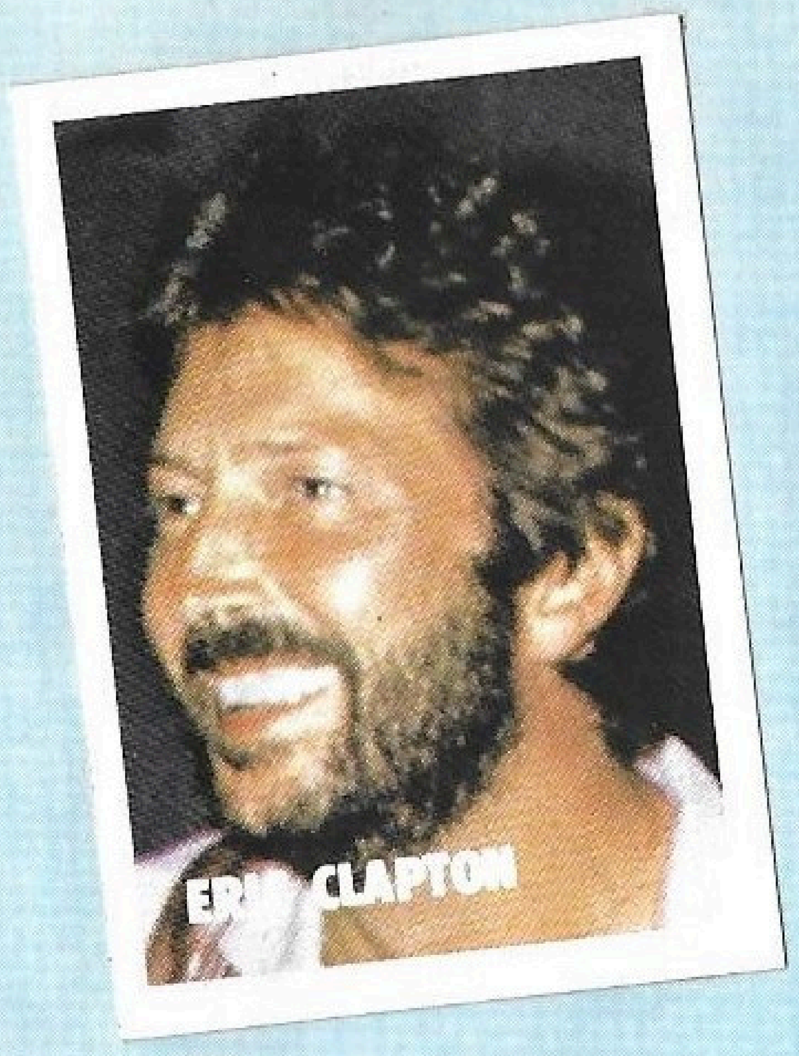
negativo, o que em si já é bastante sintomático. Isso porque, avaliando em si e num breve relance, toda a vasta produção discográfica (nem sempre qualitativa) que se foi produzindo entre 1972 e 1979, muita parra e pouca uva terá sido, certamente, o resultado mais palpável.

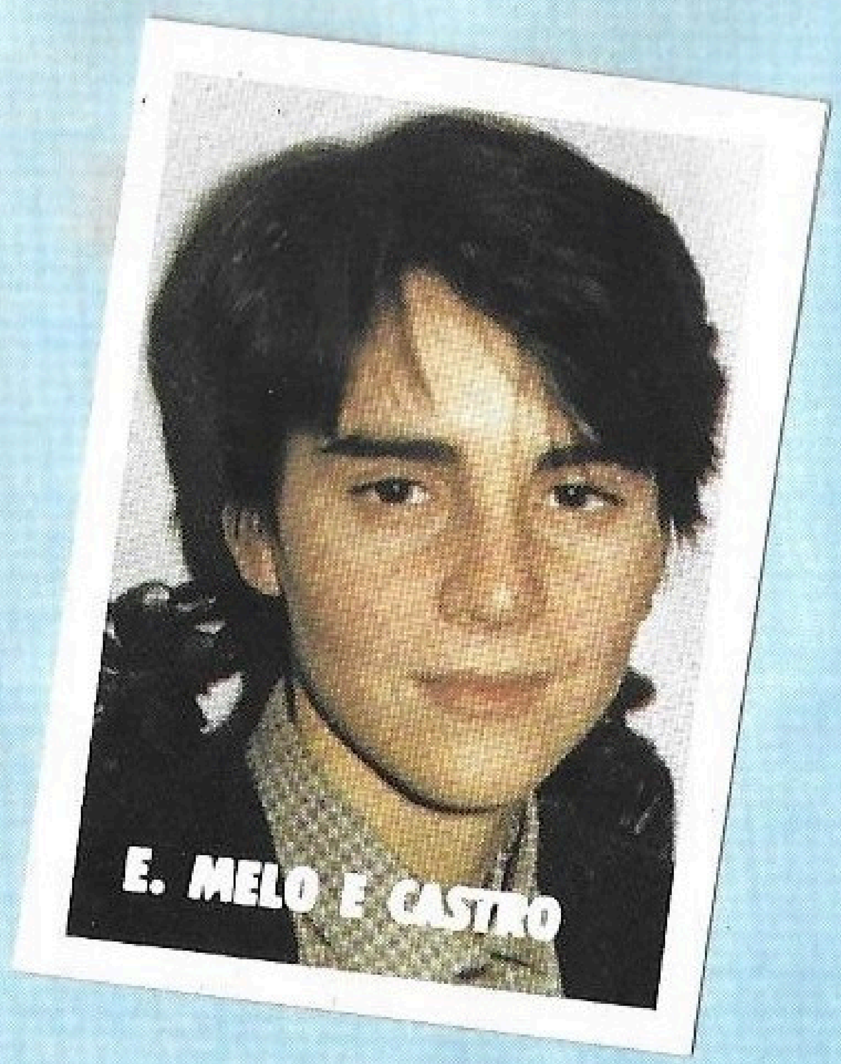
No entanto, em 1979 as coisas mudaram de uma maneira bastante clara. Foi o ano da grande exploração do "rock" a partir de Rui Veloso ("Ar de rock") e do grupo UHF ("Cavalos de corrida"). Isto depois de esforços conjugados de outros grupos nacionais que, anteriormente, já haviam produzido um sólido trabalho, ou que, se preferirem, souberam abrir o caminho neste campo à medida do que se ia fazendo, sobretudo, nos meados dos anos sessenta na Inglaterra e nos Estados Unidos. Entre esses grupos poderiamos destacar os Ekos, os Jets, o Conjunto Mistério, o Quinteto Académico, os Claves, os Beatnicks e, mais recentemente, o Objectivo, os Tantra ou os Ananga Ranga, entre outros.

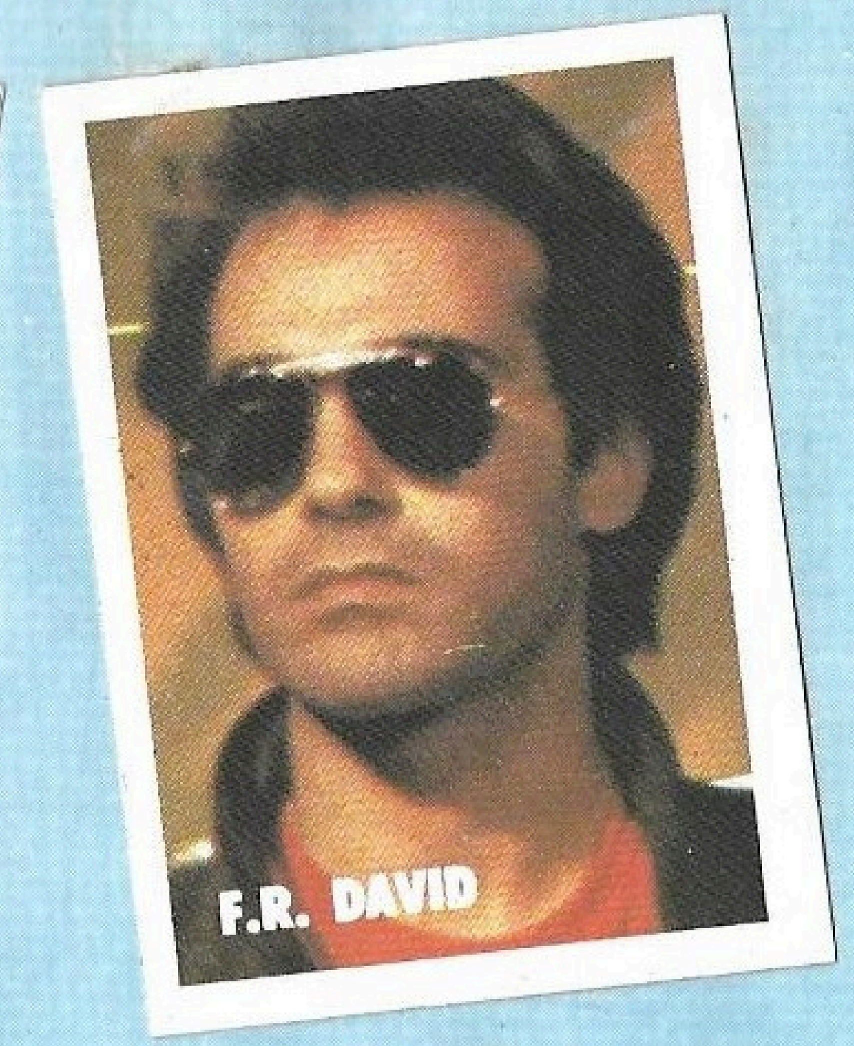
E os três anos já passados da década de 80, a tal que logo à nascença se viu a braços com um número infindável de correntes pop, provaram que a música portuguesa se encontra em fase ascendente na escala qualitativa. E para já não falarmos apenas da consolidação e renovação daquela linha que julgamos cada vez mais segura no seu trilho, o "rock" português, poderemos citar outros exemplos musicais como é o caso da canção de texto propriamente dita, em que novos nomes apareceram com uma bagagem musical verdadeiramente razoável.

Finalmente, como facto mais importante da música portuguesa nestes dezasseis anos pós-aparecimento do

Quarteto 1111 (1967-1983) salientamos a entrada em vigor em 19 de Setembro de 1981 da Lei de Protecção à Música Portuguesa, da autoria do socialista José Niza e que prevê que as estações emissoras de rádio e televisão transmitam cerca de 40 por cento de música de produção nacional.

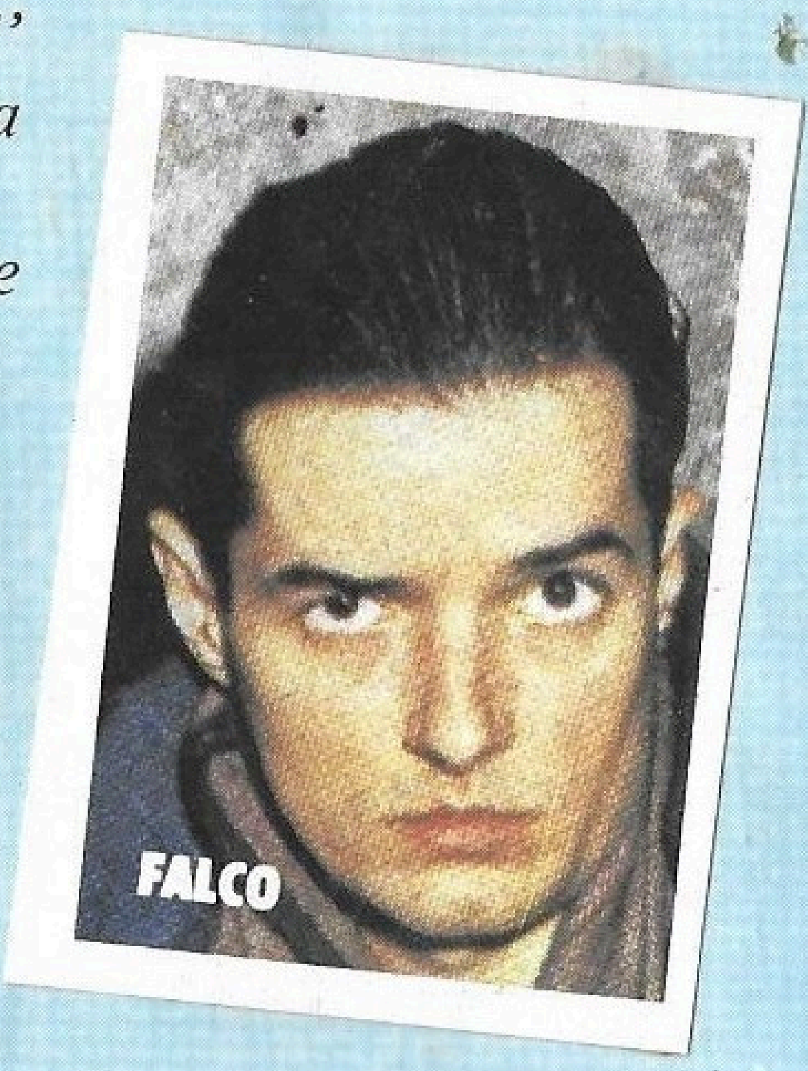




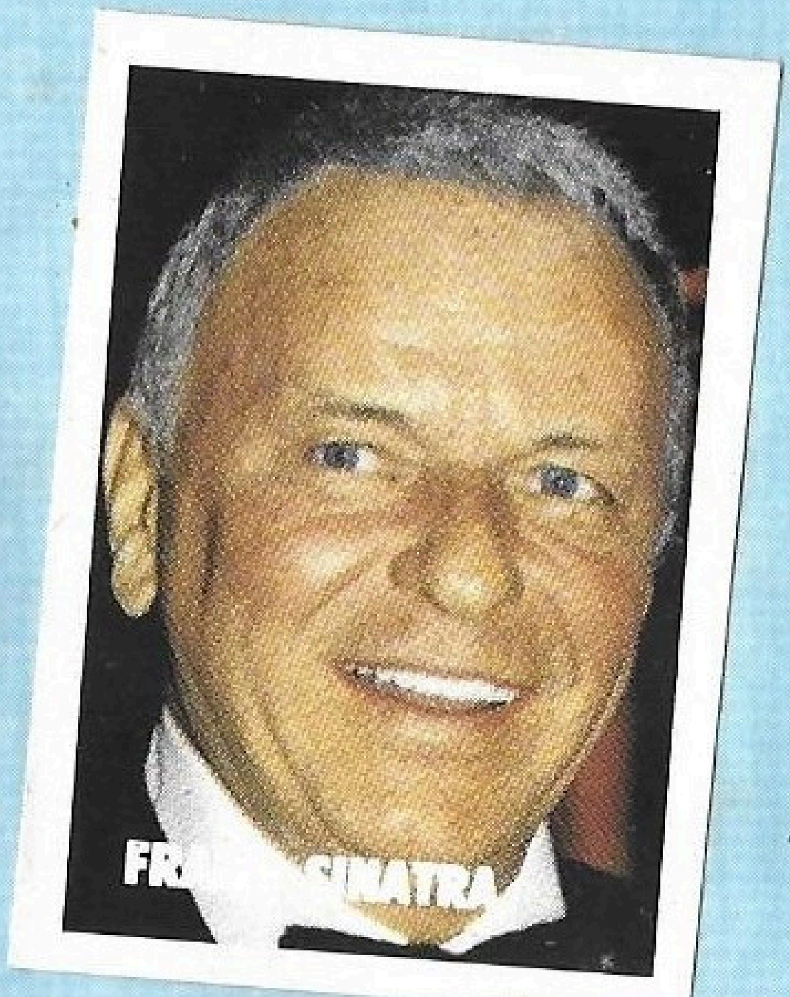


O "rock" português

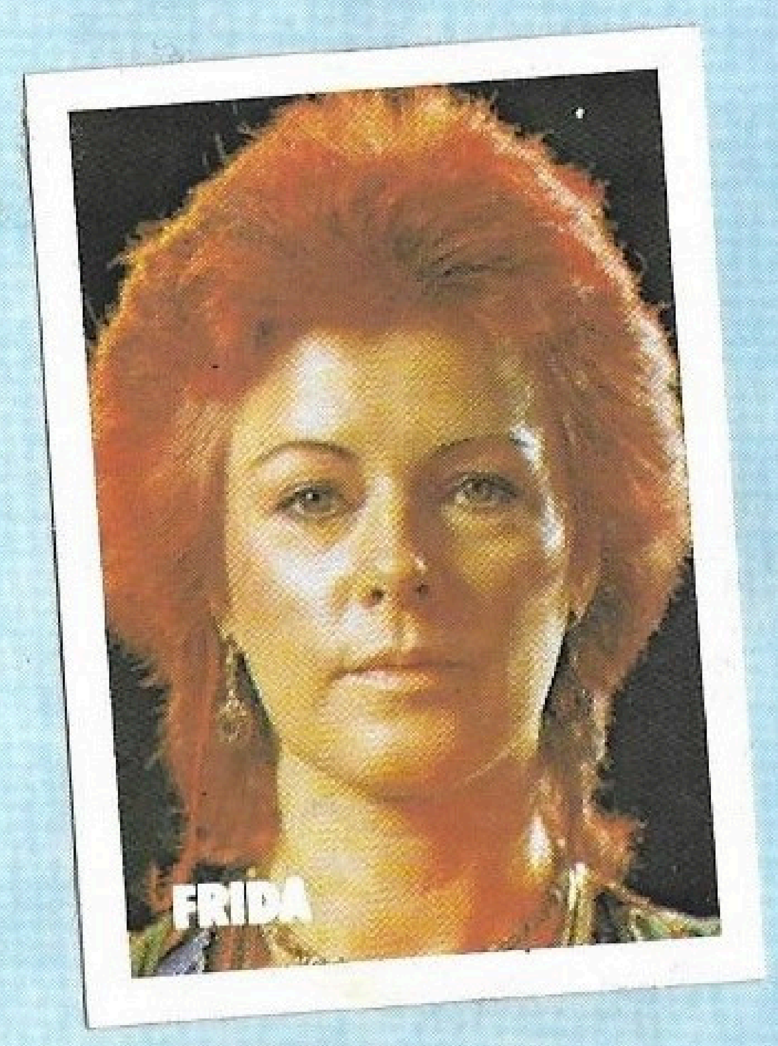
MAS comecemos então pelo chamado "rock" português. Depois da explosão em finais de 1979 com os êxitos discográficos de "Ar de rock" (sobretudo, a faixa "O Chico fininho") de Rui Veloso e "Cavalos de corrida" do grupo UHF que, se apresentaram, efectivamente, vestidos de ingredientes verdadeiramente novos em relação ao "rock" de tipo aportuguesado até então produzido, eis que chegamos a 1980. O ano da plena confirmação do movimento do "rock" português.

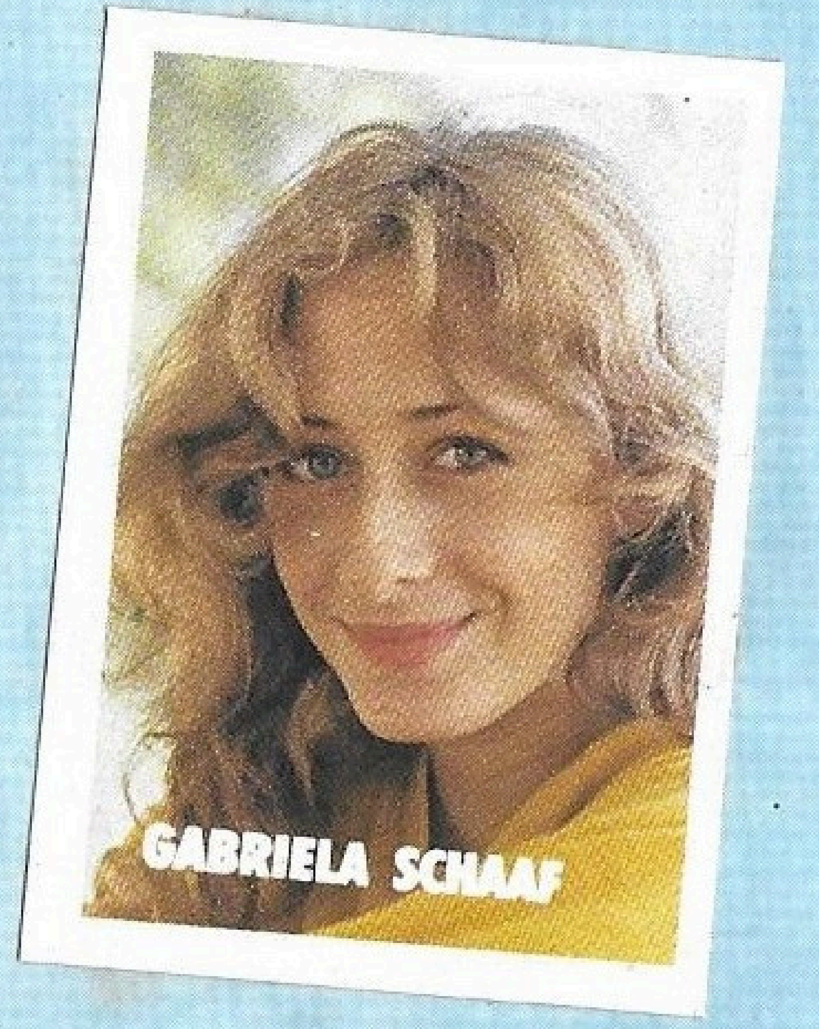


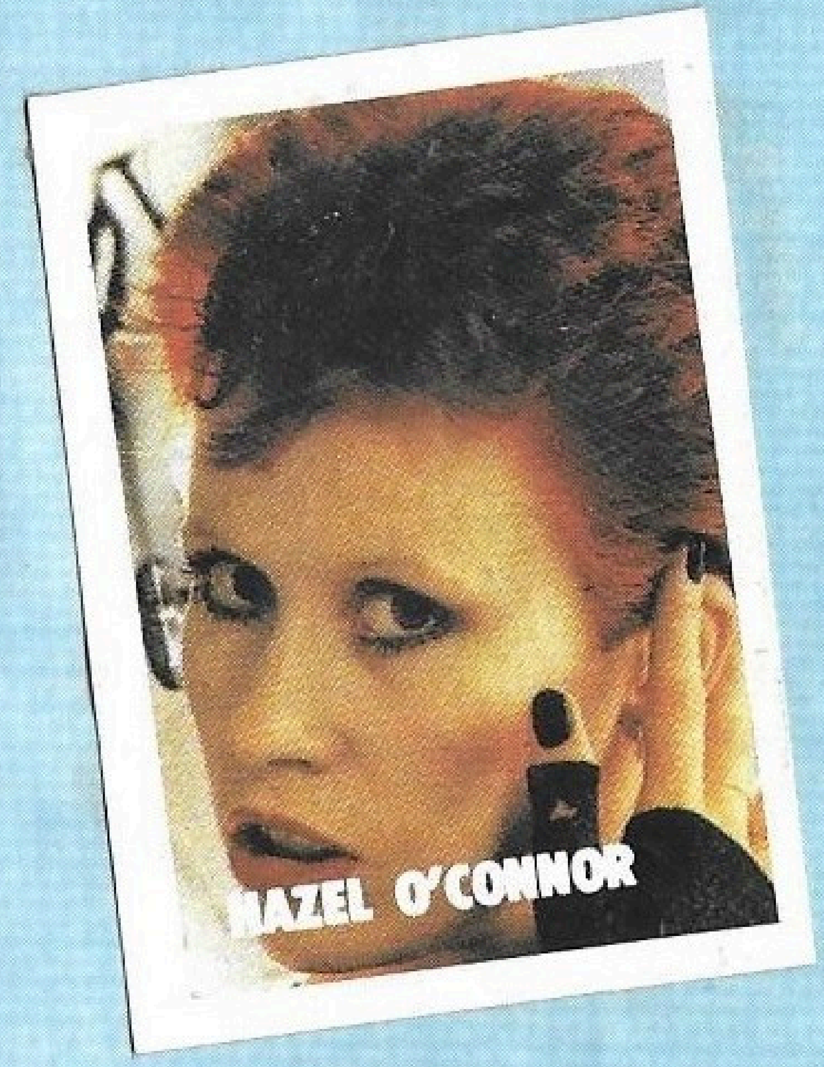




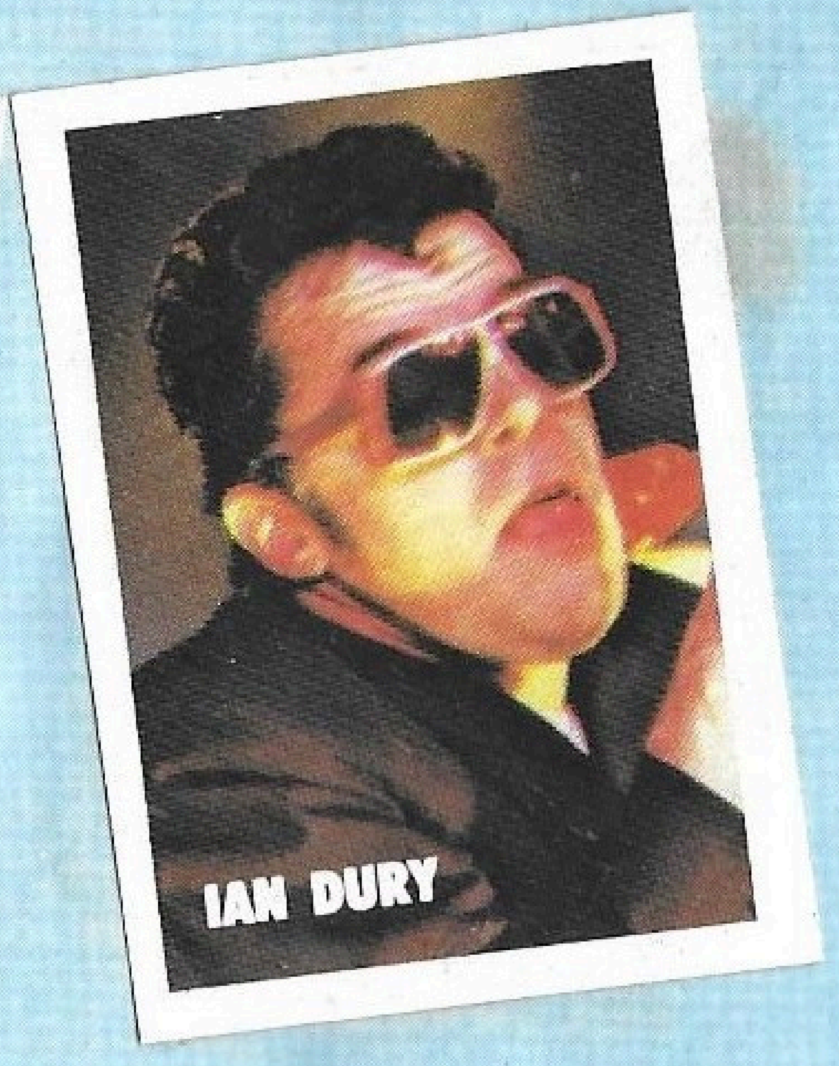
As revelações não pararam de surgir em alucinante catadupa, relativamente ao nosso estrito meio, revelando as mais díspares coisas, desde a pura cópia falhada de um som esbatido por vinte anos de cansaço até à declarada ambição de se estar na crista da vanguarda do som mundial em termos de "rock". Muitos falhanços houve, naturalmente, e nunca outra coisa poderia ser. Muitos êxitos houve também, inesperadamente, e até, por vezes, incompreensivelmente. Mas, para além de uma contabilização em sucessos e fracassos de tudo o que se realizou, o que marca o fim de três anos de desbravamento do território do "rock" e é, realmente importante o facto de já não se olhar com aqueles olhos esgaziados de espanto sempre

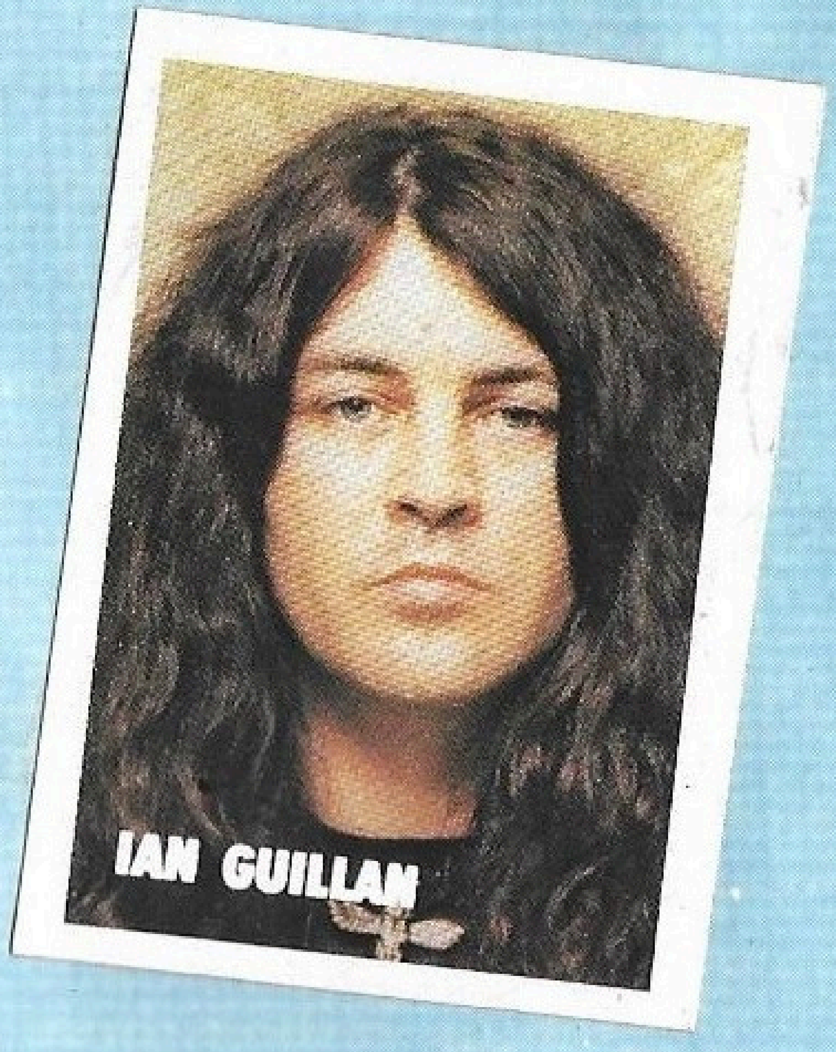




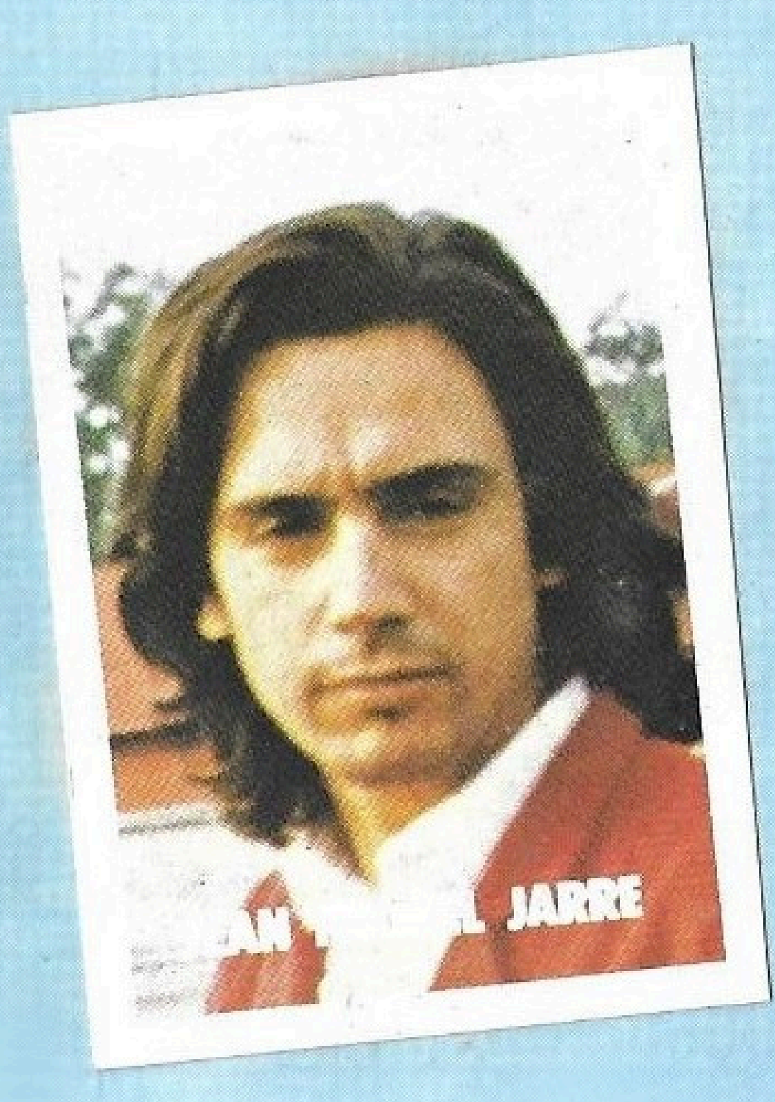


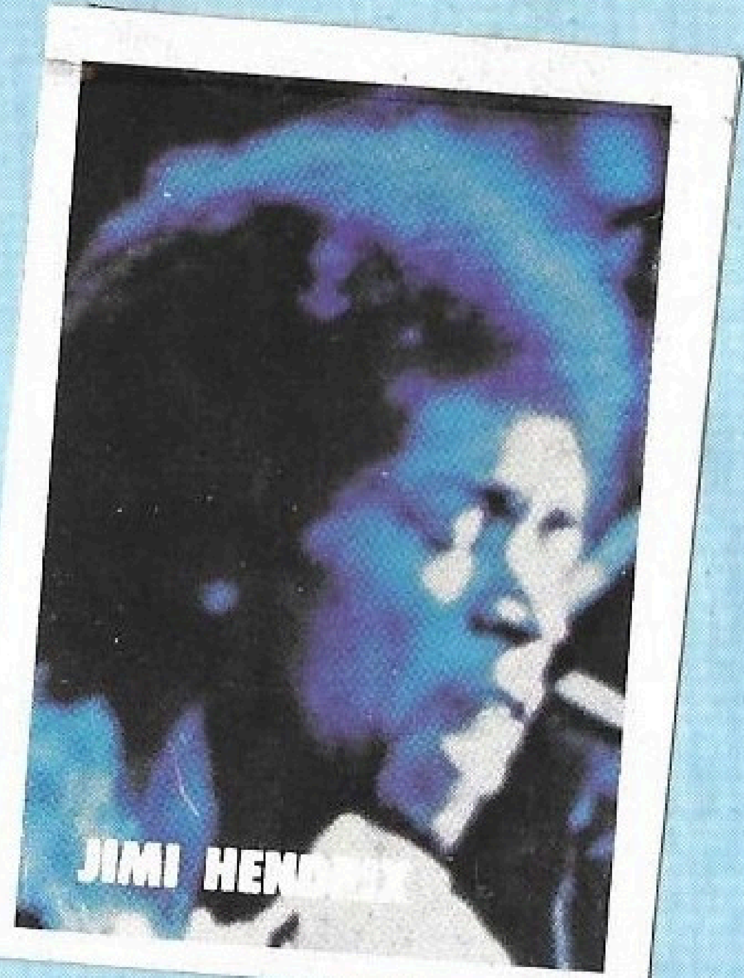


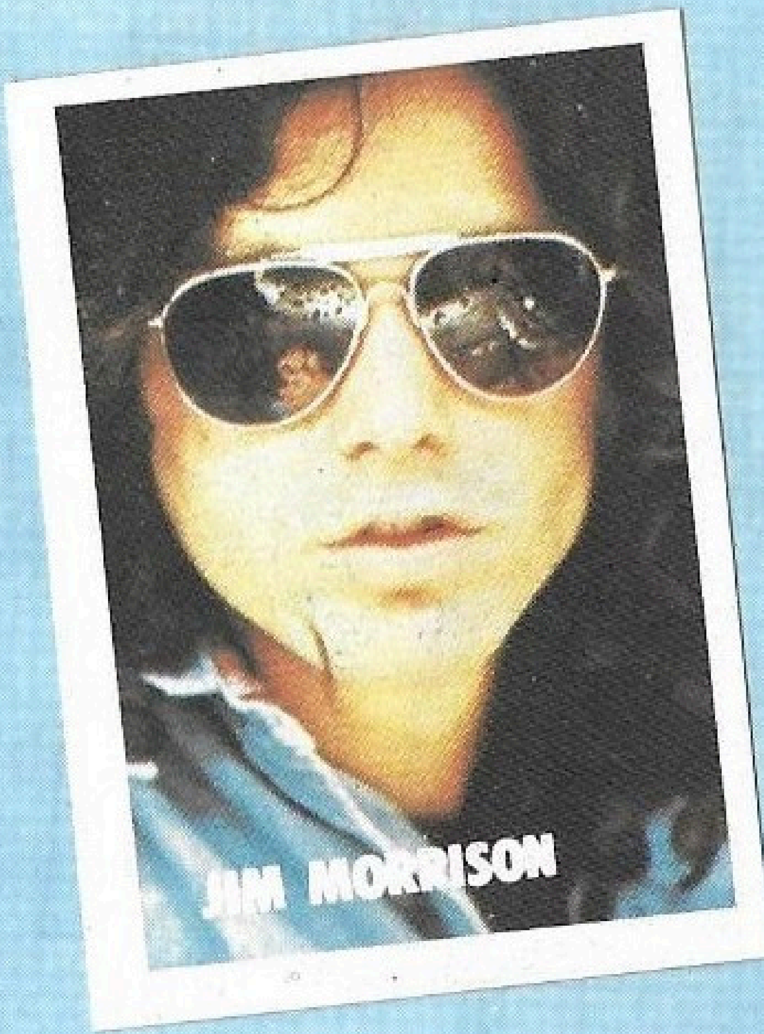


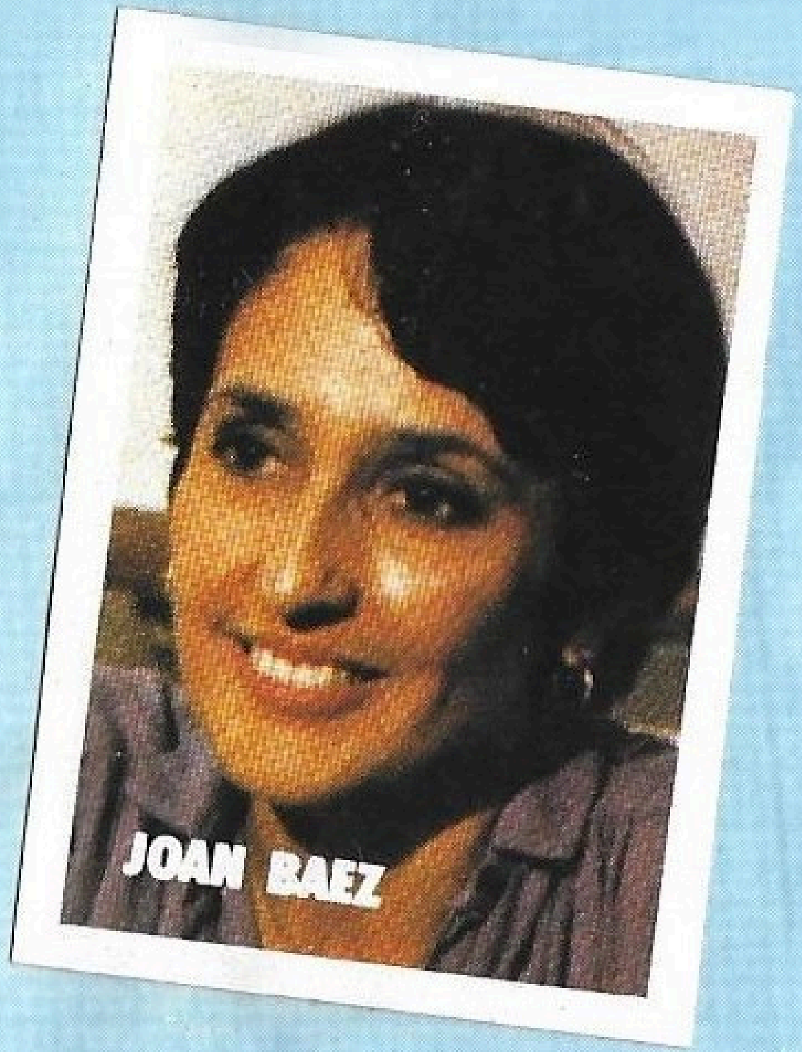


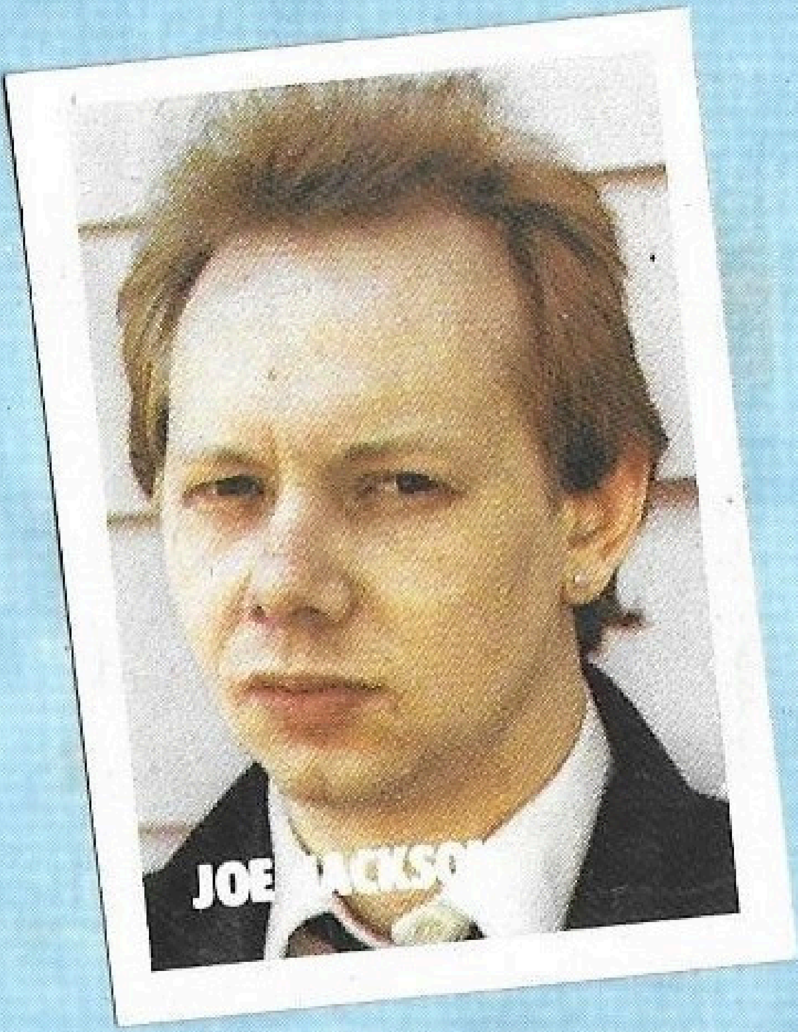
MUSIC STARS

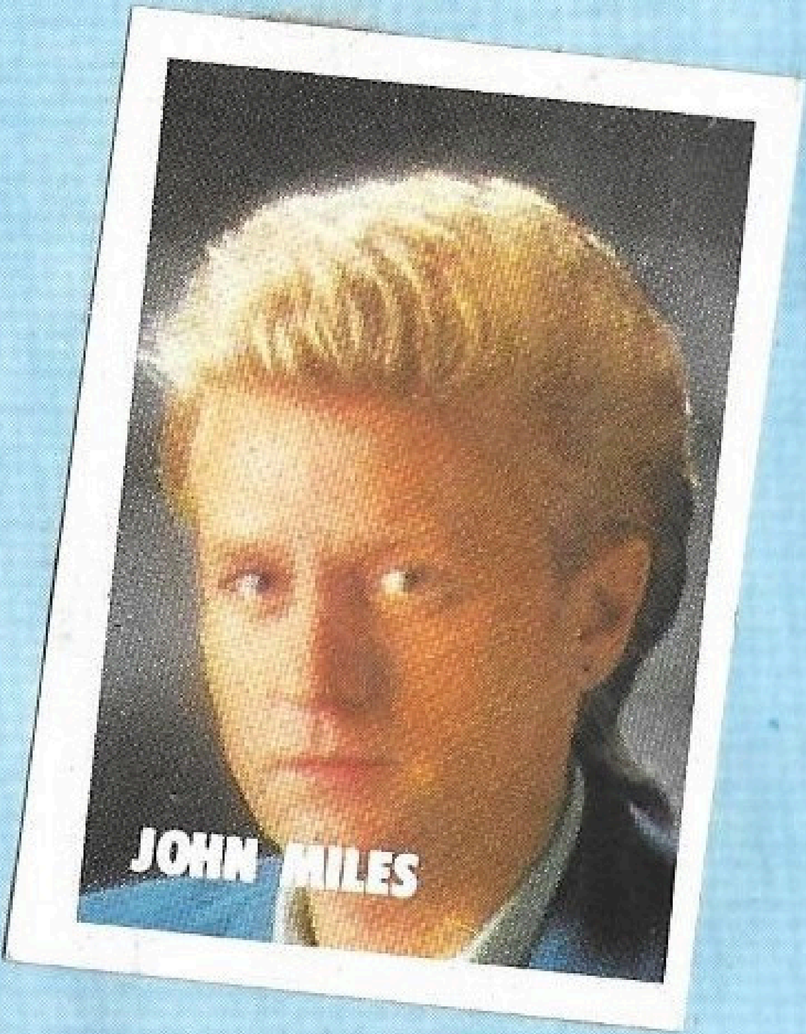


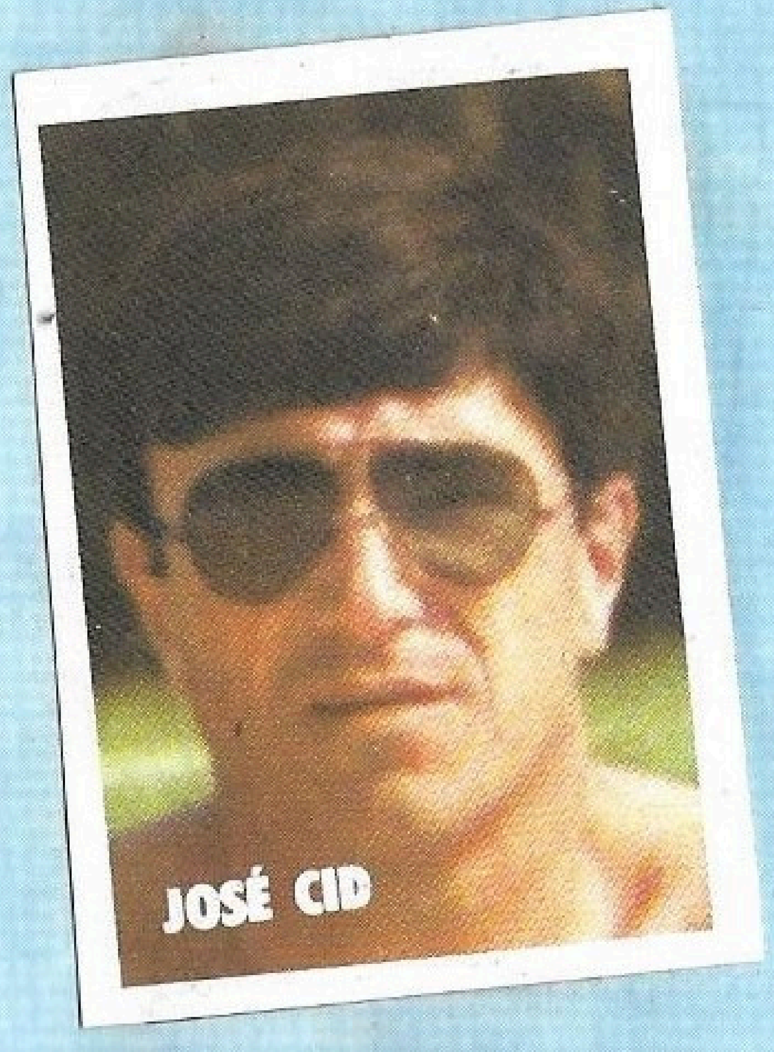


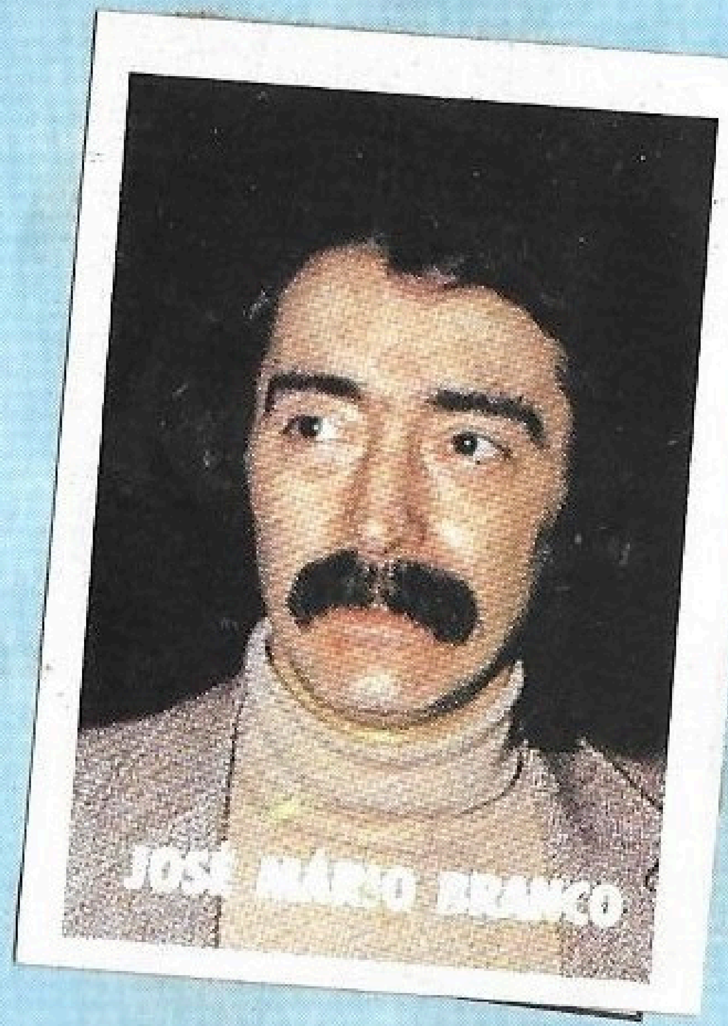


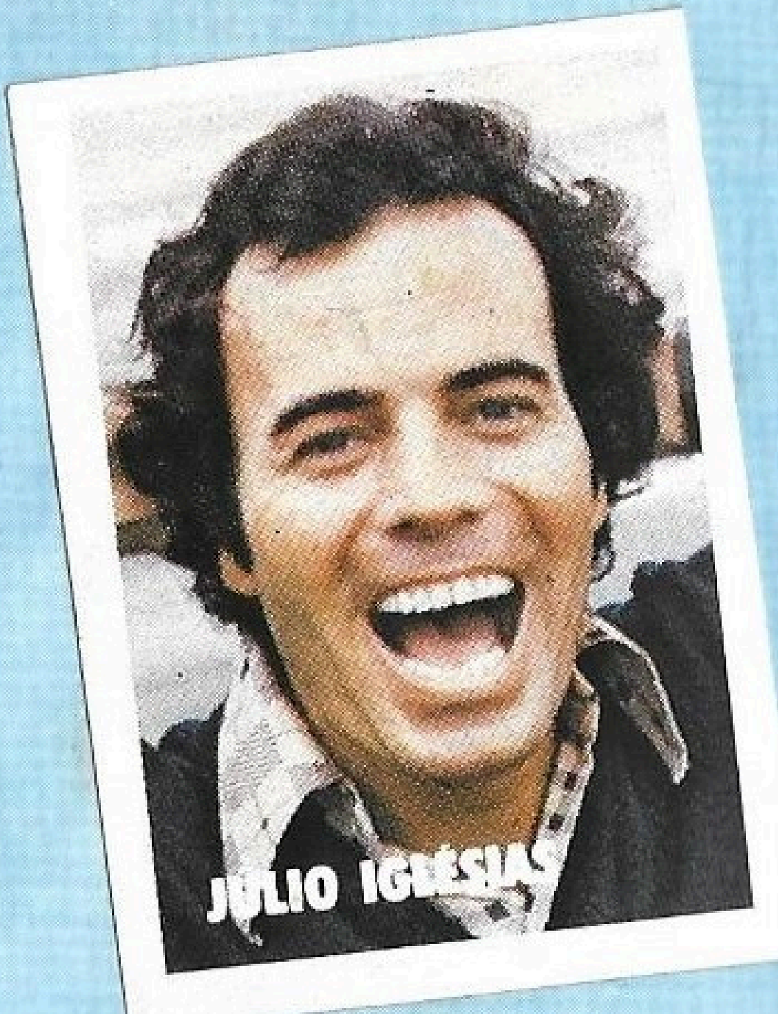










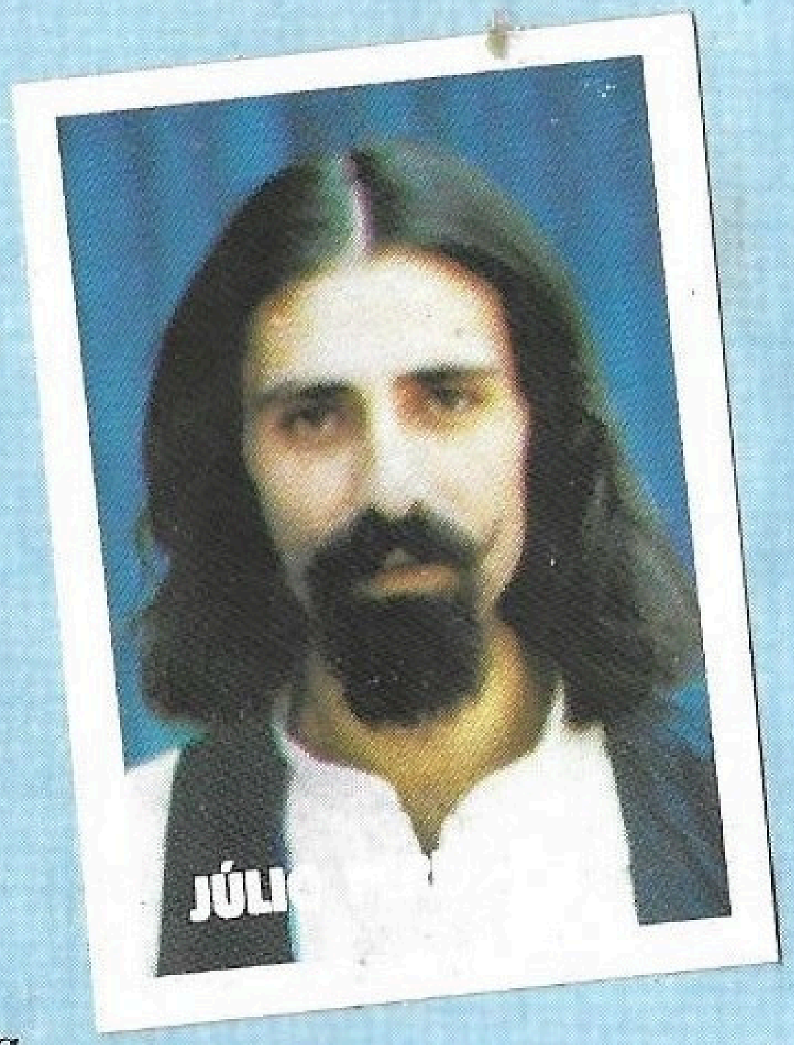


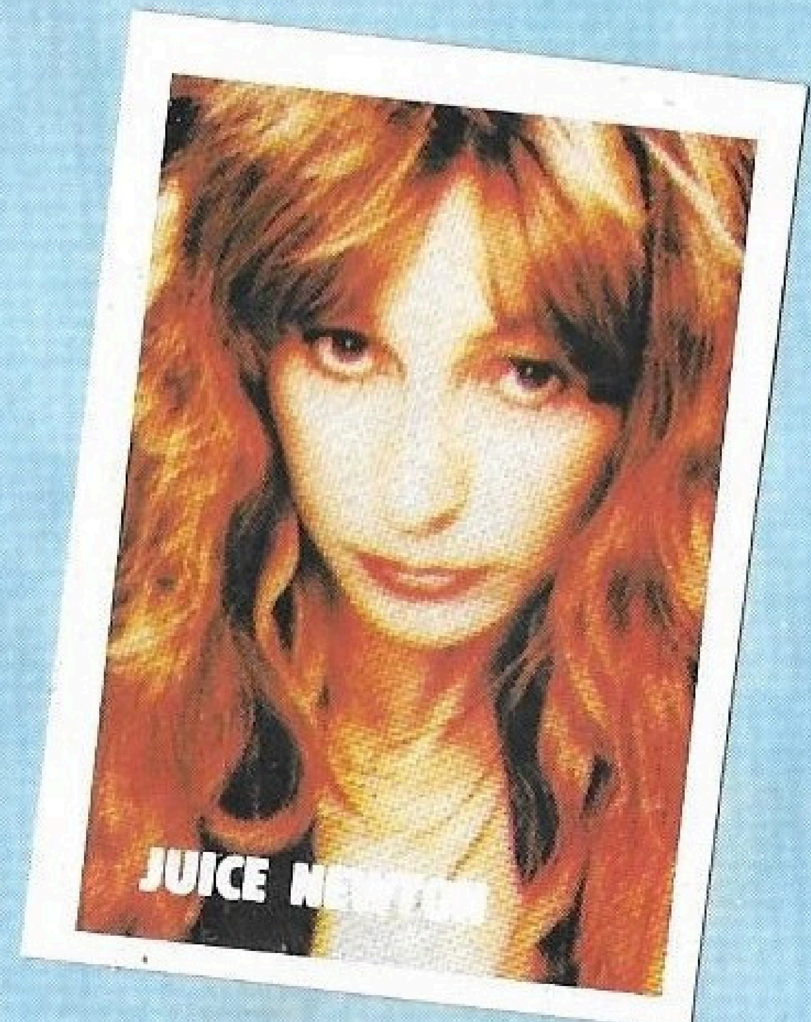
que surge um novo grupo, recebendo-o com um falso sentimento de patrioto-paternalismo ingénuo. Da importância real e efectiva do movimento do "rock" português não nos importa agora considerar. Mas não deixa de ser um facto relevante a aceitação que obteve a nível de público e de vendas, com alguns solistas e grupos a chegarem a "discos de ouro". Contudo, importa-nos muito mais, neste texto que visa servir de base a uma colecção de autocolantes, revermos em termos genéricos o perfil de alguns grupos e solistas envolvidos nesta linha musical.

Mas façamos, primeiramente, uma breve passagem pelos grupos e solistas cujas aparições discográficas consideramos inesperadas ou cujo trabalho não teve continuidade. Os Doyo foram, talvez, a mais inesperada edição e logo esquecidos antes mesmo de terem tido tempo de pronunciar, pela segunda vez o nome do álbum, "A quem doer" (a ironia do destino). Aliás, este incompreensível álbum serve de exemplo para ilustrar o "forte espírito de segurança" reinante em certas editoras que lançavam Lp's sem a devida prospecção de mercado com um single, tendo a certeza de que o "rock" português era já um produto extremamente rentável. Os Sarabanda, de

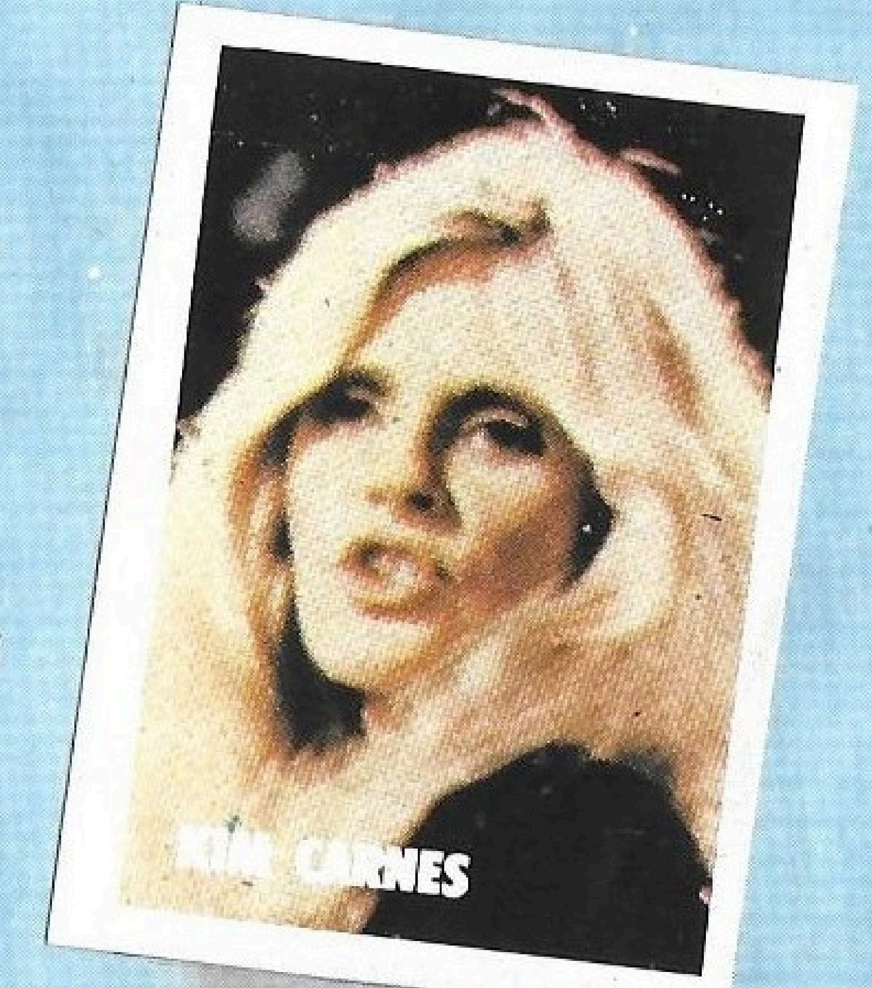
MUSIC STARS

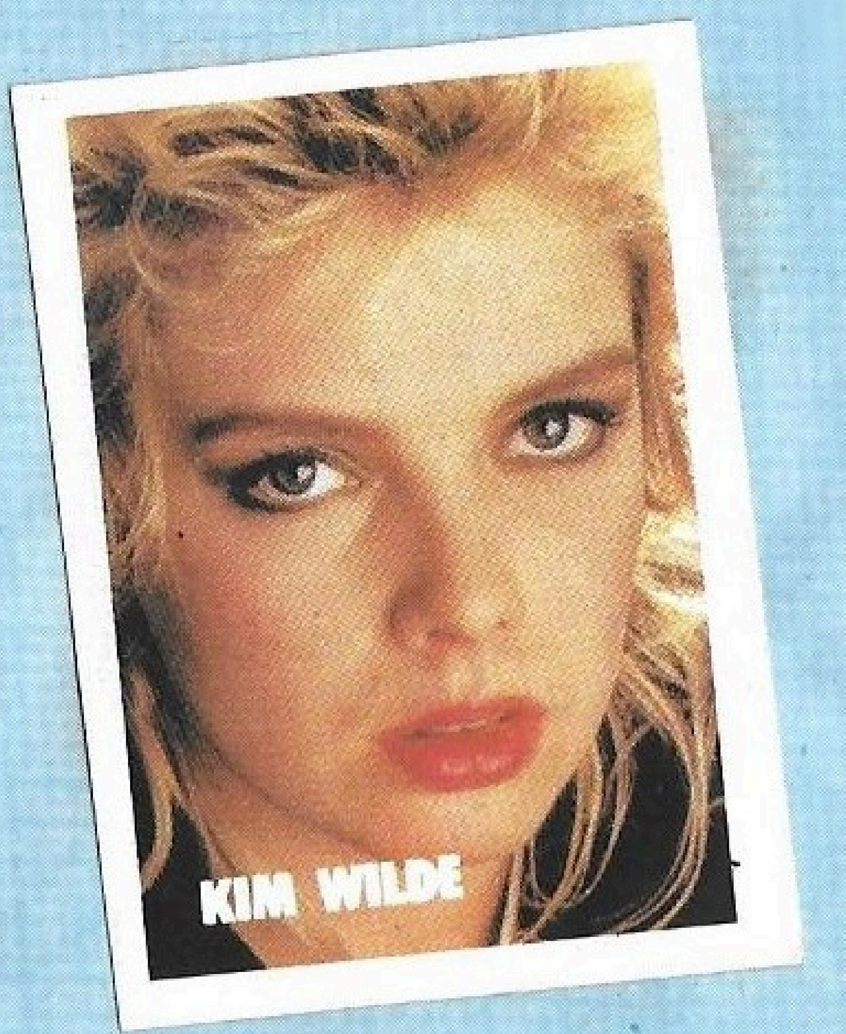
onde sairam depois Armando Gama e Kris Kopke, não chegaram a confirmar as expectativas. Embora extremamente equilibrados e até interessantes, não possuiam a força necessária ou real originalidade suficientes para se imporem, pelo que logo foram esquecidos. Como de certa forma ficaram no esquecimento os Tantra, de que depois sairia para uma carreira a solo o Manuel Cardoso (Frodo). Mário Mata foi um caso ímpar como primeiro ''freak-rocker'' português, com tanto de Jorge Palma quanto de Dylan, realizando um álbum (''Não há nada pr'a ninguém'') heterogéneo com excelentes momentos, logo seguidos de outras que mais não eram que largos bocejos sonoros mas, uma revelação interessante apesar de tudo. E se os Rock & Várius se perderam na imaturidade, talvez sem muita culpa própria, os Trabalhadores do Comércio caíram também quando menos se esperava sem graça nem glória. Mas mais movimentada e de certa forma interessante, foi a constante edição de novos singles, aí se revelando de tudo, desde uns incompreensíveis Boeing até aos magníficos Iodo, passando pela surpreendente Manuela Moura Guedes ou os safados Grupo de Baile que, se fartaram de espalhar pelo País o seu atraente perfume

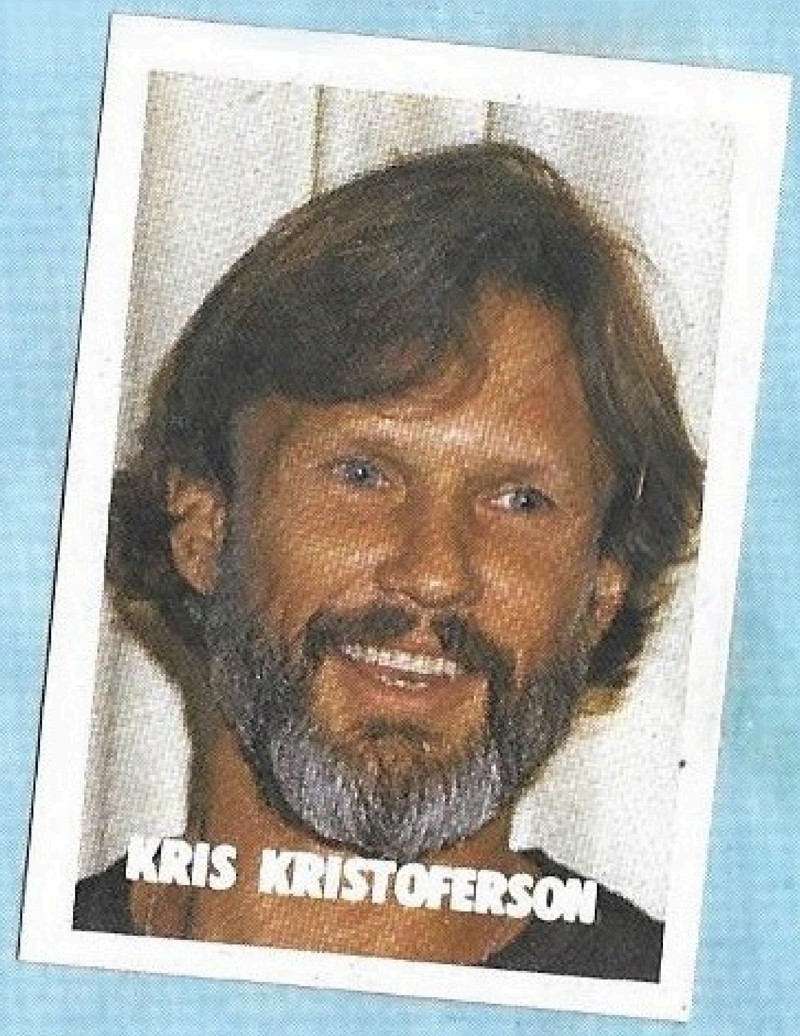






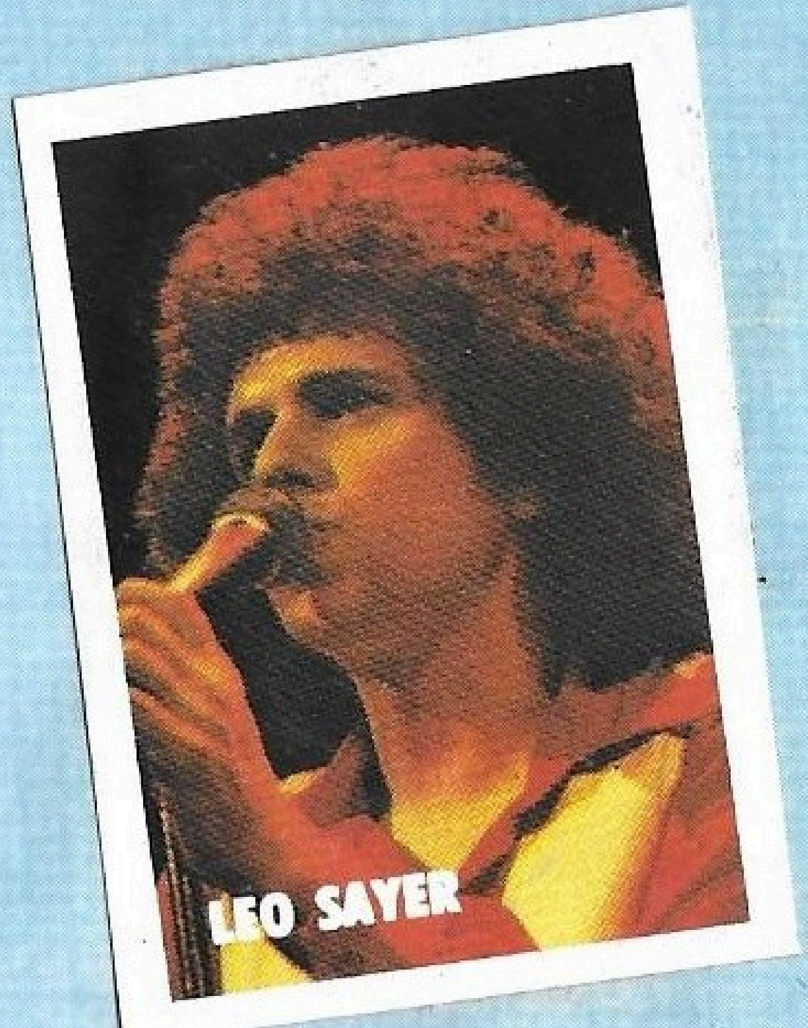


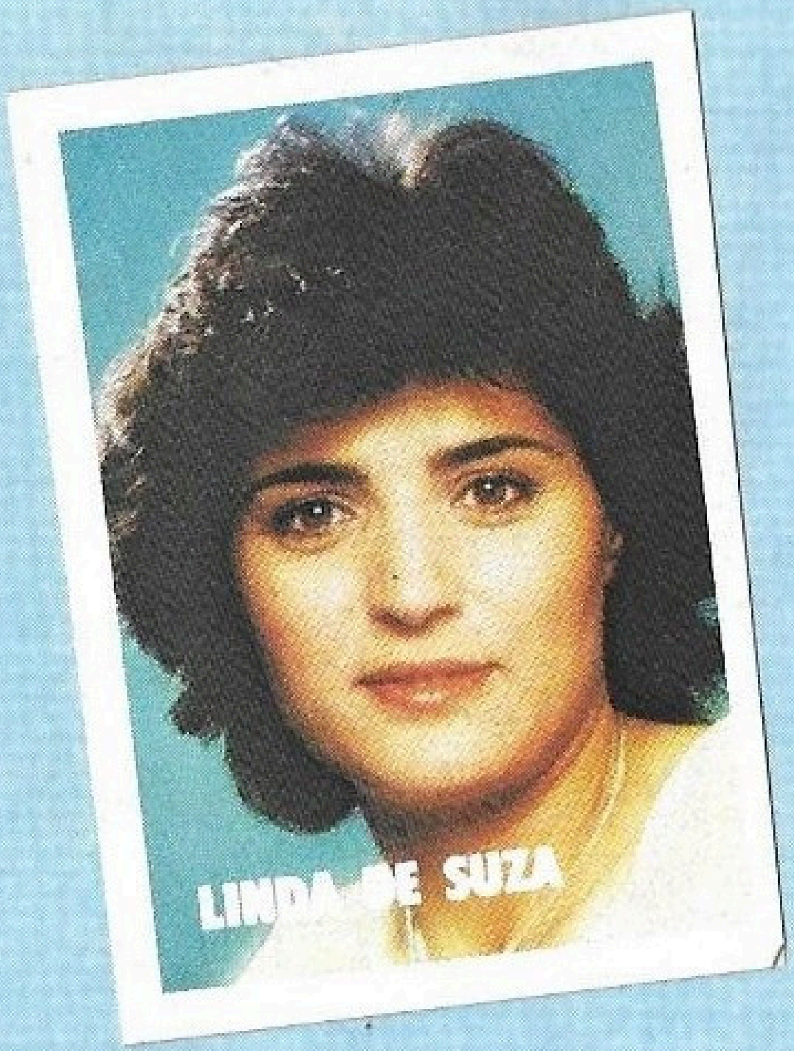


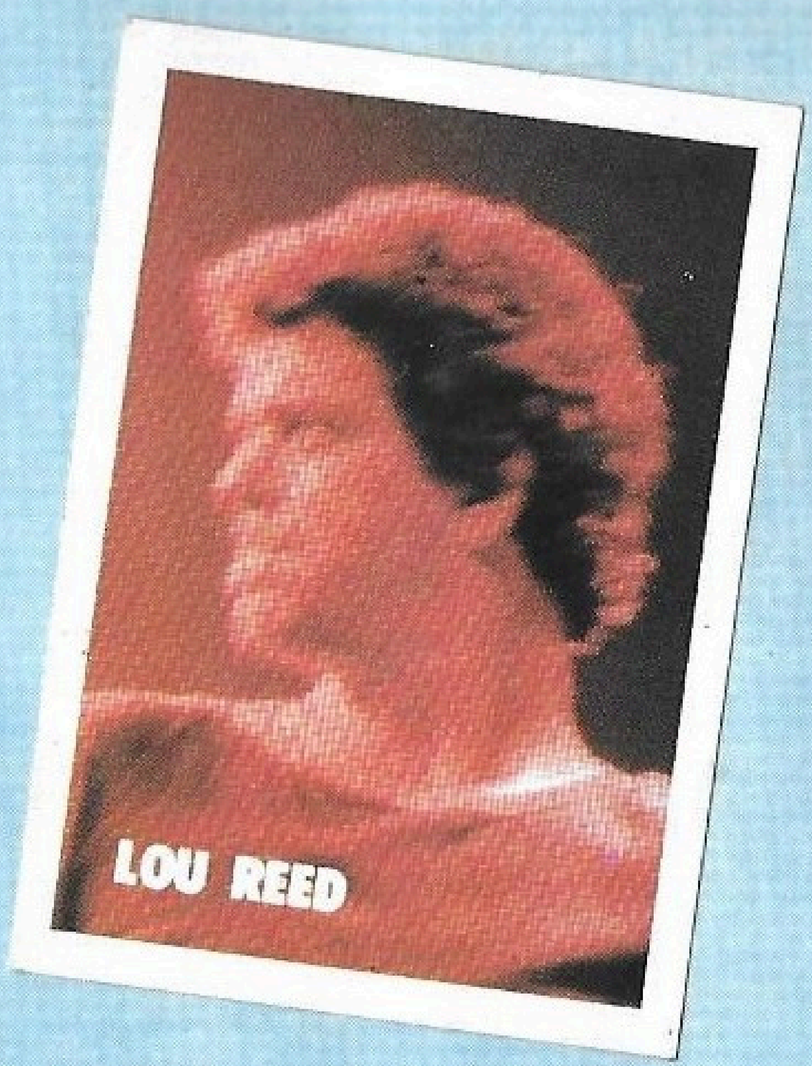


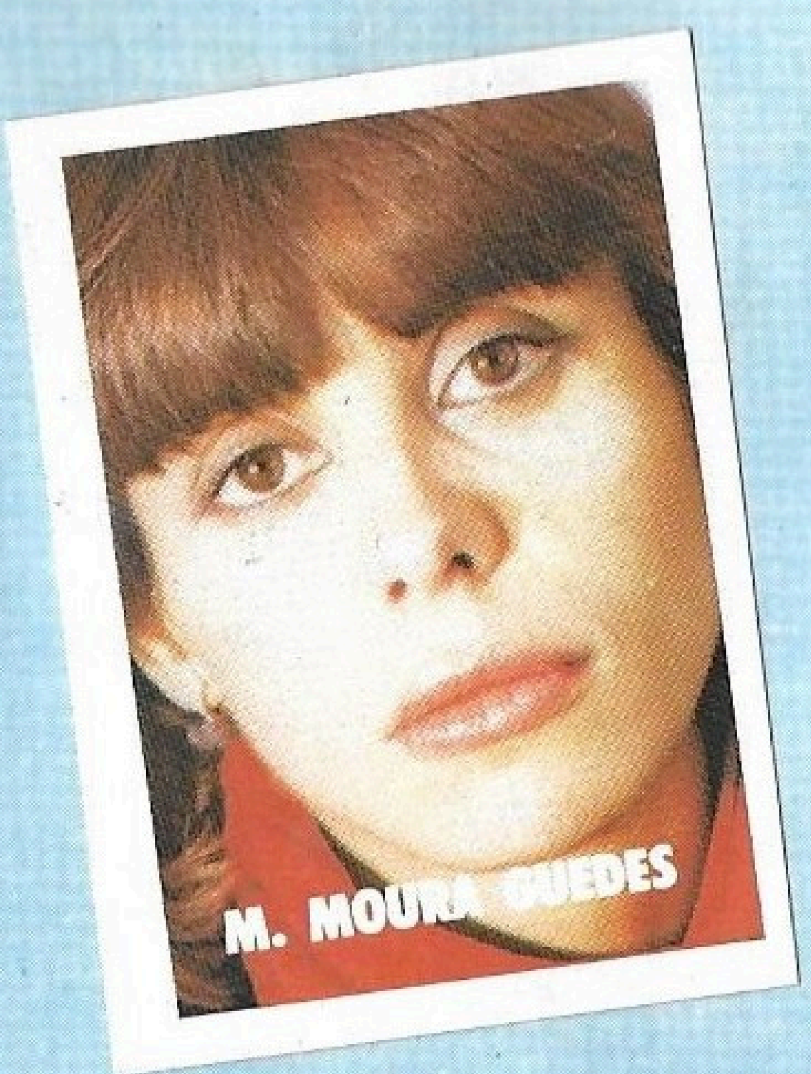






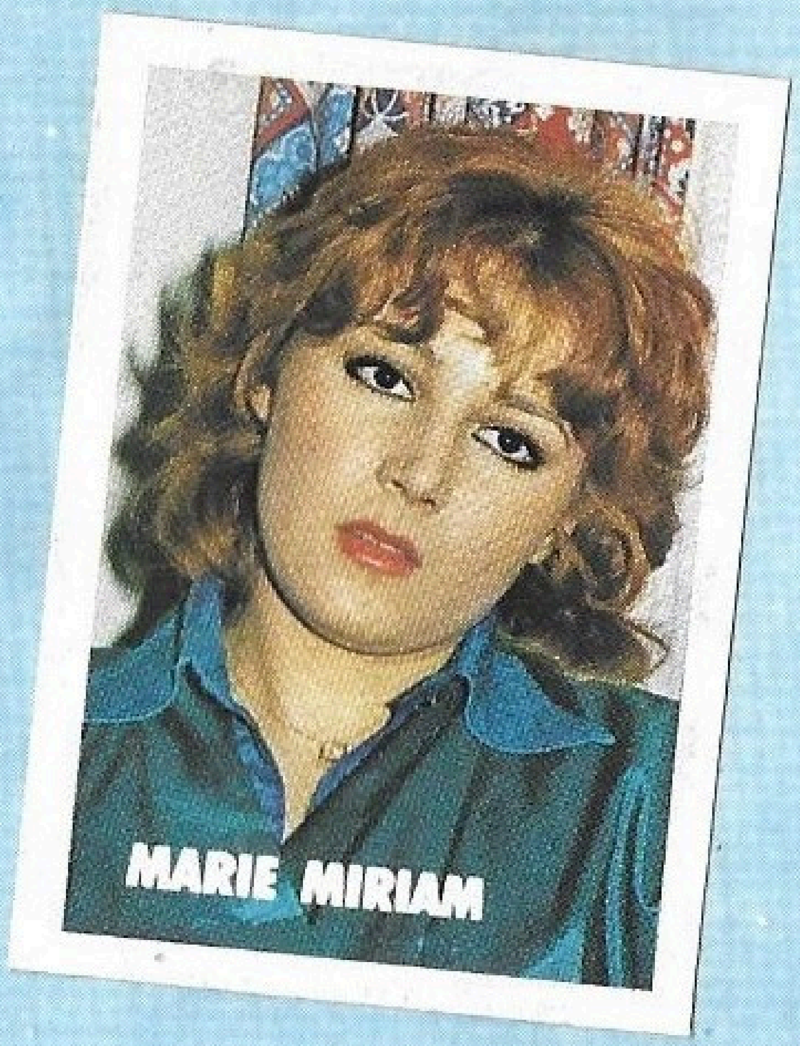


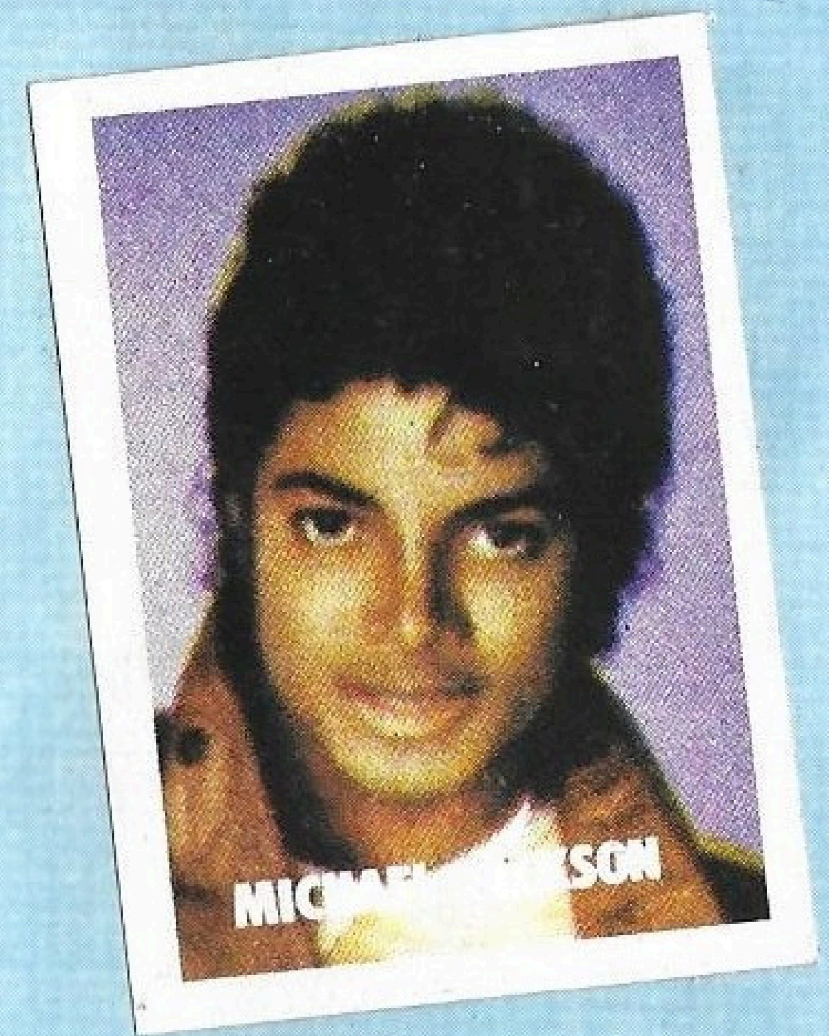
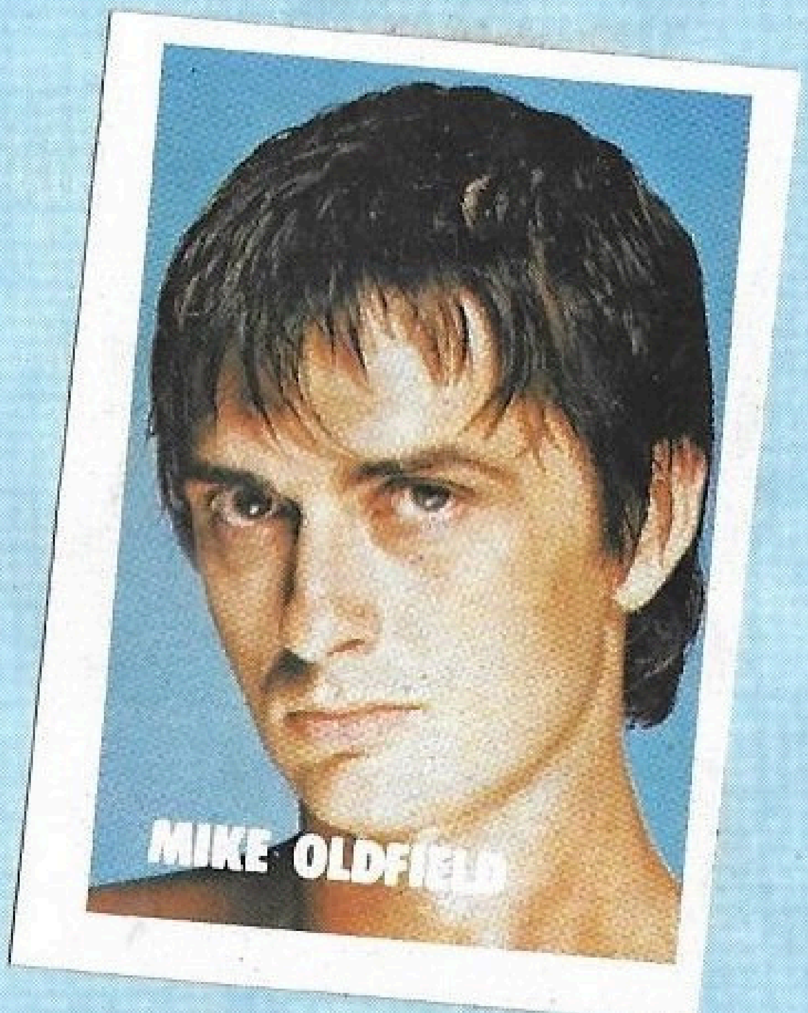


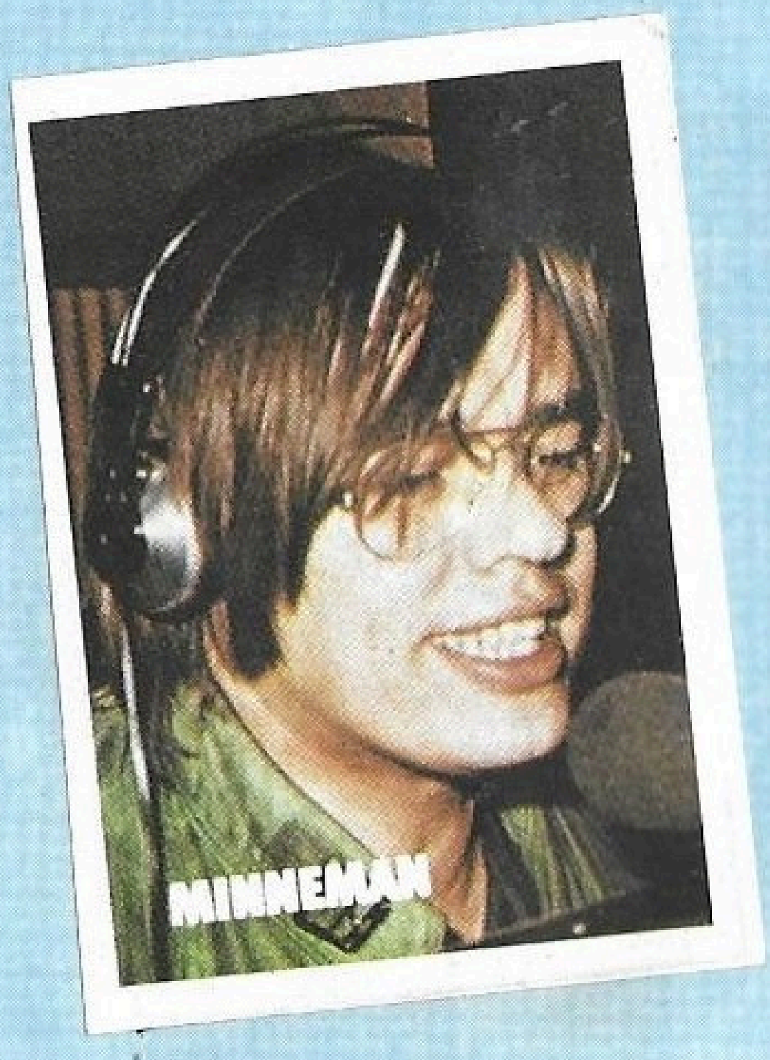


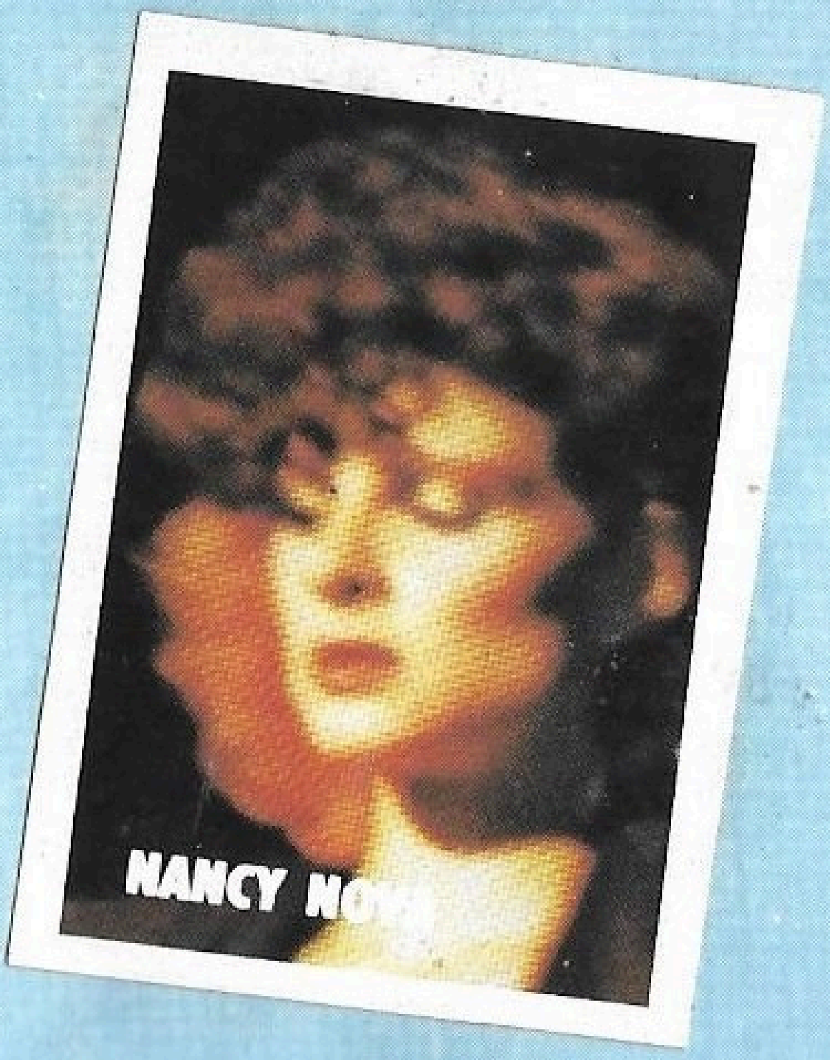








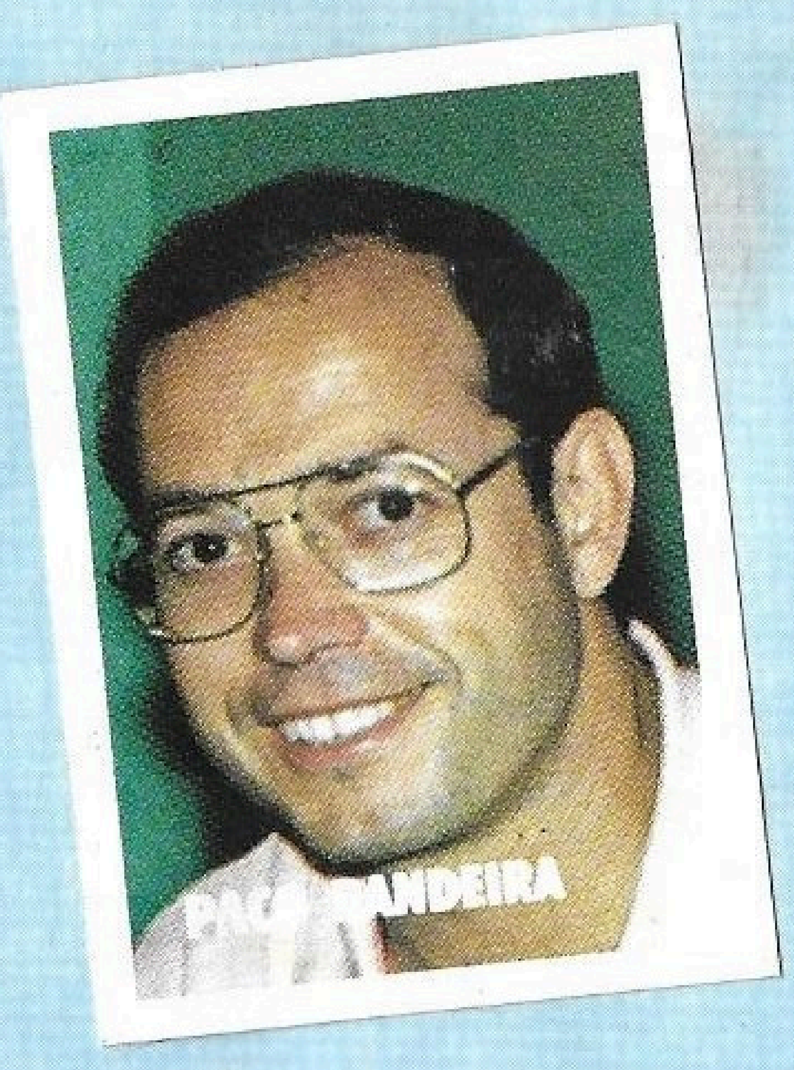


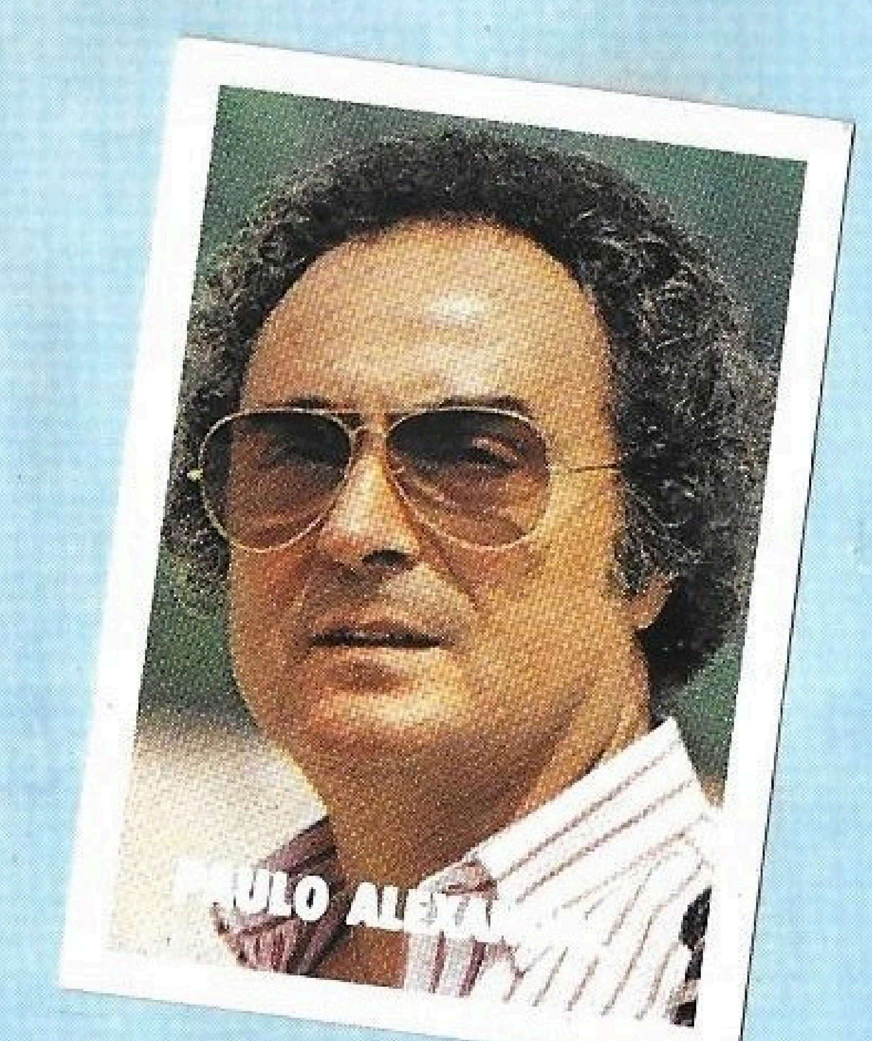


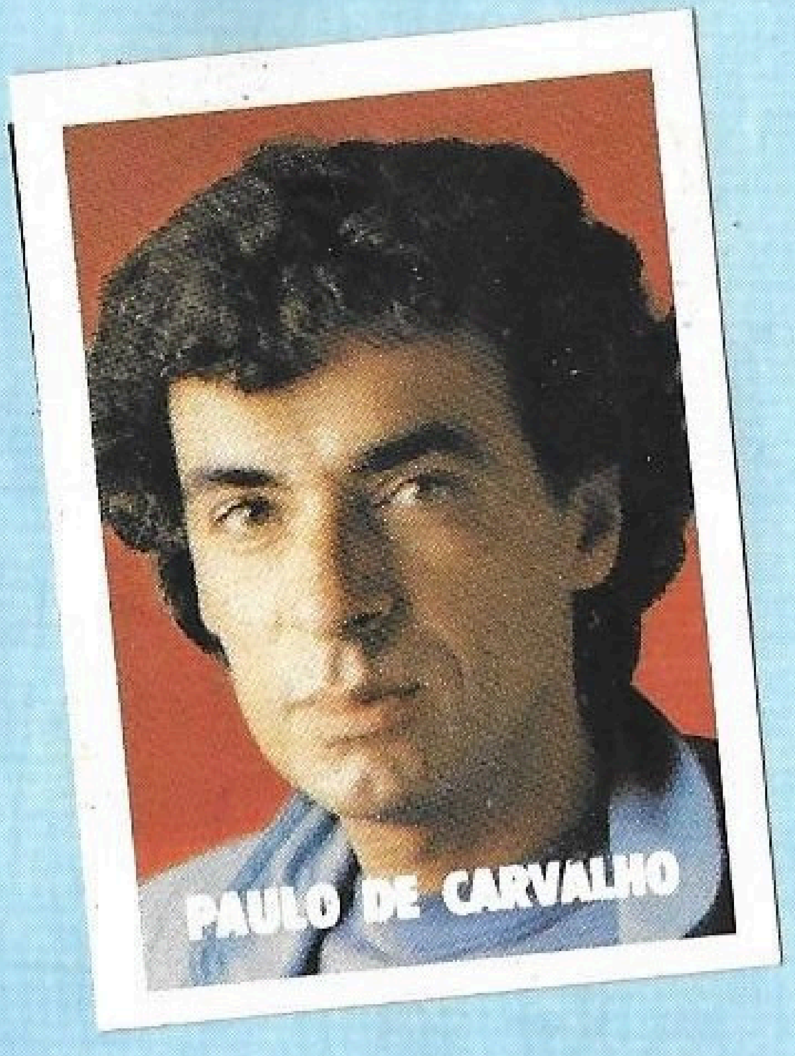


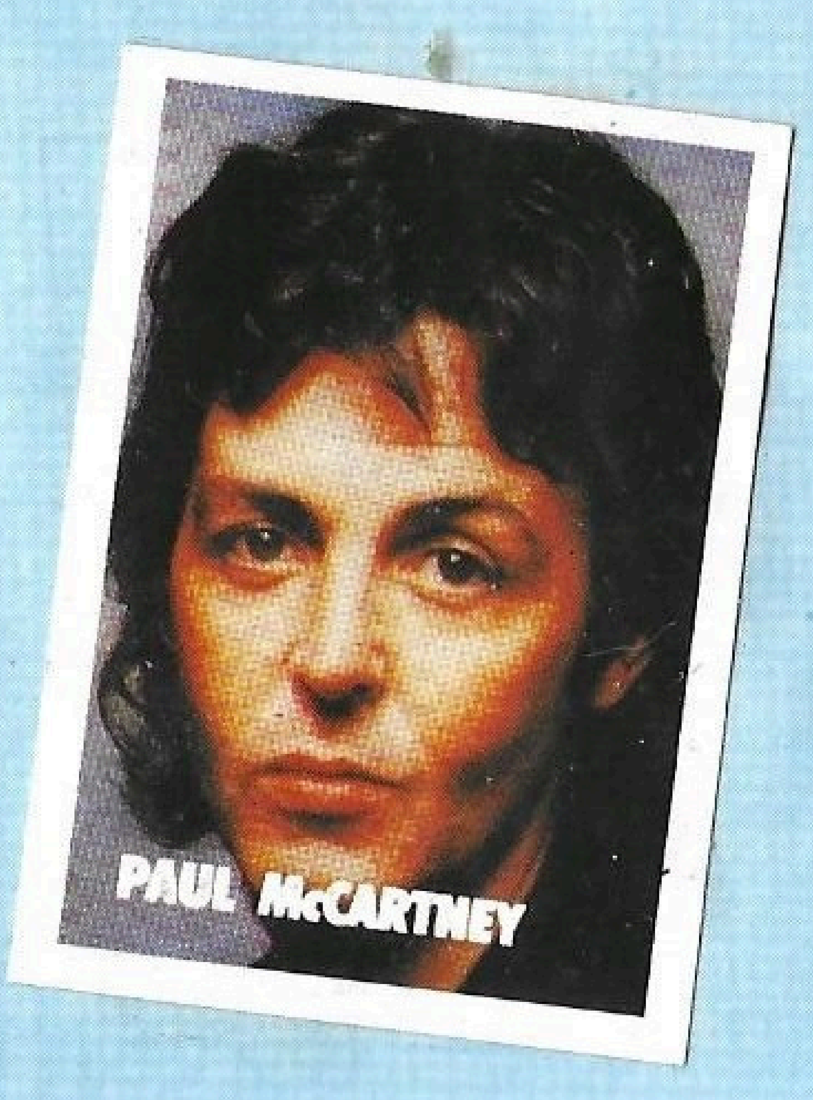
"Patchouly". Ou ainda as curiosas experiências dos Street Kids até ao "heavy--metal" dos TNT, NZZN e o "hard" dos CTT. E com o tempo ainda para muitas expectativas frustradas, como os Pizzolizo, os Seilasié, ou muito mais prosaicamente, o falhanço de uns Ferro & Fogo, de uns Meninos do Coro, de uma Banda do 2.º Canal, ou ainda a imparável gravação dos Xeque-Mate, decididamente afectados por tal facto. Até a uma importante Salada de Frutas, de que saíram Lena D'Água e os "internacionais" Zoom e, que correu o País inteiro com o seu "Robot". Outros, de que referiremos apenas o nome pela fraquíssima (nalguns casos praticamente nenhuma) implantação que tiveram, foram os Bico D'Obra, Opinião Pública, Mala Posta, Vodka Laranja, Damas Rock, FM, Kamize, Tânger, Banda de Lá, Puzzle, Tilt, Jarojupe, Xutos na Bexiga, Espaço 4 e Arte Nova, entre centenas de muitos outros. Assim, entre a brincadeira, a ingenuidade e o oportunismo, criou-se um movimento "rock" que, em última análise, teve a virtude de revelar alguns aspectos curiosos do panorama editorial português. Curiosos e também, muitas vezes, dramáticos, porque pelo sonho foram muitos músicos, pelo sonho se empenharam e pelo sonho caíram sem dar por isso. Hoje só poucos se lembram destes grupos, cujos músicos vêem com grande expectativa o desenvolvimento da corrente que (também) ajudaram a implantar. No fundo, a quatro anos de distância, o "boom" do "rock" português mais parece uma brincadeira sem tom nem som, de onde, felizmente, saíram alguns bons trabalhos. E é já um dado adquirido que, do movimento do

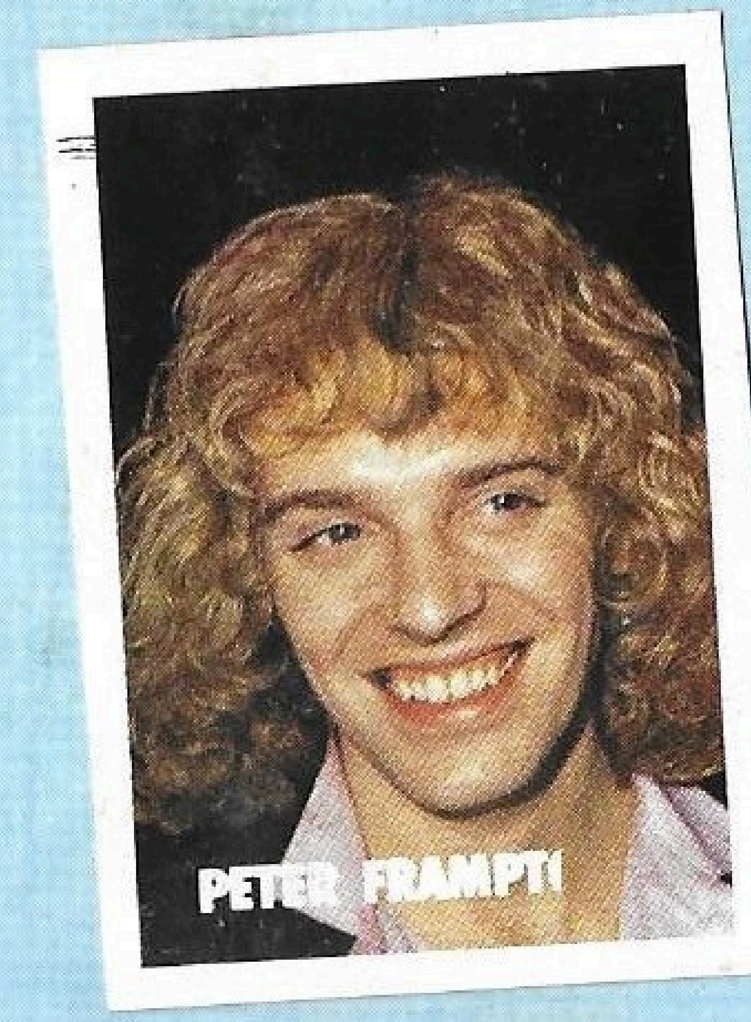
"rock", ficaram grupos e solistas importantes e válidos. Os outros, os que desapareceram pelo caminho, foram o folclore de uma história ainda com alguns pontos obscuros. Terminada a festa, voltaram para casa, venderam as guitarras, esqueceram os sonhos e trataram de arranjar emprego. Um dia contarão aos filhos e netos que fizeram parte do "rock" português. Mas falemos então dos que ainda permanecem, de que destacámos alguns. Adelaide Ferreira, 24 anos, é uma das melhores vozes da geração dos fins de 70 na música portuguesa. Nativa do signo Balança, é uma jovem desinibida que só faz o que lhe dá "na real gana" e que se dedica intensamente a tudo o que faz. "Baby suicida" e "A tua noite", foram os dois temas de trampolim para a carreira a solo, actualmente, renovada com o recente lançamento do maxi-single "Adelaide".

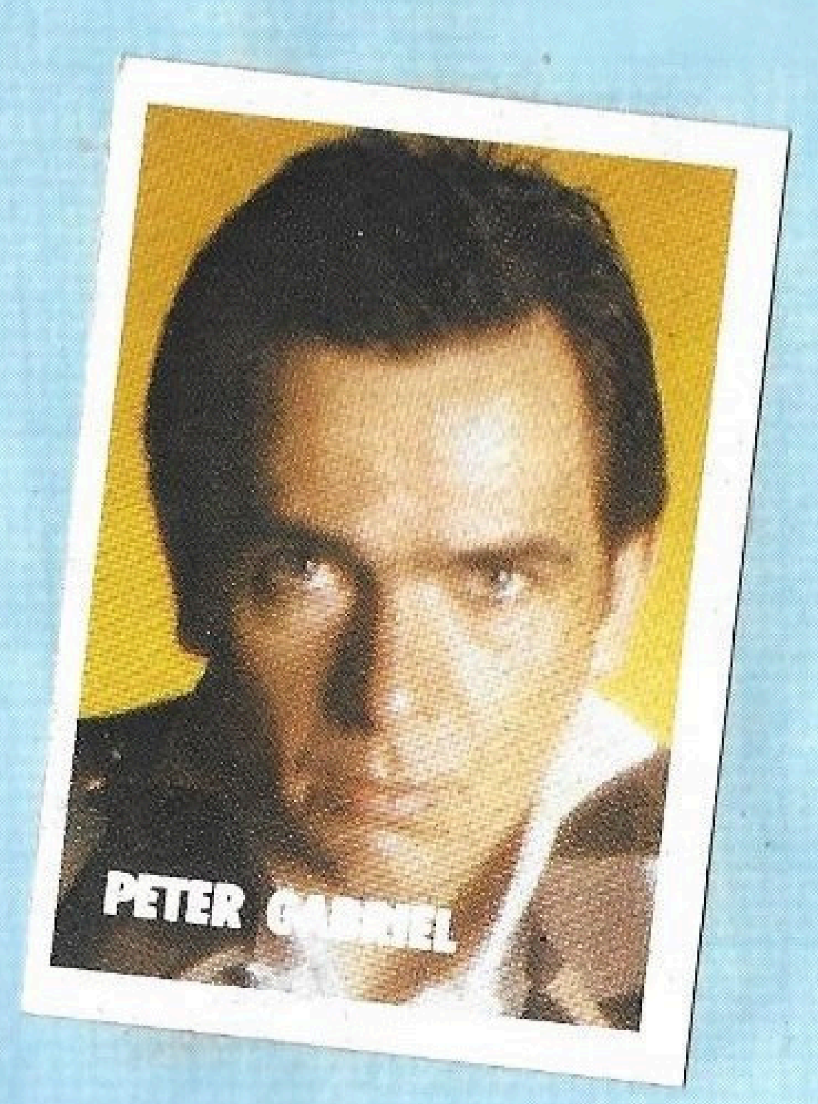


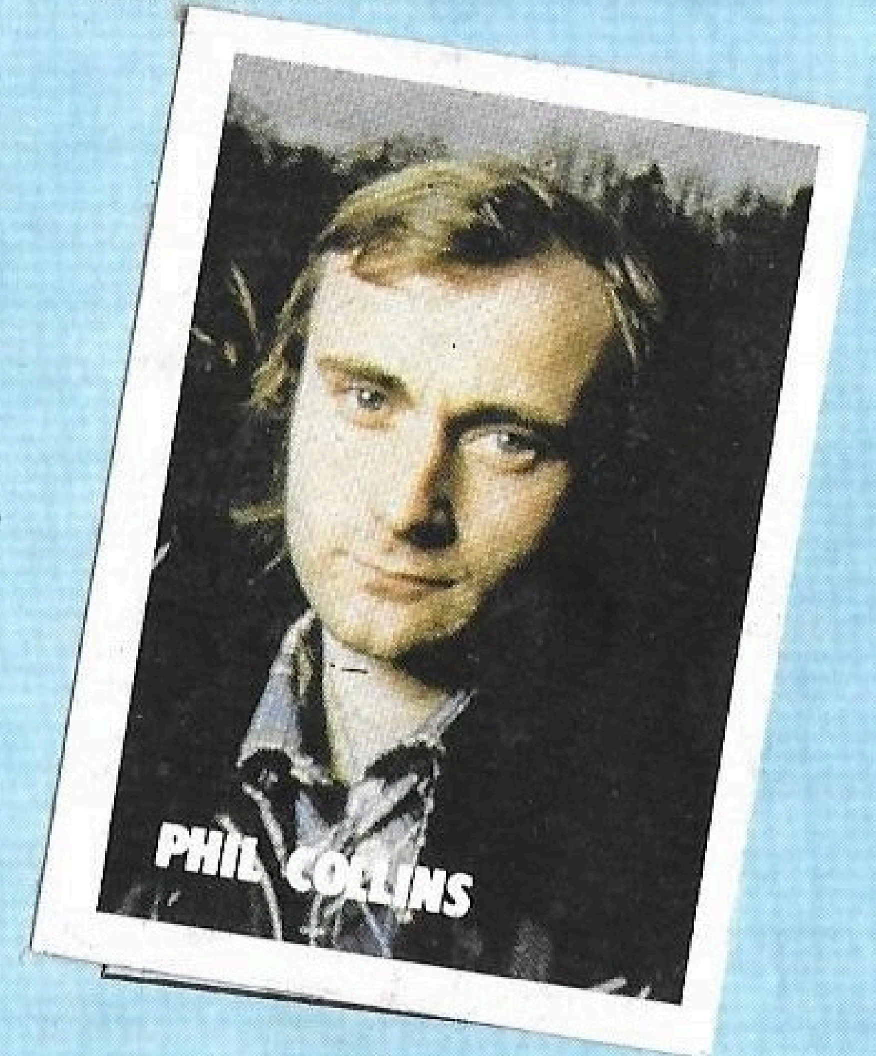


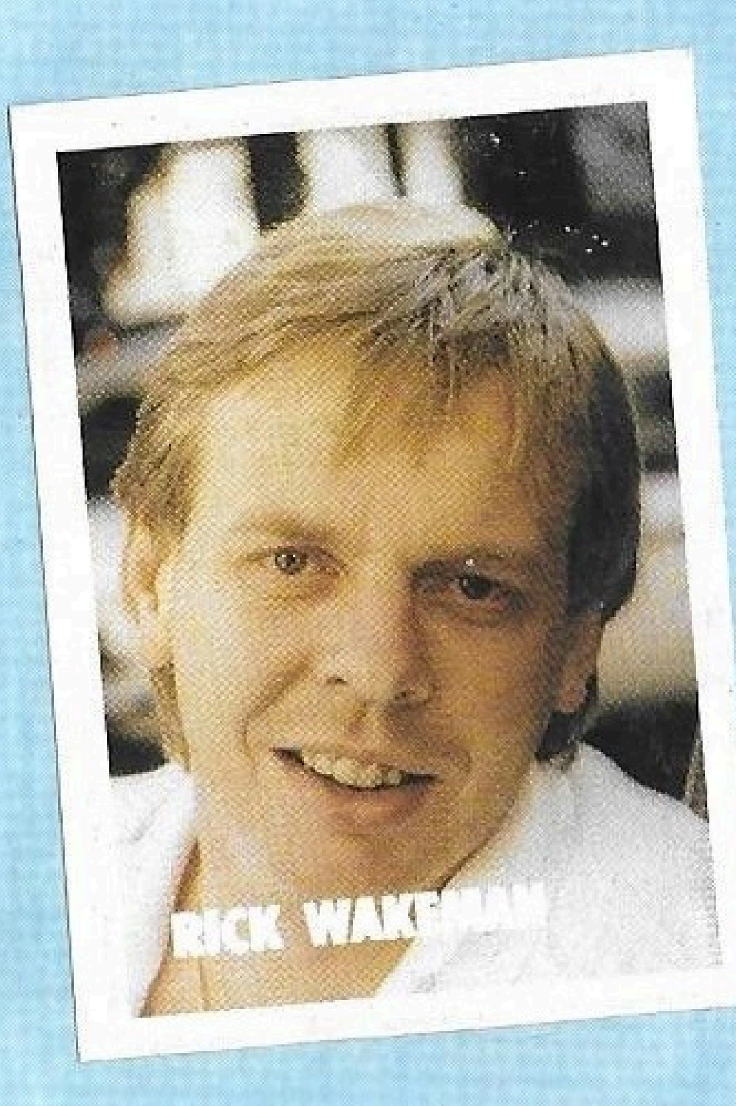


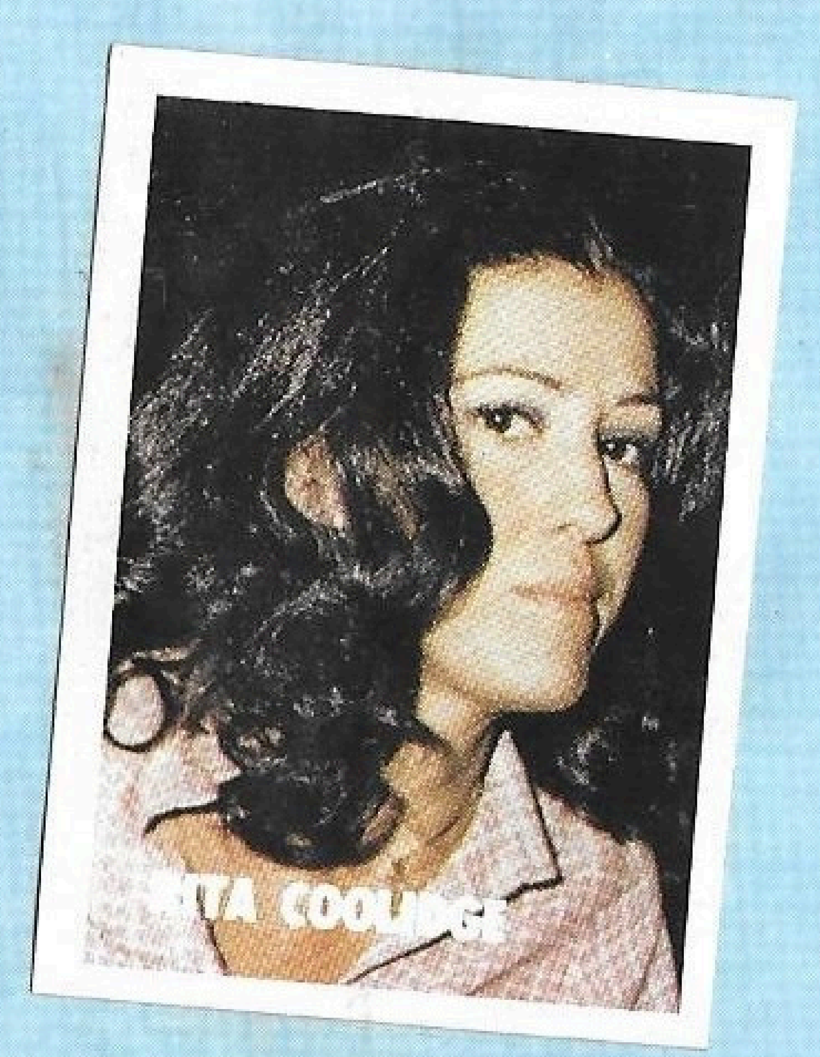


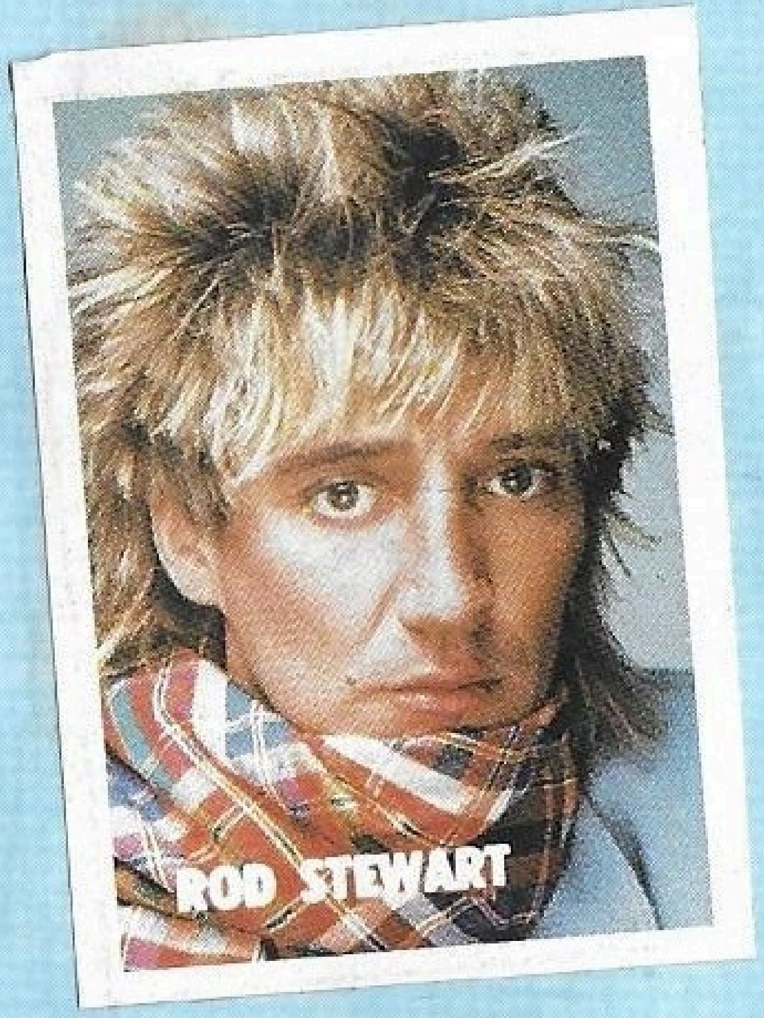


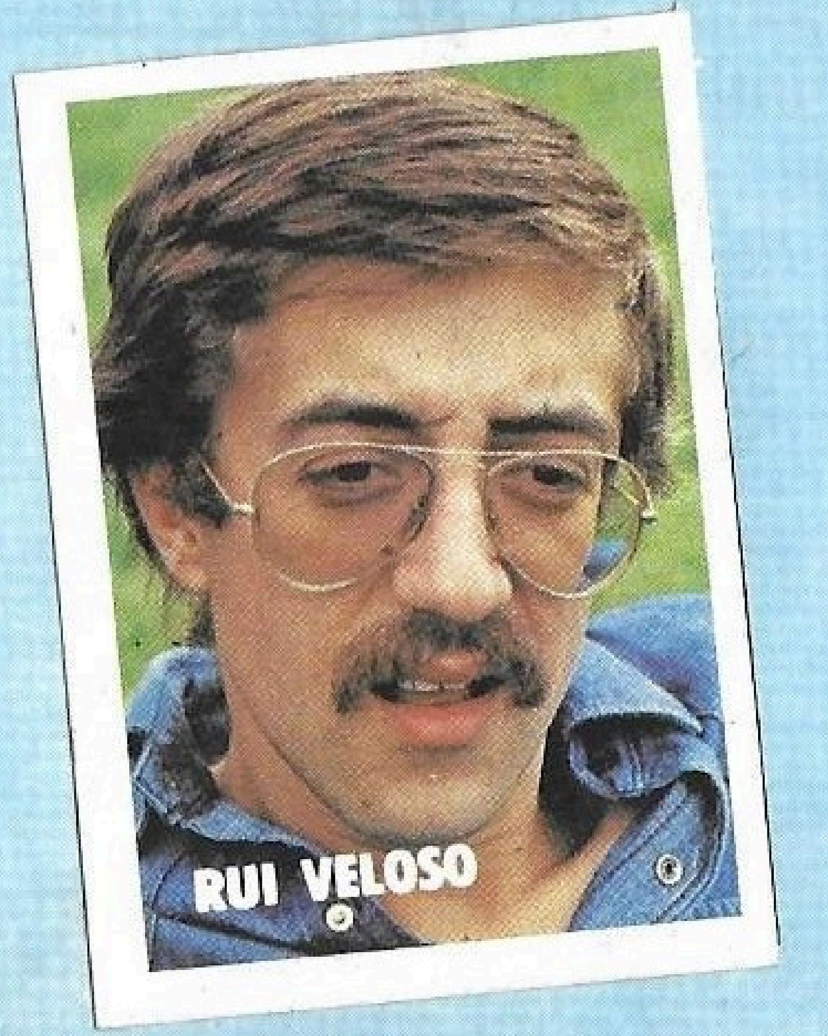


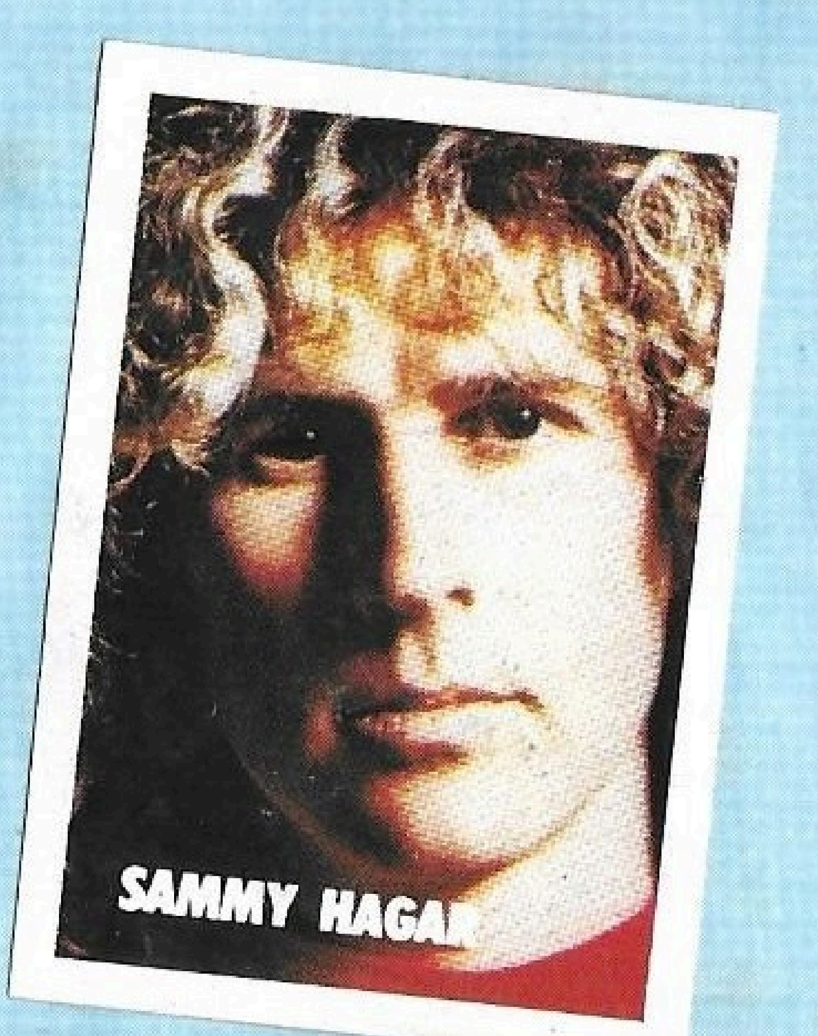




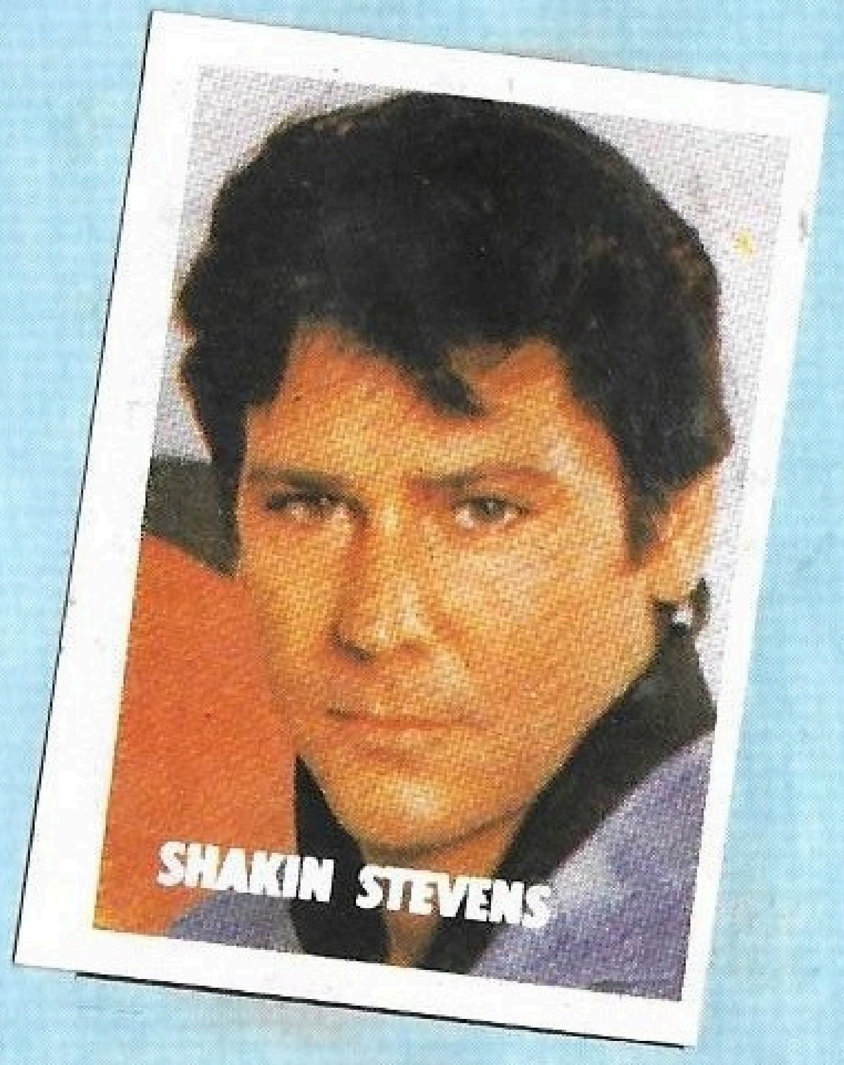


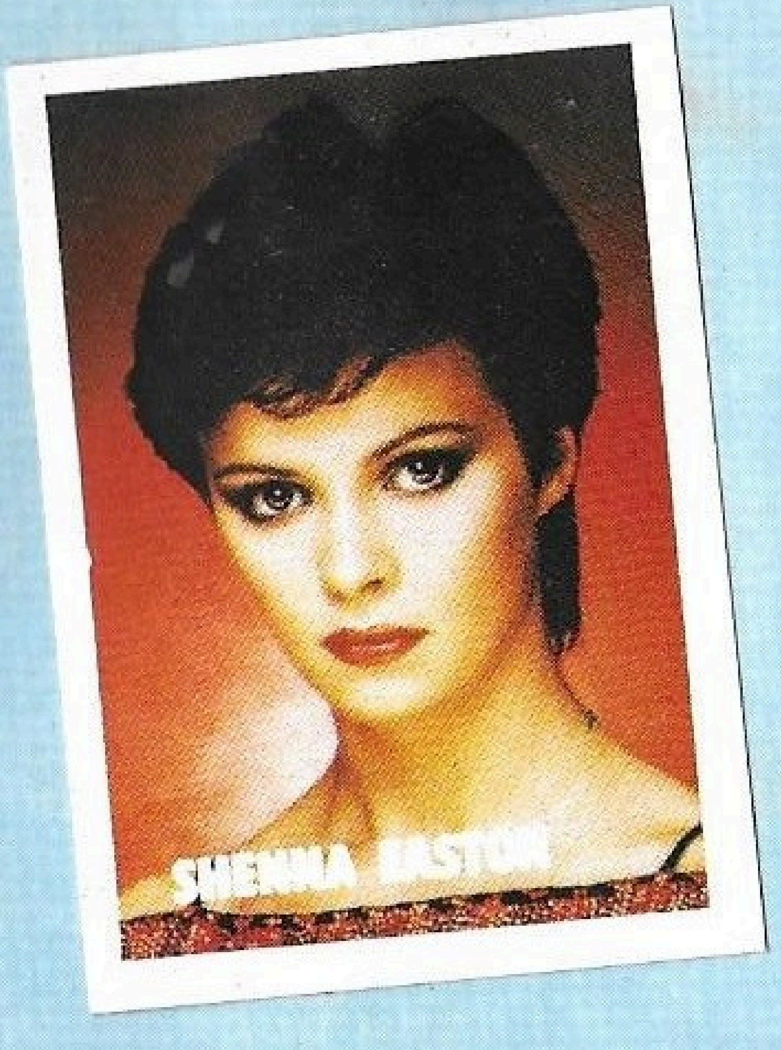


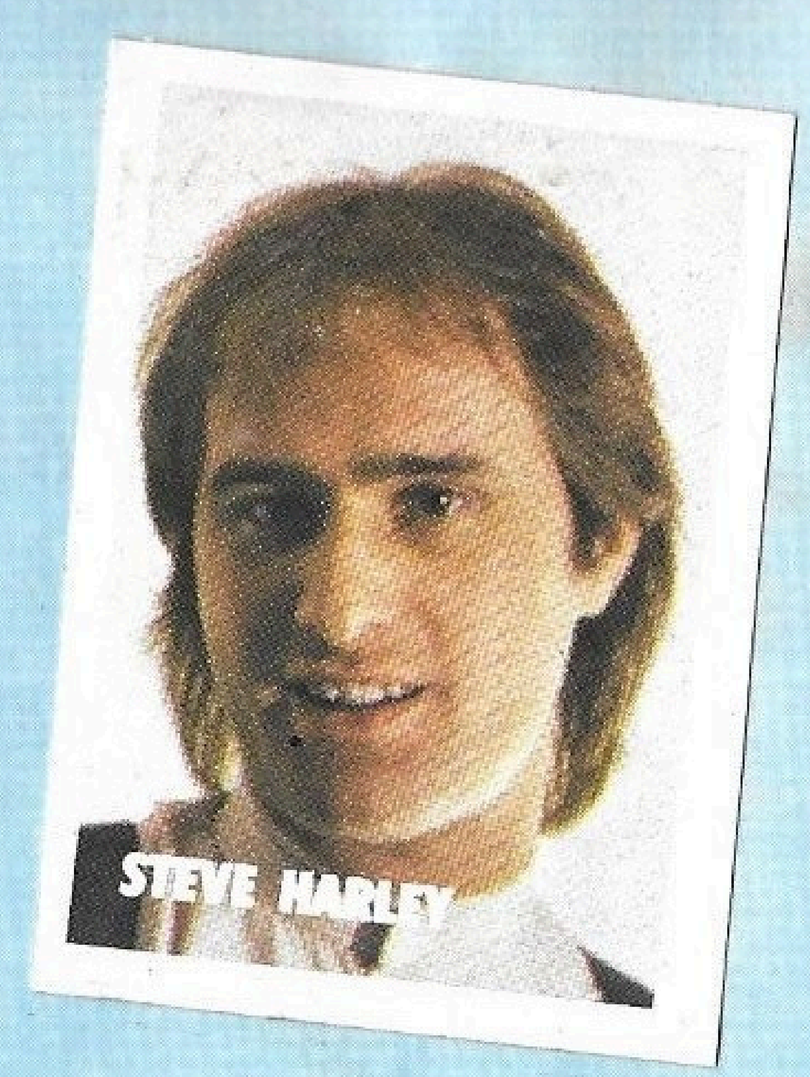


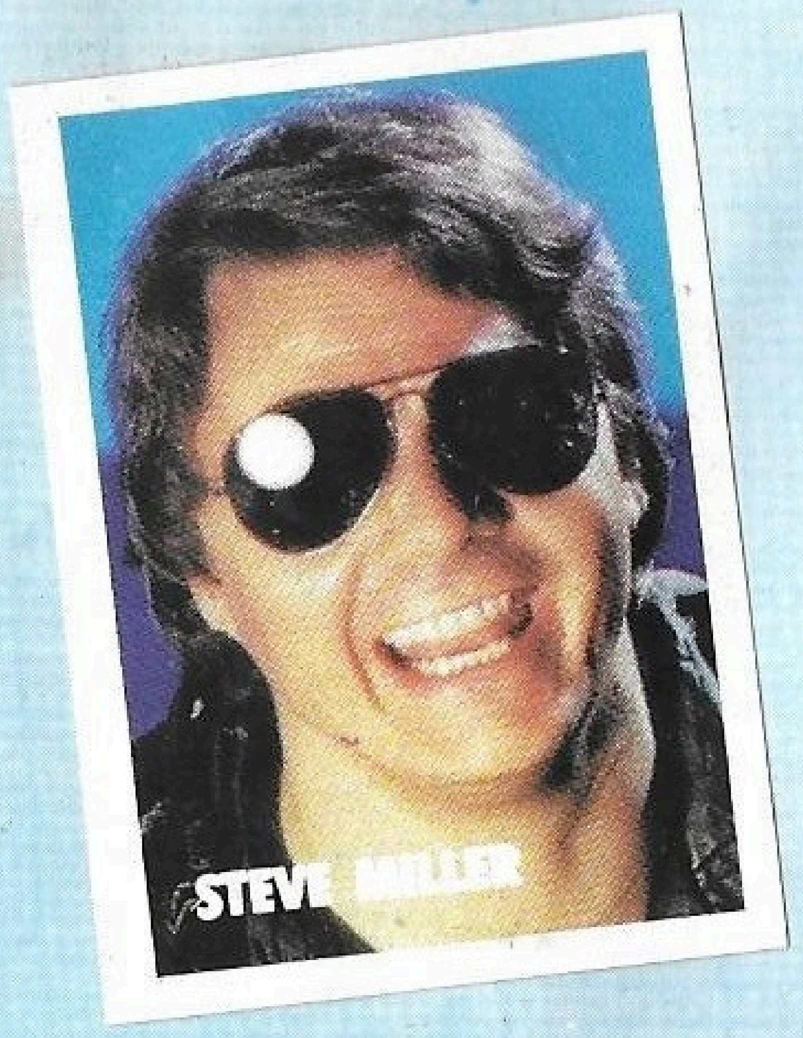


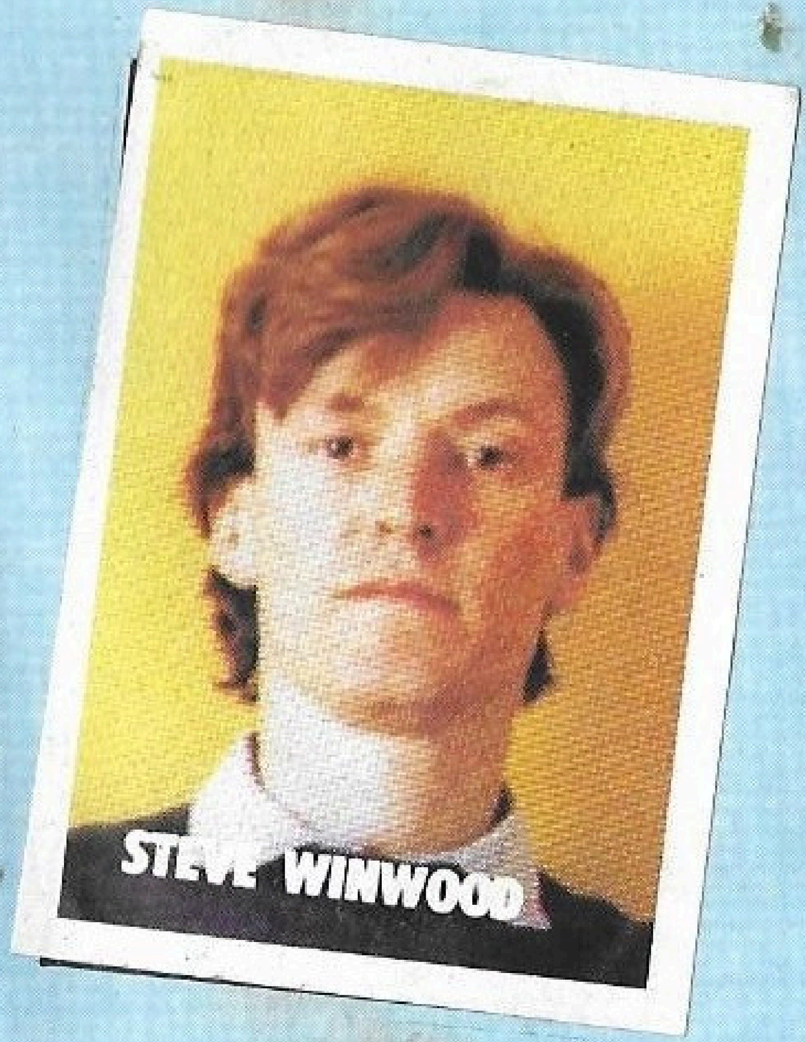


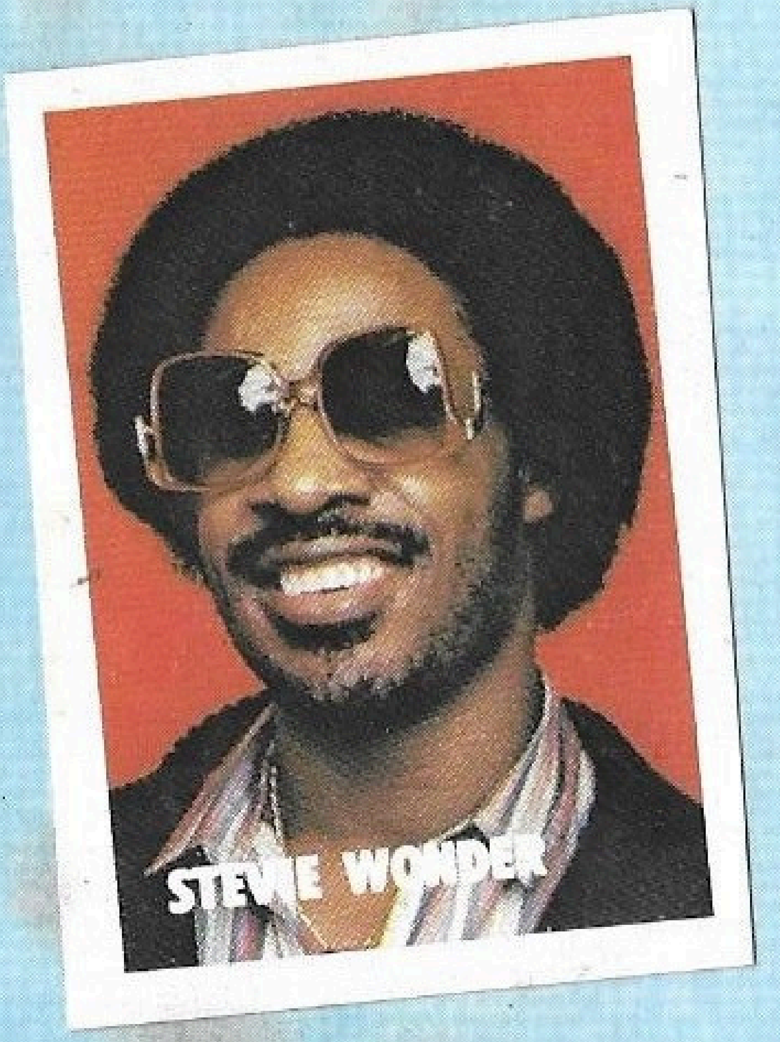




















António Variações surgiu no panorama musical português com uma enorme simplicidade e uma coragem ainda maior de ser diferente.

Sabe o que quer e está decidido a consegui-lo. De aparência calma, exuberante no vestir, com uma voz e uma presença insólitas, assumindo, por vezes, atitudes desconcertantes, ele tem sido responsável por uma das mais ''loucas'' aventuras musicais dos últimos tempos. Apareceu em meados de 1982 com um estranhíssimo maxi--single em que ''ousou'' recriar brilhantemente o clássico ''Povo que lavas no rio'' de Amália. Grande admirador da diva do fado, António dedicou-lhe todo o seu primeiro álbum, ''Anjo da guarda''.

Com uma formação de quatro elementos, os GNR são uma banda do Porto, em que pontifica o jovem poeta Rui Reininho. Um grupo que se entrega totalmente ao seu trabalho e para ele vive. Desde ''Portugal na CEE'', passando pelo álbum ''Independança'', até ao recente maxi-single ''Twistarte'', o Grupo Novo Rock tem uma intenção implícita, que é a de pedir aos jovens para que se ''mantenham unidos nas suas ambições e aspirações que, evoluam para melhorar os outros que estão para trás, porque retomar as ressacas das noites anteriores às vezes dá uma grande ressaca''. É

MUSIC STARS

constituído por Tóli (bateria), Alexandre Soares (guitarra), Jorge Eduardo (viola-baixo) e Rui Reininho, o letrista e vocalista do grupo e autor de um livro de poesia, recentemente lançado.

Banda portuguesa formada em 1977, a partir de um núcleo central constituído por Artur Paes, João Allain e José Carlos Cordeiro, a Go Graal Blues Band é, fortemente, influenciada por bandas norte-americanas e assenta a sua via nos "blues" e no "rythm'n blues", deles partindo para desenvolvimentos diversos utilizando o inglês como expressão. Gravou o primeiro Lp em 1979, a que se seguiram, entre outros, os trabalhos "Lay down", "White traffic" (editado em França), "Lonely boy" e, mais recentemente, "Casablanca" e "Wild beat blues". Já este ano lançou uma colectânea de título genérico "Go Graal Blues Band — 79/83", com dez dos seus principais êxitos, em comemoração do oitavo aniversário de existência e quinto de gravações. A actual formação é composta por João Allain (guitarra), Paulo Gonzo (voz, harmónica), Henrique Leite (baixo), Mário Pereira (bateria), Ana Paula Semedo (coros) e Leonel Cardoso (sax).

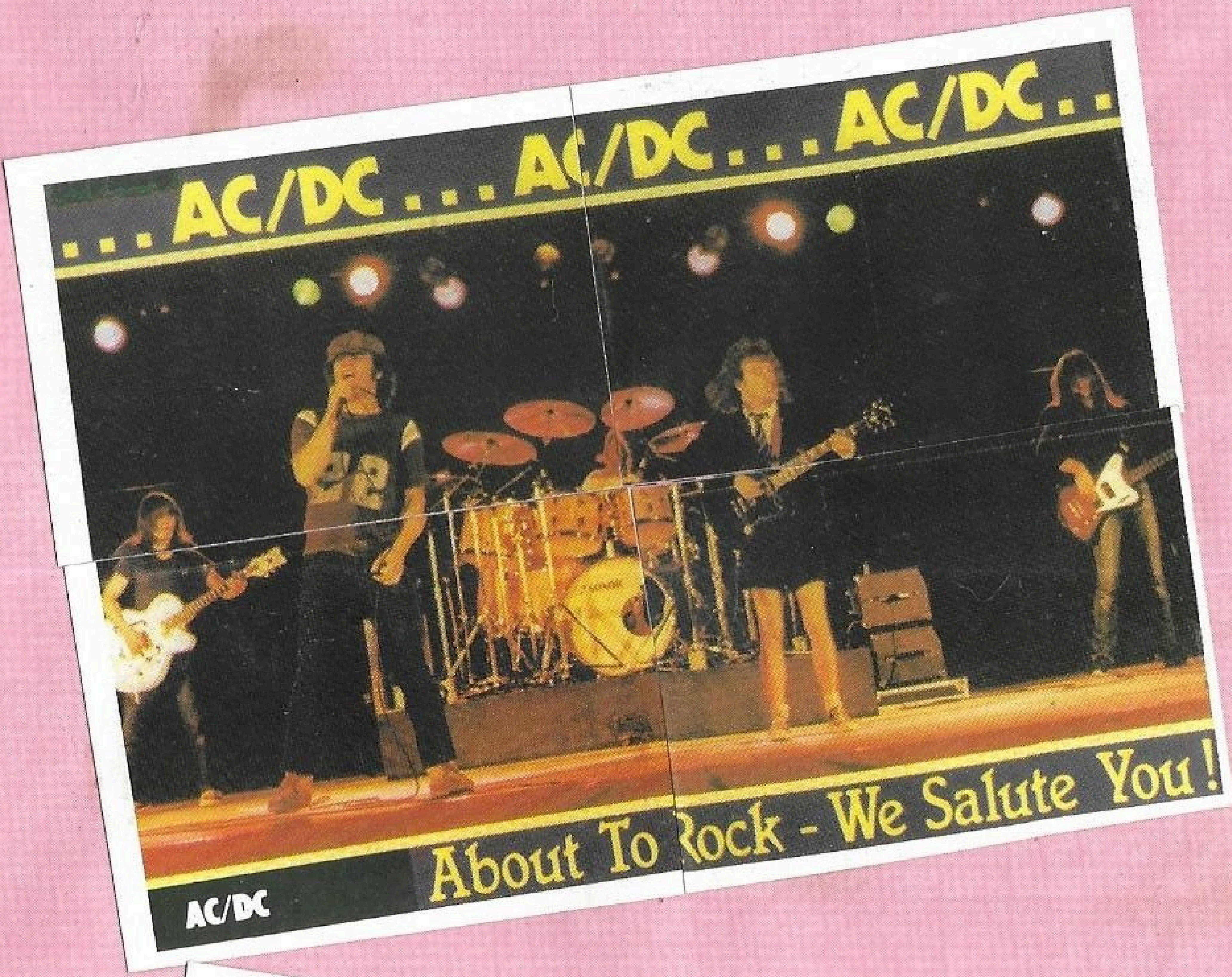
Os Jáfumega são mais um grupo nortenho que entrou às apalpadelas neste reino escuro do "rock". Uma banda de seis elementos, cujo primeiro trabalho de longa-duração, "Estamos aí", foi editado em 1980. Seguiram-se "Jáfumega", com êxito "Latinamérica" e, mais recentemente, "Recados". "Rock" nacional numa versão peculiar onde também há lugar para digressões mais ou menos jazzísticas, o grupo Jáfumega é composto por Álvaro Marques (bateria), José Nogueira (sax, teclas),


A.F. OF SEAGULLS


ABBA


ABC

MUSIC STARS





Luís Portugal (voz, percussão), Eugénio Barreiros (voz, teclas), Mário Barreiros (guitarra) e Pedro Barreiros (baixo).

Lena D'Água entrou em 1976 para os Beatnicks, como vocalista, e aí ficou durante dois anos, após o que ingressou nos Diadágua, gravou o Lp infantil "Qual é a coisa qual é ela" e formou o grupo Salada de Frutas, em que gravou o álbum "Sem açúcar" e o single "Robot".

Em Setembro de 1981, juntamente com Luís Pedro Fonseca, abandonou a Salada e encetou uma carreira a solo, apoiada instrumentalmente, pela Banda Atlântica.

Nesta nova etapa, tem já gravados os singles "Vigaro cá, vigaro lá" e "Jardim zoológico" e o Lp "Perto de ti". Juntamente com Sérgio Godinho, Trovante e Eugénia Mello e Castro, foi dos primeiros artistas portugueses da nova vaga a editar discos no Brasil.

Rui Veloso despoletou o chamado "rock português"

RUI Veloso foi "só" o homem que fez despoletar a grande exploração comercial do "rock" cantado em português. Surgiu em 1979 com "Chico fininho", publicou em 1980 o Lp "Ar

de rock'' e consagrou-se como um dos principais rockers nacionais. Seguiram--se depois os trabalhos ''Fora de moda'' (Lp), ''Um café e um bagaço'' (single) e ''Guardador de margens'' (Lp), encontrando-se agora cada vez mais ligado à área dos ''blues''.

Os Táxi constituem um grupo curioso e de certo modo original. Os elementos que o compõem são amigos de infância que, há três anos se juntaram para a formação do grupo. Daí até agora já gravaram os Lp's ''Táxi'', ''Cairo'' e ''Salutz'' e o maxi-single ''Sing Sing Club''. Formada por Rui Taborda (baixo e sintetizadores), Henrique Oliveira (guitarra), Rodrigo de Freitas (bateria) e João Grande (voz), esta banda do Porto constitui, actualmente, uma das mais populares no meio artístico português e alcançou já uma sonoridade própria.





O neo-romantismo da música portuguesa

A chamada onda neo-romântica invade desde há uns anos a Europa. Por aqui, neste País de brandos costumes, também a moda chegou. Depois do histerismo provocado pela presença entre nós de alguns nomes sonantes dessa onda, eis que surgem os neo-românticos ''made in Portugal''.







Dos muitos e variados grupos dessa onda que por aí apareceram, o mais importante e promissor tem sido, indubitavelmente, o "Heróis do Mar". Foi em 1981 que esta banda apareceu como um dos mais estonteantes, ambiciosos e polémicos discos feitos nos últimos tempos em Portugal, "Heróis do Mar". A crítica não foi favorável e o Lp provocou mesmo uma certa antipatia e desconfiança, mesmo quando as sonoridades despertavam interesse. Apelidados de neo--fascistas, o Carlos Maria Trindade (teclas), António Almeida (bateria), Paulo Gonçalves (guitarra), Rui Pregal da Cunha (voz) e Pedro Ayres de Magalhães (baixo) não se perturbam.

Antes reaparecem com o espantoso êxito "Amor" que, ultrapassou as fronteiras nacionais e ainda hoje é considerado como um dos melhores temas gravados dos últimos anos no País. Depois surgiu o Lp (fraquíssimo) "Mãe" e um novo êxito, o maxi-single "Paixão". Outros grupos dos mais populares nesta onda são o trio Da Vinci, os Ópera Nova, ps Popeline Beije e, mais recentemente, os Sétima Legião.

Além do "rock", a que dedicámos propositadamente um maior espaço, dado ser (obviamente) o género musical da vossa preferência, convém não esquecer que a música (neste caso, a portuguesa), vive também de outras correntes, nomeadamente, a popular.

A canção popular (vincadamente social), isto é, os intérpretes mais virados para uma objectiva prática da canção de texto, também contribuiu de uma maneira bastante sintomática para o enriquecimento do nosso espólio cultural neste domínio da música. Foi assim que, ao

longo destes dezasseis anos mas, sobretudo, depois do 25 de Abril de 1974, lograram ser publicados importantes trabalhos neste género. Nesse sentido é imperdoável citarmos dois nomes importantíssimos, se são os mais representativos (um dos quais já morto) da nossa música popular, Adriano Correia de Oliveira e José Afonso. Quanto ao primeiro, creio que não será preciso recordar que foi ele que, há já largos anos, pôs em disco maravilhosas composições como "Menina dos olhos tristes", "Cantar de emigração" ou "Tejo que levas as águas", entre outros. Quanto a Zeca Afonso, todos o conhecem. Outros nomes importantes no campo da música popular são Jorge Palma, José Mário Branco, Júlio Pereira, Fausto, Sérgio Godinho, Pedro Barroso, Carlos Mendes, Fernando Tordo, Samuel, Simone, Terra a Terra, Trovante, Brigada Victor Jara, Janita Salomé, Paco Bandeira e Paulo de Carvalho.
Campo restrito da música popular, o fado, a canção nacional por excelência, nele pontificam actualmente Amália, Carlos do Carmo e Rodrigo mas, também outros merecem referência, como Maria Armanda, Maria da Fé ou Vasco Rafael.





MUSIC STARS







A música ligeira portuguesa

NO domínio da cançoneta ou música ligeira, José Cid é a grande "estrela" que num outro país com uma dimensão que não a portuguesa seria, certamente, um nome com muito maior projecção mundial do que que tem.

Desde o Quarteto 1111, passando pelos Green Windows e diversas outras bandas de "rock", Cid tem imposto um estilo muito próprio bem patente em melodias que todos conhecem, como "20 anos", "Junto à lareira", "Uma cabana junto à praia" ou, mais recentemente, "O macaco e a banana" e "Portuguesa bonita". É de José Cid, conjuntamente com Carlos Mendes, a melhor classificação (sétimo lugar) obtida até agora por Portugal no Festival da Eurovisão.

Outros nomes, uns mais outros menos que, se têm destacado nos últimos anos na música ligeira portuguesa são, além do também campeão de vendas Marco Paulo, Alexandra, Ana, Armando Gama, Cândida Branca-Flor, Carlos Paião, Carlos Quintas, o grupo Cocktail, o grupo Doce, Dina, Eugénia Mello e Castro, Gabriela Schaaf, Herman José, Lara Li, Manuela Moura Guedes, Mara Abrantes, Né Ladeiras, Paulo Alexandre, Rita Ribeiro, Suzy Paula e Tozé Brito, entre muitos mais.

Referência especial para o trabalho de projecção internacional, a partir de França, de Linda de Suza e, para as experiências de Rao Kyao, Maria João e António Pinho Vargas no campo do "jazz", ainda à descoberta no nosso País.

Finalmente, de realçar as experiências que nos últimos dois anos têm sido realizadas no intercâmbio luso--brasileiro, de que se destacam os trabalhos de Eugénia Mello e Castro ("Eugénia Mello e Castro" e "Águas de todo o ano"), Trovante ("Baião de dois") e Sérgio Godinho ("Coincidências").





MÚSICA ESTRANGEIRA

Os pioneiros do rock

É sempre difícil fazer um historial do rock. Primeiro porque as pistas se confundem, tornando impossível qualquer afirmação isenta de uma margem de erro. Depois porque é difícil atribuir responsabilidades a este ou aquele cantor no desenvolvimento do movimento, complexo à partida, volvidas que são algumas décadas sobre o seu início. No entanto, e tendo sempre em conta essa possível margem de erro, vamos tentar fazer o historial recente do rock/pop.
Os Estados Unidos terão sido o primeiro país a sentir o incremento dos blues nas suas fronteiras. Os negros que



MUSIC STARS

tinham sido arrancados de África para trabalhar como escravos nas terras do Sul dos Estados Unidos, transportaram consigo a sua música.

Nos primórdios do século XIX a sua cultura tinha-se espalhado por todos os estados, começando a ser notório o incremento do seu espiritual preferido: o blues. Algumas décadas mais tarde, já em pleno século XX, sete homens tiveram influência decisiva no desenvolvimento/ /transformação do blues que, viria a originar o rock'n'roll, em terras americanas e, o rhythm & blues, em Inglaterra. Fats Domino, B.B. King, Chuck Berry, Bo Diddley, Ray Charles e Muddy Watters, "agarraram" na essência dos blues e conseguiram grangear, para além do público negro, muitas simpatias junto dos norte-americanos. Começava então, a esboçar-se o nascimento de um novo movimento musical. A princípio, os pais dos jovens que aderiram a esta corrente não viam com bons olhos os intérpretes da "nova música". Havia ainda a agravante de esta corrente ter reminiscências negras, o que, num país onde o racismo era rei, era argumento de peso. Só que quanto mais condenavam os negros que interpretavam este género musical, mais força o movimento tinha. O fruto proibido...


DR FEELGOOD


DURAN DURAN

A situação só se alterou significativamente quando um branco, o nosso sétimo homem que, entretanto, descobrira toda a força e misticismo que o blues encerrava, começou a alcançar estrondosos êxitos de vendas com um género musical dele inspirado: o rock'n'roll. Tratava-se de Bill Halley que, pegou no rock'n'roll primário que Chuck Berry entretanto havia desenvolvido, tornando-se alvo das atenções de, agora sim, todos os jovens norte-americanos. Durante alguns anos, Halley e Berry foram, cada um à sua maneira, aperfeiçoando a concepção musical do rock'n'roll, preparando o caminho para o "rei" Elvis que, aparece já a meio da década de cinquenta. Elvis Presley foi a primeira grande estrela que o rock'n'roll produziu. Durante duas dezenas de anos as suas fans seguiram atentamente a sua carreira, apesar de todas as transformações que esta sofreu ao longo dos anos. Se a princípio a geração mais velha odiava Elvis, no fim da sua carreira qualquer mãe teria imenso prazer em casar a sua filha com aquele maluco simpático — isto para fazerem uma ideia de como Elvis foi mudando com o decorrer dos anos. Tom Parker terá sido o grande culpado das constantes alterações na carreira de Elvis. Como seu empresário, detentor de um extraordinário





MUSIC STARS







sentido comercial. Tom fazia a carreira de Elvis seguir sempre ao correr das modas. Assim, nos primeiros tempos Elvis era o grande estandarte de inconformismo dos jovens, mais tarde não passava de um cantor romântico. No entanto, não pode ser menosprezada a influência decisiva que teve no nascimento do rock.

Não seria justo esquecer muitos dos outros nomes que tiveram uma importância decisiva no desenvolvimento do movimento de que temos vindo a falar. Assim, também James Brown, Ray Charles, Johnny Ace, Nat King Cole, John Lee Hooker, Little Richard, The Platters e Jackie Wilson, entre outros, contribuiram de forma importante no nascimento do rock, do rock'n'roll e do rhythm & blues.

Estava tudo preparado para o "boom" definitivo...

ANOS SESSENTA
Os Beatles, os Rolling Stones e os ideais...

NO limiar dos anos sessenta surgiram imensos músicos, digamos, carismáticos que arrastaram multidões atrás de si. Estão neste grupo Long John Baldry, Joan Baez, Bob Dylan, Jimmy Cliff, Woody Guthrie, Richie Havens e Capole King. Durante uma década, mais ou menos marginalizados pelo sistema, foram, cada um à sua maneira, profetas de uma religião que se pretendia única e verdadeira mas, que se esfumou com o aparecimento de alguns dólares. Ainda voltaremos a falar deles...

Esta década teve como grandes triunfadores no campo musical uma banda que em pouco tempo "virou" os costumes de meio Mundo: os Beatles. Nascidos no

princípio dos anos sessenta, os Beatles conheceram o sucesso através de "Love me do", um single que marcou a sua estreia nas lides discográficas. Paul McCartney, John Lennon, Ringo Starr e George Harrison construiram sucessos atrás de sucessos, tornando-se o melhor negócio que a música produziu até hoje. Dois argumentos de peso para isso terão contribuído: o grande poder criativo de Lennon e a imigração de McCartney. Aquando da gravação de "Revolver", o público apercebeu-se de que os Beatles estavam à beira do fim. O cansaço era por demais evidente. Atribuiram-se culpas a Yoko Ono na dissolução do grupo de Liverpool; falou-se das más-vontades entre Lennon e McCartney. Decididamente, o que ficou foi uma obra importantíssima, intemporal, que ainda hoje inspira muitos músicos ligados à pop.

Depois do conceptual "Sergeant Pepper's" a "Lonely Heart Club Band" — um dos melhores álbuns de sempre —, "The Beatles", "Abey road" e "Let it be" confirmaram o fim espiritual dos Beatles. A sua existência física não demorou muito a desaparecer e, em 1970 os Beatles pertenciam definitivamente ao passado. De tempos a tempos, uma colectânea sua lembra-nos (é possível esquecer?) a passagem dos Beatles por este Mundo...

Entretanto, em 1963, tinham surgido na cena rock os Rolling Stones. "Come on", um original de Chuck Berry, marcou a sua estreia em disco. Com uma concepção musical completamente diferente dos Beatles, a carreira dos Stones acabou por estar estreitamente ligada à daqueles.

O público não estava ainda preparado para o género de







MUSIC STARS





música dos Stones — um rhythm & blues demasiado ríspido e duro. Então, à medida que os Beatles "amaciavam" o público, os Rolling Stones" iam entrando a matar. As letras "maquiavélicas de Keith Richard e Mick Jagger começaram a fazer carreira. Assuntos como a droga e as relações sexuais eram tratados de uma forma violenta, o que não agradou muito ao "establishement". "Little red rooster" chegou mesmo a ser proibido nos Estados Unidos. Claro que com todos estes escândalos o nome dos Rolling Stones se popularizou bem mais depressa. "Satisfaction" foi o passo final. Definitivamente, os Rolling Stones faziam parte das super-stars da música...

Com um estilo algo análogo ao dos Beatles, tinham nascido em 62 e 63, respectivamente, os Beach Boys e os Bee Gees. A mesma receita, resultados diferentes. O motivo principal a motivar esta diferença foi o facto de os Beach Boys se "prenderem" demasiado ao trabalho dos Beatles, não se preocupando em evoluir por um caminho próprio. Quanto aos Bee Gees, no seu pop certinho, boas orquestrações e um excelente jogo de vozes, lá foram evoluindo. Ambos os grupos campeões de vendas, não há dúvida que em termos de fenómeno de massas os Bee Gees conseguiram ir bem mais

além...
Em 1964 surgem nas luzes da ribalta os The Animals, encabeçados por Eric Burdon. A sua versão de ''House the rising sun'', um original do primeiro álbum de Dylan, atingiu o degrau mais alto dos tops de ambos os lados do Atlântico. Mais um supergrupo que estes anos sessenta produziram...
Mas esta década lançou imensos nomes importantes para a história do rock. Assim, entre muitos, muitos outros, em 63 apareceram os Yardbyrds; em 64 os WHO, os Kinks e os Moody Blues; no ano seguinte foi a vez de Kris Kristoferson e Paul Simon & Art Garfunkel; em 66 Frank Zappa, os Velvet Underground, Bob Seeger, os Pink Floyd, os Jefferson Airplane, David Bowie, Tim Buckley, os Buffalo Springfield, Eric Burdon, os Cream, Jeff Back e Marc Bolan; em 67 a Barclay James Harvest, os Blood Sweat and Tears, os Doors, os Fairport Convection, os Fleetwood Mac, Peter Frampton, The Grateful Dead, Arlo Guthrie, Jimmy Hendrix, Janis Joplin, Joni Mitchell, os Soft Machine, os Tangerine Dream, os Ten Years After e os Traffic, em 68 os Yes, os Van der Graaf Generator, os Statos Quo, os Led Zeppelin, os Jethro Tull, os Flying Burrito Brothers, os Deep Purple, Crosby Stills, Nash & Young, os Credence Clearwater Revival, os Byrds,





MUSIC STARS







Elvis Bishop e The Band; em 69 os Atomic Rooster, os Black Sabath, Alice Cooper, Emerson, Lake & Palmer, os Humble Pie, os J. Geils Band, Elton John e os King Krimson...

Se a todos os que acabámos de citar juntarmos muitos outros, em nossa opinião, não tão importantes, poder-se-á fazer uma ideia do grande salto que o rock deu nesta década. Os vários estilos de fusão começavam a incrementar-se. Havia surgido o rock-progressivo, o sinfónico, o hard-rock. Os Led Zeppelin vinham alterar os padrões de grupo rock. Os Doors, especialmente Jim Morrison, tinham levado aos palcos a denúncia do erro social que encurralava os jovens num beco sem saída, também sem horizontes que, acabou por levar Morrison ao suicídio. Tinham surgido as primeiras grandes bandas de culto, de que se destacam os Atomic Rooster. David Bowie tinha levado ao palco as primeiras facetas da sua personalidade extrovertida, começando a demolir tabus atrás de tabus. Frank Zappa juntava-se a Bowie. Alice Cooper aos dois e, então, gera-se um movimento de certa forma anacrónico, visto tudo isto se passar numa época em que o público não estava preparado para este tipo de trabalhos. Os Velvet Underground tornam-se também numa banda de culto. Os Pink Floyd encabeçam o movimento de grupos que começam a explorar o rock-progressivo/sinfónico.

Jimmy Hendrix e Peter Frampton revelam-se dois excelentes guitarristas... E os muitos músicos que não passaram das sessões de estúdio...

Mas facto relevante na década de sessenta ligação que, especialmente, nos Estados Unidos, a música e

os ideais políticos conhecem. Vemos, assim, imensos cantores irem para a "estrada" os ideais da paz. É a célebre época hippie. Joan Baez, Bob Dylan, Woody Guthrie, Richie Havens, Jefferson Airplane, The Grateful Dead e muitos outros vêm-se juntando numa causa comum, espalhar o mais longe possível o amor entre os homens, pela natureza, a, não-violñcia, etc. Começam então a organizar-se os primeiros festivais a favor da paz. Expoente máximo destes festivais terá sido o de Woodstock. Em 21 de Agosto de 1969, 450 000 jovens reuniram-se em Max Yasgur, a alguns quilómetros da cidade que deu o nome ao festival, para assistirem a um espectáculo musical que decorreria nos próximos três dias: "The Rock Music and Arts Fair". Entre outros, participaram neste festival os Ten Years After, Santana, Sha Na Na, Richie Havens, Joan Baez, Arlo Guthrie, WHO, Country Joe, Sly ald the Family Sone, Canned Heat, Joe Cocker, Jimmy Hendrix, Crosby Stills, Nash & Young, Jefferson Airplane, The Grateful Dead, The Band, Blood, Sweat & Tears, Creedence Clearwater Revival, Incredible String Band, Johnny Winter, Paul Butterfield, Janis Joplin, Melanie, Ravi Shankar, Mountain e Keef Hartley.

Apesar de o festival ser a favor da paz, o saldo de vidas não foi positivo — morreram três pessoas (uma de "over-dose", outra atropelada por um tractor e a terceira com um problema no apêndice), enquanto apenas duas crianças foram dadas à luz: perdeu-se, portanto, uma vida...

Outro capítulo importante desta década prende-se com a primeira grande experiência de uma ópera-rock. O grande sonho de Pete Townshend,







MUSIC STARS

guitarrista dos WHO, sempre fôra escrever uma ópera-rock, daí que não tenha perdido a oportunidade de musicar "Tommy". O intérprete principal do filme, realizado por Ken Russel, era Roger Daltrey, vocalista dos WHO. Participaram também no filme Eric Clapton, Tina Turner e Keith Moon...



ANOS SETENTA O punk, a new-wave — e os Rolling Stones...

NOS anos setenta assistiu-se ao confirmar de pergaminhos e louros alcançados na década anterior por alguns grupos e músicos. Assim, a J. Geils Band revelou-se de grande vitalidade e imaginação, mantendo-se coerente, sem, no entanto, estagnar. Elton John demonstrou ser um dos cantores pop a merecer especial atenção por parte do público, porque por detrás de todo o folclore que exibe, existe muita imaginação. Os Led Zeppelin, pura e simplesmente, transformaram-se numa das melhores bandas da época, não se oprimindo, deixando a sua imaginação evoluir livremente, espantando os seus fans a cada novo álbum. Van Morrison, depois dos Them, veio revelar-se um excelente músico. Os Pink Floyd, sempre coerentes, sempre criativos, foram somando êxitos, dando cartas na mesa do rock-



-progressivo/sinfónico. Lou Reed frustrado com o insucesso comercial que os Velvet Underground eram, parte de uma carreira a solo, escrevendo algumas das melhores músicas que o rock produziu até hoje. Os Rolling Stones herdaram a posição dos Beatles, sendo reis e senhores de um movimento que estava a sofrer substanciais alterações. David Bowie continuava a encantar e espantar, teatralizando, passe o termo, os seus álbuns de uma forma assustadoramente real. The Allman Brothers Band vinha confirmar as esperanças que os seus muitos fans tinham depositado. Eric Clapton, depois dos Yardboys e dos Cream, dedicava-se agora, exclusivamente, à sua carreira a solo. Os Deep Purple gravavam ''Made in Japan'', ainda hoje um clássico do heavy-metal. Rod Stewart, a exemplo de Clapton, dedicava-se unicamente à sua carreira a solo, fazendo do rock'n'roll a sua ''arma de guerra''. Os Fleetwood Mac, não se afastando muito do que até aí tinham feito, conseguiam, no entanto, escrever mais umas páginas na história do rock. Os WHO encantavam, maravilhavam, espantavam a cada nova obra, numa prova de vitalidade criativa de Daltrey e Townshend. Os Yes conseguiam, finalmente, afirmar-se, não mais parando de conseguir





MUSIC STARS







extraordinários triunfos... Nestes dez anos distinguiram-se muito especialmente dois movimentos musicais: o punk e a new-wave. New York Dolls, Ramones, Sex Pistols, Stranglers, Clash e Ray Spex foram alguns dos grupos que se envolveram no punk.

Iniciado no findar da primeira metade desta década, o movimento seria de curta duração. Grandes vencedores terão sido os Clash e os Stranglers, em termos de futuro no meio musical e, os Sex Pistols que, na altura própria, foram quem melhor personificou o movimento. Os Stranglers e os Clash conseguiriam abandonar o punk, evoluindo para outras áreas, sem serem muito molestados, conseguindo mesmo tornar-se duas das mais fortes bandas dos finais da década de setenta. Os Sex Pistols, com a morte de Syd Vicious, ficaram definitivamente acabados.

Com o aproximar do fim do punk, outra corrente musical surgiu: a new-wave. Surgida em meados de 77, trouxe ao seu seio muitos bons músicos. Nina Hagen, Lene Lovich, Human League foram alguns dos músicos que surgiram na altura. Nina Hagen terá sido quem melhor personificou esse período, sendo notório nos seus discos a passagem do punk para a ''nova-onda'', recém-nascida mas, que de imediato conquistou as simpatias do público. Lene Lovich fez bons trabalhos, ficando com uma grande quota-parte nas responsabilidades do desenvolvimento da corrente. Se na década anterior a luta conjunta por determinados ideais tinha sido o prato forte, nesta, praticamente, não existiu. A música tornou-se definitivamente um negócio que, não se compadece com quaisquer factores, a não ser os

números de vendas. Os músicos encostados entre a espada e a parede, necessitando obter um caudal de vendas que lhe permita a manutenção no mundo da música, deixaram de arriscar, cingindo-se, quase exclusivamente, ao que já foi feito. No entanto, ainda assim há a salientar o aparecimento de alguns bons músicos no decorrer desta década.

Aqui, o destaque cabe aos Joy Division, U-2, Genesis, Peter Gabriel, Brian Eno, Roxy Music, Supertramp, Tom Waits, Gong, Horslips, Emmylou Harris, Ian Hunter, Jacksons, Kraftwerk, Nazareth, Mike Oldfield, Queen, Tubes, Uriah Heep, Aerosmith, America, Tommy Bolin, Jackson Browne, Camel, Eagles, Earth, Wind & Fire, Faces e Foreigner. Os Joy Division foram, a exemplo dos Doors, uns bons "tipos" depois de mortos.

Viveram o tempo suficiente para deixarem neste Mundo uma colecção de trabalhos suficiente para, em termos qualitativos — não quantitativos —, poderem ser comparados com qualquer músico ou grupo detentores do estatuto de "monstro sagrado". No entanto, seria algum tempo depois de o seu líder, Ian Curtis, morrer que, a crítica e o público rendeu a devida homenagem aos trabalhos da Division. Uma história que se começa a repetir com uma assustadora frequência.

Entretanto, já bem no fim dos anos setenta, nascia outra banda muito importante no seio do rock: os U-2. Olhados a princípio com alguma desconfiança, os U-2 acabaram por ver o seu real valor reconhecido, apesar de em termos de grande público isso ainda não ser evidente. O hiper-realismo e o espírito

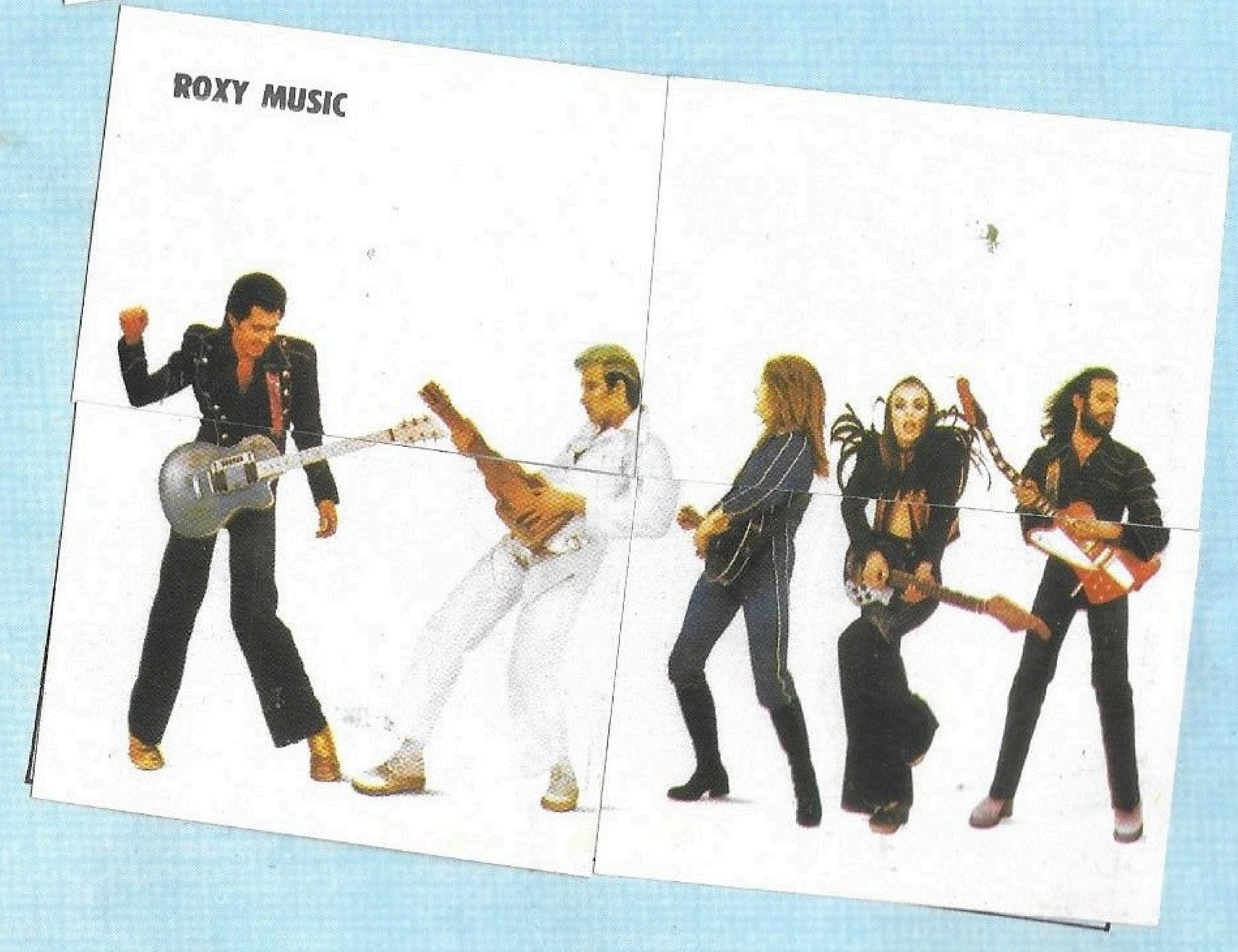






MUSIC STARS





visionário desta banda, aliados a muita criatividade, conduziram-na a um posto muito elevado na hierarquia do rock.

Peter Gabriel depois de ter fundado os Genesis e de com eles ter feito trabalhos de muito bom recorte no mundo do rock-progressivo, decidiu empreender, paralelamente, carreira a solo. Espectacular é a palavra que exprime melhor os resultados alcançados.

Também em palco Peter Gabriel inovou muita coisa. A teatralização que imprime nos seus espectáculos torna-os diferentes dos de qualquer outro músico. Kate Bush, a descoberta de Gilmour, será quem mais se assemelha a Gabriel em termos de teatralização.

Os Roxi Music surgiram com um soft-rock todo "limpinho" e "arrumadinho" que, se bem que em criatividade não seja muito conseguido, proporciona, porém, melodias de muito bom recorte. Brian Eno e Brian Ferry estiveram na base do êxito desta banda que, o primeiro, algum tempo depois, deixou para seguir carreira a solo.

Mike Oldfield surpreendeu meio Mundo com o seu "Tubular bells", demonstrando, cabalmente, que o trabalho experimental de fusão proporcionava excelentes resultados, quando feito com alguma imaginação.

Os Queen surgiam com uma ''costela'' de David Bowie e outra dos Led Zeppelin. Durante os três primeiros álbuns a situação foi essa, até que no quarto, ''A hight at the opera'' (uma das mais caras produções realizadas até hoje), se afirmam de forma peremptória como donos de um estilo sem precedentes. Com uma certa magnificência em todos os seus trabalhos, os Queen acabaram por se tornar, já no fim da década, uma banda demasiadamente comercial e agarrada ao factor vendas.



Os Jacksons, do outro lado do Atlântico, começavam a coleccionar êxitos, por via do seu funk muito ''certinho''. Nestes dez anos, revelaram-se como um dos grupos de maior êxito dos Estados Unidos. Campanhas promocionais arrojadas e muitos truques levaram os Jacksons a um dos degraus mais altos da música norte-americana.



Entretanto, dá-se o aparecimento em força do hard-rock e do heavy-metal. Aerosmith, Kiss, AC/DC, ZZ Top e outros, aparecem então no seu estilo duro, por vezes tecnicamente medíocres, a vender discos de uma forma assustadora, fazendo da violência o seu prato forte. Os álbuns saem praticamente de uma linha de montagem, tal o grau de falta de imaginação ostentado. Bem

MUSIC STARS

visível no caso dos AC/DC que, lançavam álbuns separados por um curto espaço de tempo, em que nada era inovado mas, sim limitado...
E esta década acaba com toda a gente a olhar para o futuro, para a grave crise discográfica que se adivinha. Crise que virá a ter as suas consequências negativas, como mais adiante veremos...



SPANDAU BALLET

ANOS OITENTA
Muitas modas — e os Rolling Stones...



STREET KIDS

Os anos oitenta estão decididamente marcados pela proliferação e curta existência de imensas modas musicais. A grave crise discográfica, reflexo inevitável da crise económica que, impiedosamente, se abate sobre todos os países, a isso obriga ou, pelo menos, para isso contribui. As editoras apostam cada vez mais no êxito do momento, relegando para segundo plano a manutenção de grupos de imenso poder criativo, se bem que anacrónico. Assim, de cada vez que surge uma nova moda, sempre apoiada por gigantescos alicerces promocionais, as etiquetas produzem grupos de que se sabe, à partida, que só durarão o tempo que durar a dita moda. Porque, e isso é bem evidente, poucos são os que resistem...
No entanto, a par de algumas revelações, estes anos têm sido dominados por músicos vindos já da década anterior. Alguns com formações diferentes, outros, tendo abandonado os seus grupos, em carreira a solo.
Os U-2 confirmam tudo o que a seu respeito tinha sido dito, somando aos seus



STYX

trabalhos anteriores, outros de inegável interesse. Os U-2 são um dos grupos a seguir nestes conturbados anos oitenta.

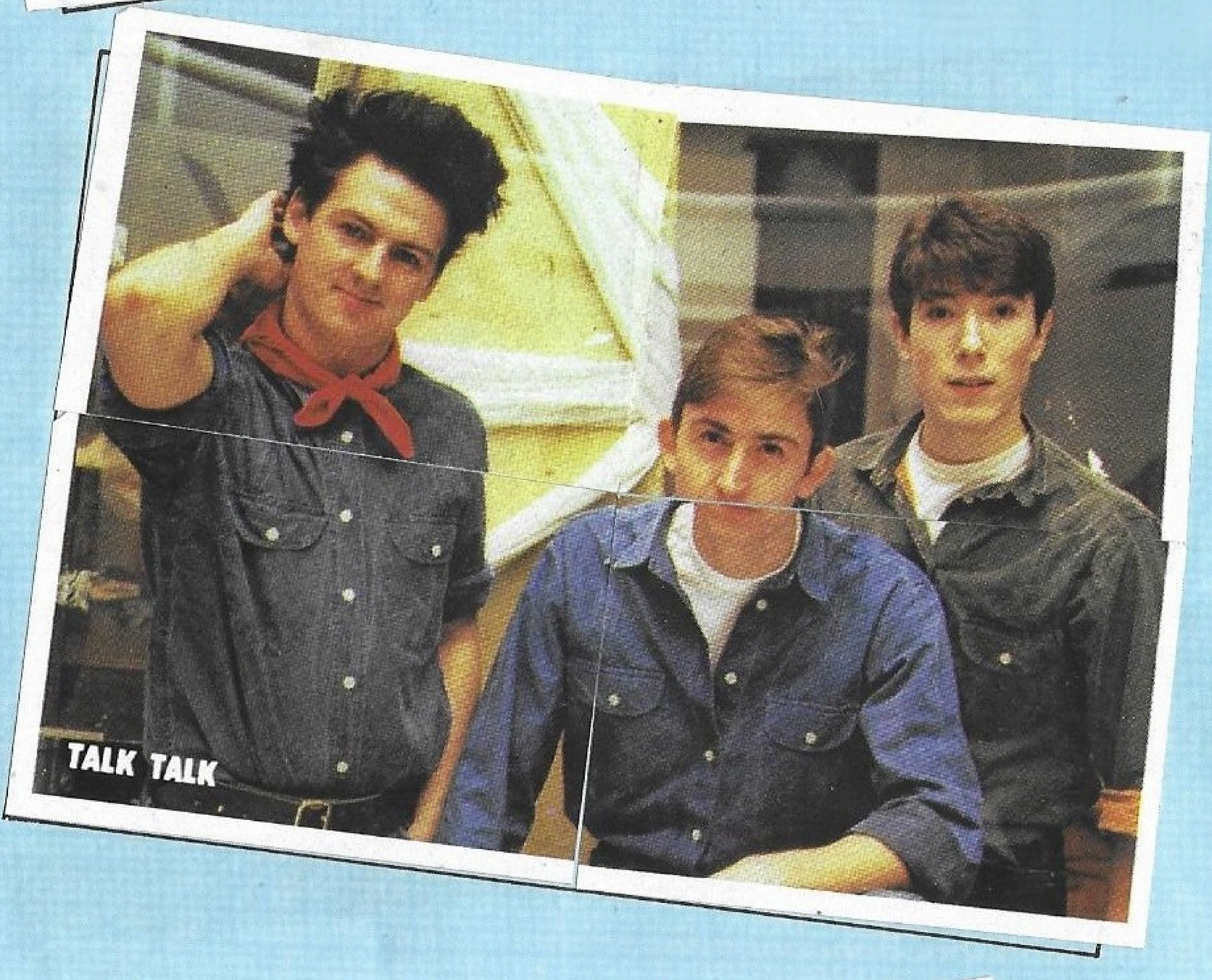
Revelam-se os Echo & The Bunnymen, indo contra tudo e contra todos. E aqui, a história dos Doors e dos Joy Division está à beira de se repetir. Vale-lhes (vale-nos?) o facto de os órgãos de comunicação estarem bastante mais atentos a grupos como eles.

Assiste-se a um revivalismo da onda pop, de que os Haircut 100 terão sido os grandes responsáveis. Esta banda inglesa conseguiu, em plenos anos oitenta, fazer-nos reviver a pop com a mesma força que foi vivida na época própria. Com a saída do seu líder, os Haircut 100 devem estar definitivamente acabados.

Duas grandes revelações surgem-nos do outro lado do Atlântico: Michael Jackson e John Cougar, Michael Jackson, um dos elementos dos Jacksons, lança "Thriller" e bate todos os recordes que estão ao seu alcance. Há muito que um negro não conseguia dominar o mundo musical e Michael Jackson, tendo isso em conta, não descurou nenhum pormenor aquando da gravação deste disco. John Cougar descobriu a fórmula que lançou os Rolling Stones para a fama, utiliza-a e grava "American food", um álbum espectacular, de onde o R&B sai vitorioso. O álbum seguinte "Uh-huh" confirma tudo o que se disse na altura, revelando John Cougar como um dos compositores mais impostantes dos anos oitenta.

Os Rolling Stones aparecem nesta década iguaizinhos à década anterior. Uma total falta de imaginação, álbuns







MUSIC STARS





gravados para vender uma fórmula que já está ultrapassada e caduca. No entanto, os Rolling Stones transformaram-se numa autêntica instituição, tendo na música um lugar impar.

Os UB 40 revelam-se como uma banda importantíssima. Pegando no reggae e no seu antecessor, o ska, conseguem fazer trabalhos de grande valia, saltando para os tops com regular frequência.

Surgem os Culture Club, liderados por um personagem excêntrico, Boy George que, num estilo pop/funk conseguem num ápice tornar--se numa das bandas de maior sucesso em Inglaterra. Também aqui a moda pegou e os plagiadores de imediato apareceram...

Um dos casos que mais tem dividido opiniões neste princípio de década é o aparecimento dos Duran Duran. Tentativa por parte da EMI de reeditar o sucesso que anos antes tinha tido com os Beatles, os Duran Duran são os grandes culpados do surgimento do neo--romantismo no seio da música anglo-saxónica. Após um primeiro álbum recebido com alguma desconfiança, os Duran Duran conseguiram dividir completamente quer a crítica, quer o público. Há quem lhes atribua um papel muito importante no contexto musical da Grã-Bretanha, há quem os chame ''pirosos'' e

''plagiadores'' de antigos sucessos.
Marienne Faithfull, uma ex--namorada de Mick Jagger, entra nestes anos oitenta em força.
O recente ''Broken english'' é disso prova. A cantora de inegáveis poderes criativos, Faithfull é bem capaz de se tornar uma ilustre ''velhinha'' no mundo da música. Um dos casos a seguir com atenção...
David Bowie surge-nos com um estilo completamente distinto do que lhe conheciamos. Abandonando definitivamente as várias personagens que foi ''vestindo'' ao longo de vários anos, Bowie aparece agora completamente virado para o factor comercial, conseguindo, no entanto, deixar o seu selo, bem característico, em ''Let's dance''.
Peter Gabriel continua na sua senda de êxitos, seguindo coerente e sem fazer concessões comerciais. O seu recente trabalho ao vivo ''Peter Gabriel — plays live'', confirma-o como um dos mais atractivos compositores contemporâneos.
Steve Miller consegue, por fim, saltar as luzes da ribalta, com ''Abacadabra'', cansativamente transportado





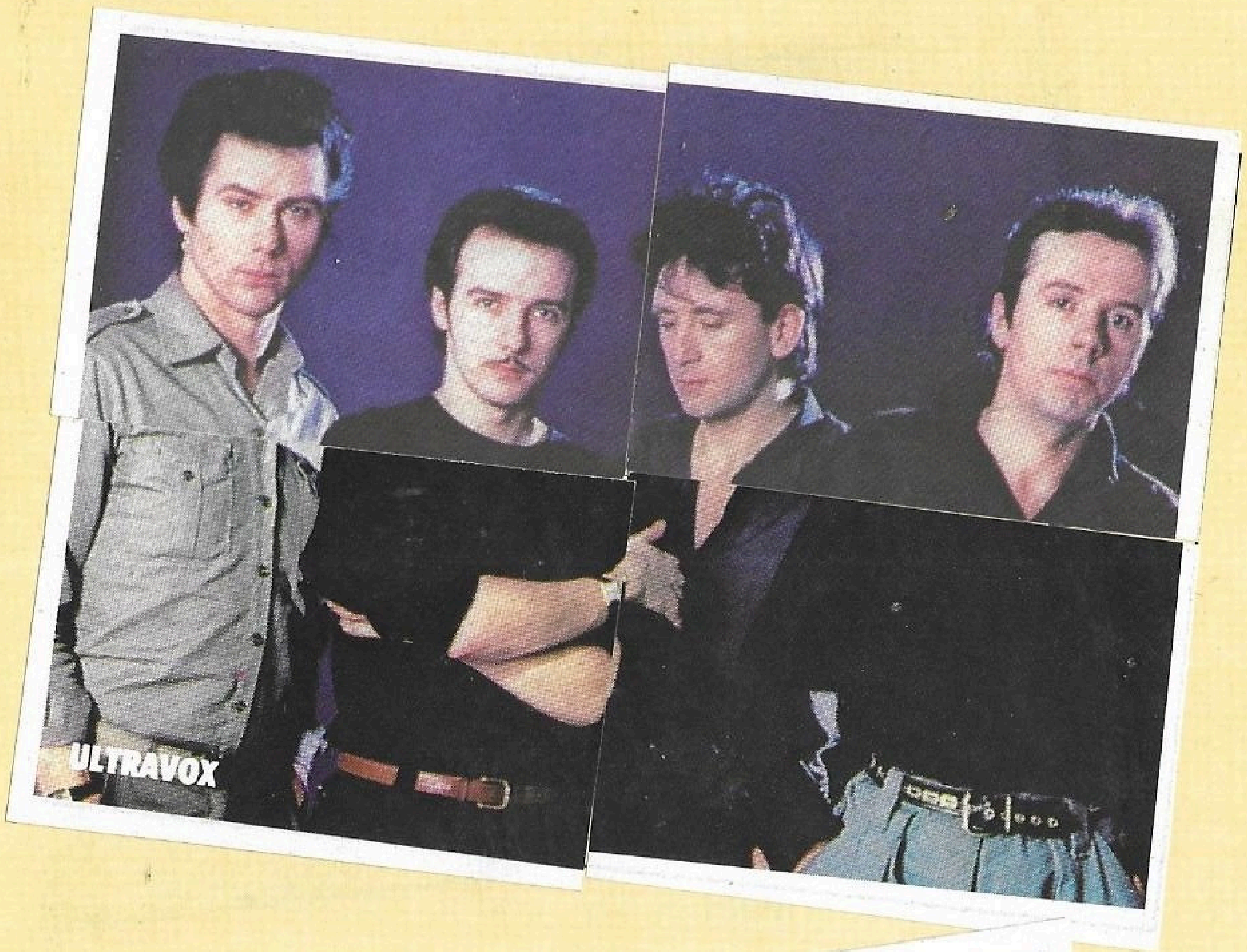
MUSIC STARS

pelas ondas hertzianas de todo o Mundo.

Jean-Michel Jarre grava o espectacular ''Concertos na China'' (título português) e o mundo musical agita-se com a profiquidade que Jarre conseguira dos elementos electrónicos. Começam-se então a ouvir de novo as antigas obras do músico francês e vários músicos se lançam na exploração dos instrumentos electrónicos. Aparecem os Saga em força, seguindo a mesma linha que os Genesis mas, distinguindo-se destes em vários aspectos. Os Saga são outra das bandas a ter em conta nos próximos anos.

É este o panorama que estes três primeiros anos da década de oitenta nos proporcionam. As grandes empresas discográficas cada vez mais viradas para os grandes êxitos comerciais onde, quase sempre, a qualidade e a imaginação ficam de fora. Algumas etiquetas independentes a lançar no mercado grupos de real valia mas, a debaterem-se com grandes dificuldades financeiras, pondo em perigo a sua continuidade. As técnicas de marketing a prevalecerem sobre os pormenores de qualidade. Mas, como temos de viver com o que temos, o melhor que temos a fazer é ir seleccionando o melhor possível...







O futuro? Só o futuro o dirá!

AO falar-se de quais os grupos/artistas que mais probabilidades têm de se afirmar num futuro próximo, toda e qualquer consideração é subjectiva e carente de bases. No entanto, sem querermos futurar, vamos tentar, tendo em conta as provas prestadas até aqui, ''descobrir'' o que a música tem para nos oferecer nos

tempos mais próximos. E, essencialmente, quem nos vai oferecer...

Música portuguesa

ENTRE nós parece estar a iniciar-se o ressurgimento da música popular. No momento em que o movimento do rock português (ou pseudo) começa a estar seriamente em causa, pelo menos no que respeita aos circuitos comerciais e, na música ligeira os bons trabalhos começam a escassear, o público está, cada vez mais atento ao que se passa no seio da música popular e/ou tradicional portuguesa. Claro que, assim, ganha especialmente a nossa cultura musical. Afinal esta é a música que mais enraizada está dentro de nós...
Quanto a nomes passíveis de vir a fazer carreira nesta pequena praça (a que, pomposamente, se costuma chamar mundo) musical portuguesa, na subdivisão popular e tradicional, há muito por onde escolher. No campo das afirmações, Pedra d'Hera, Janita Salomé, Vai de Roda e Disto e Daquilo. O Ó Que Som Tem (um projecto de percussões, até ao País) e Terra a Terra são quem mais parece "em forma". Deles muita coisa há a esperar num futuro próximo. Nas suas mãos, a música popular portuguesa está muito bem entregue...
Já consagrados e com excelentes perspectivas, Vitorino, José Mário Branco, Trovante, Júlio Pereira, Banda do Casaco, Brigada Victor Jara, Sérgio Godinho e Zeca Afonso (apesar da doença que o importuna) poderão acrescentar álgo mais ao que já se fez no seio da música portuguesa. A partir do momento em que o panfletismo originou/passou







a poesia, as boas obras têm surgido a um ritmo assustador...
No capítulo "roqueiro", UHF, Jafumega, Sétima Legião, Heróis do Mar, Go Graal Blues Band, Rui Veloso e Roxigénio poderão rejuvenescer um movimento que se encontra moribundo. Exceptuando os Sétima Legião (que por isso não perdem valor), todos os atrás citados já deram, no passado, excelentes provas, o que, como é óbvio, nos faz ter esperanças no futuro.
Entretanto, convém não esquecer os Zoom que, se encontram na Grã-Bretanha a gravar um disco para "Mundo ver". A ver vamos...
Entretanto, existem por aí alguns músicos a quem cabe uma tarefa de "ligação" — uns entre a música popular e a ligeira, outros entre esta e o rock, etc. Encontram-se neste "parentesis" Paco Bandeira, José Campos e Sousa, António Variações, Né Ladeiras, Carlos Alberto Moniz e Maria do Amparo, Mário Mata e Rão Kyao. De qualquer um deles se pode esperar o melhor. Diga-se, em abono da verdade que, por vezes, este tipo de músicos é mais importante que o dos que se dedicam a um género musical bem defenido. Aqui, a originalidade e a imaginação têm um papel muito importante a desempenhar...

Além fronteiras

Já no que respeita à música que importamos o caso é muito mais problemático. Portugal está cada vez mais colonizado pela música anglo--saxónica. Neste momento, na Grã-Bretanha, assiste-se ao fazer e desfazer grupos em série. Aparecem grupos de um só disco que, logo de seguida se separam, deixando o público, de certa forma, desnorteado e desiludido. Depois, uma pergunta se coloca: de quem são estes anos oitenta?
U-2, Dance Society e Echo & The Bunnymen encabeçam os grupos que marginalizam e são marginalizados pelo sistema. Fazendo da desilusão (cada um à sua forma) o tema principal das suas composições, estes grupos prometem lançar, se não melhores, pelo menos trabalhos tão bons como os que fizeram até aqui. Muita gente já comparou os Dance Society aos Doors e Joy Division. Para bem da música, esperemos que a história não se repita (porque isto de heróis já mortos já começa a fartar).
Grupos como os Duran Duran, Spandau Ballet, Culture Club, Kajagoogoo, estão no topo das tabelas de vendas europeias. Será deles o futuro? Pensamos que não. Pensamos que tudo isto não passa de uma moda, condenada antes de nascer.
Rolling Stones, Pink Floyd, Status Quo, Stix, Supertramp... Quantos mais anos vão resistir? No caso dos Status Quo e dos Stix, as obras continuam a ser tão aliciantes como anteriormente. A diferença é que a sensação de "dejá-vu" nos persegue de cada vez que lançam um disco. O mesmo para os Rolling Stones...
A pergunta mantém-se, portanto. De quem é o futuro? Talvez a resposta se encontre nos Aztec Camera, em Huey Lewis and the News (apesar da avançada idade), nos Lover Boy, em Brian Adams, em John Cougar...
Como sempre, tudo depende das oportunidades. Alguns dos atrás referidos têm todas as condições necessárias. Mas... E os outros. Começará o mercado discográfico a fechar-se em volta de meia dúzia de grupos de música de dança que por aí "copiam"? Continuaremos a ver músicos sortidos e sem qualquer originalidade a dar cartas no complexo mundo do show business? São muitas as perguntas, poucas as respostas ao nosso alcance.
De uma coisa estamos certos. O prazer de fazer música deu lugar ao negócio de fazer música. Nem que para isso seja necessário fazer obras complexas que nem os seus criadores sabem descodificar...

MUSIC STARS

MUSIC STARS

Para que possas saber os cromos que possuis da colecção "*Music Stars*", vai riscando nesta lista os números que adquiriste.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40
41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80
81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96-A	96-B	96-C	96-D	97-A
97-B	97-C	97-D	98-A	98-B	98-C	98-D	99-A	99-B	99-C	99-D	100-A	100-B	100-C	100-D	101-A	101-B	101-C	101-D	102-A
102-B	102-C	102-D	103-A	103-B	103-C	103-D	104-A	104-B	104-C	104-D	105-A	105-B	105-C	105-D	106-A	106-B	106-C	106-D	107-A
107-B	107-C	107-D	108-A	108-B	108-C	108-D	109-A	109-B	109-C	109-D	110-A	110-B	110-C	110-D	111-A	111-B	111-C	111-D	112-A
112-B	112-C	112-D	113-A	113-B	113-C	113-D	114-A	114-B	114-C	114-D	115-A	115-B	115-C	115-D	116-A	116-B	116-C	116-D	117-A
117-B	117-C	117-D	118-A	118-B	118-C	118-D	119-A	119-B	119-C	119-D	120-A	120-B	120-C	120-D	121-A	121-B	121-C	121-D	122-A
122-B	122-C	122-D	123-A	123-B	123-C	123-D	124-A	124-B	124-C	124-D	125-A	125-B	125-C	125-D	126-A	126-B	126-C	126-D	127-A
127-B	127-C	127-D	128-A	128-B	128-C	128-D	129-A	129-B	129-C	129-D	130-A	130-B	130-C	130-D	131-A	131-B	131-C	131-D	132-A
132-B	132-C	132-D	133-A	133-B	133-C	133-D	134-A	134-B	134-C	134-D	135-A	135-B	135-C	135-D	136-A	136-B	136-C	136-D	137-A
137-B	137-C	137-D	138-A	138-B	138-C	138-D	139-A	139-B	139-C	139-D	140-A	140-B	140-C	140-D	141-A	141-B	141-C	141-D	142-A
142-B	142-C	142-D	143-A	143-B	143-C	143-D	144-A	144-B	144-C	144-D	145-A	145-B	145-C	145-D	146-A	146-B	146-C	146-D	147-A
147-B	147-C	147-D	148-A	148-B	148-C	148-D	149-A	149-B	149-C	149-D	150-A	150-B	150-C	150-D	151-A	151-B	151-C	151-D	152-A
152-B	152-C	152-D	153-A	153-B	153-C	153-D	154-A	154-B	154-C	154-D	155-A	155-B	155-C	155-D	156-A	156-B	156-C	156-D	157-A
157-B	157-C	157-D	158-A	158-B	158-C	158-D	159-A	159-B	159-C	159-D	160-A	160-B	160-C	160-D	161-A	161-B	161-C	161-D	162-A
													162-B	162-C	162-C	163-A	163-B	163-C	163-D

PEDIDO DE CROMOS

A *Coquete* tem o maior prazer em ajudar-te a conseguir os últimos cromos "*Music Stars*"até ao máximo de 20, de acordo com a tabela seguinte.

ATÉ 10 — 50$00 — ATÉ 20 — 100$00

Corta por aqui e envia para *Coquete* — Apartado 10 — 2745 QUELUZ

Ao efectuares o pedido serve-te deste impresso e indica claramente o teu nome, morada e os números dos cromos, nos espaços respectivos. Não te esqueças de juntar o envelope selado e endereçado.

SÓ ATENDEMOS PEDIDOS FEITOS NESTE IMPRESSO E ACOMPANHADOS DE ENVELOPE SELADO E ENDEREÇADO COM O NOME E MORADA

NOME: ______________________________

MORADA: ______________________________

LOCALIDADE: ______________________ TELEF.: ______________

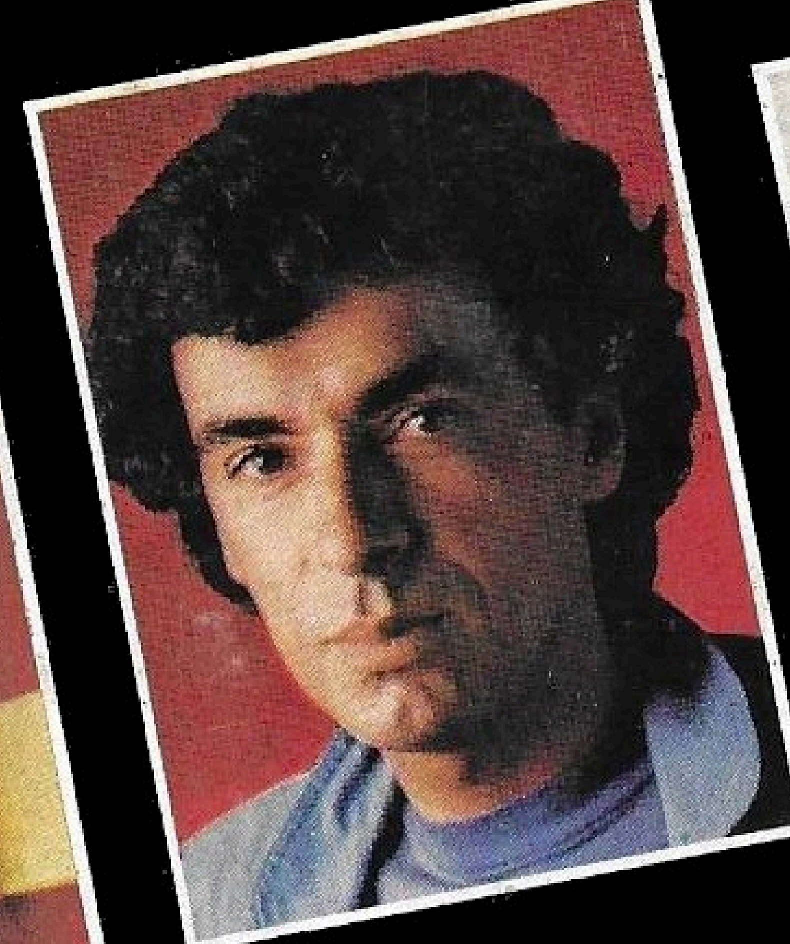
IDADE: __________

Números em falta da colecção "*Music Stars*"

PARA LIQUIDAÇÃO JUNTO CHEQUE N.º .... DO BANCO ....
VALE DOS CTT ....

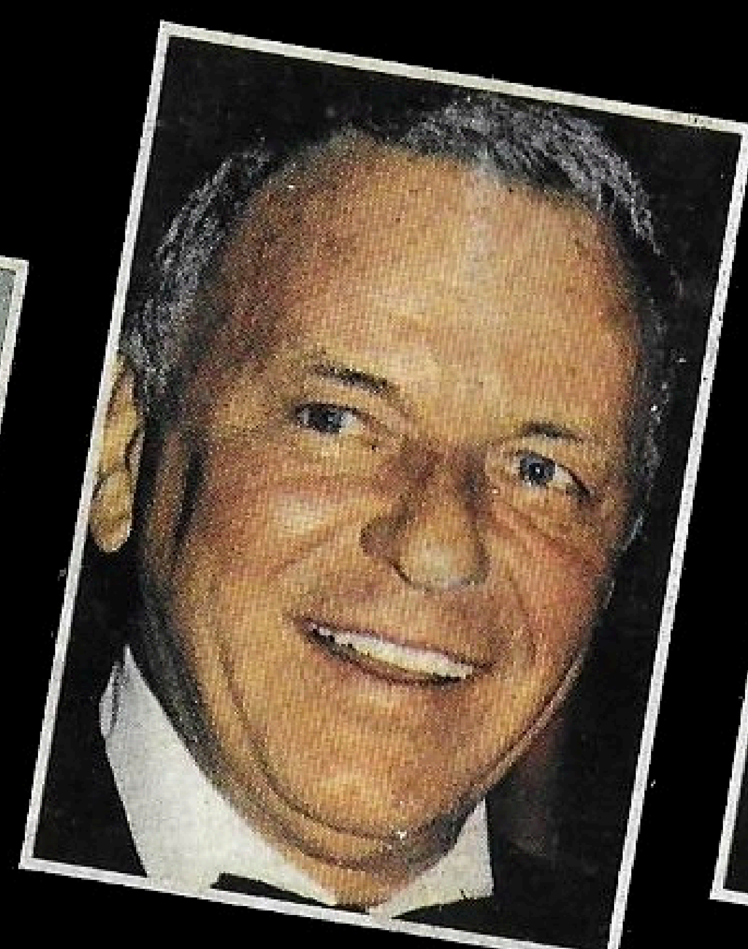
Impresso nas Edições ASA — Porto 30 000 ex. 3-84





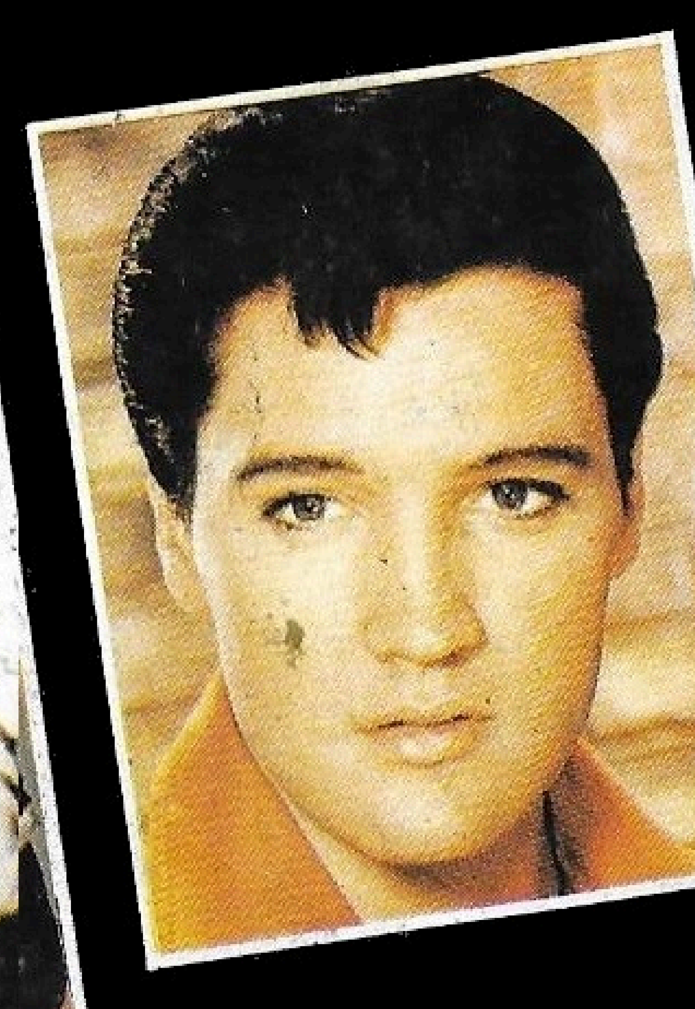


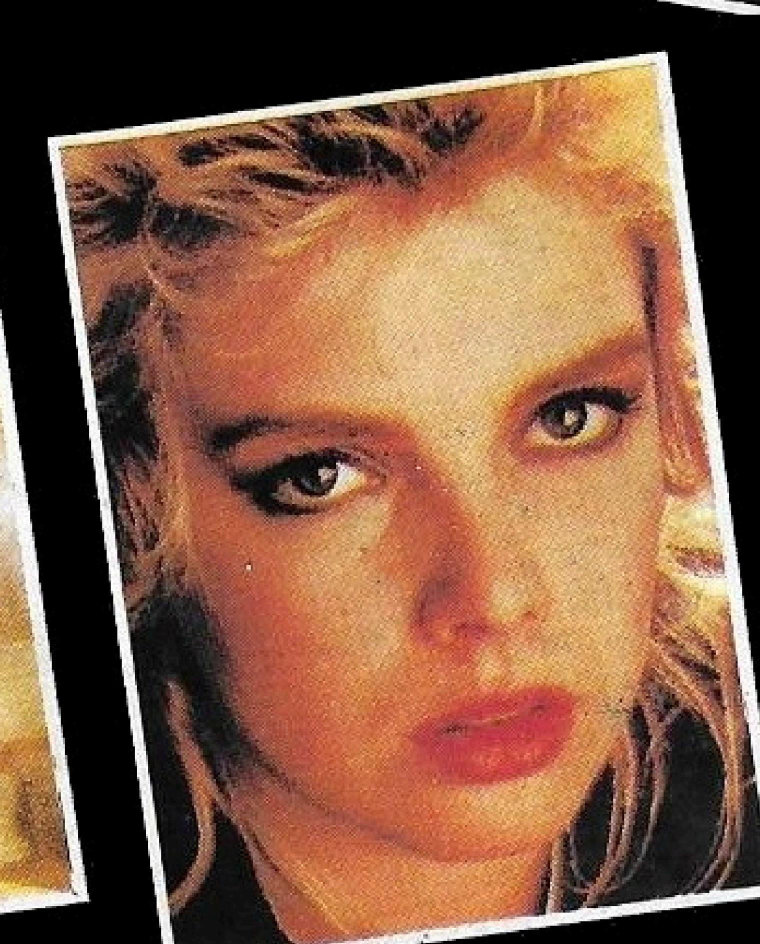












EDIÇÃO
Impala
Apartado 66.2745 Queluz

Preço: 50$00

Distribuidores exclusivos: Electroliber Apartado 4004.1500 Lisboa